

USOS DO ESPAÇO URBANO POR NEGROS E BRANCOS DE CLASSE MÉDIA

TRAJETÓRIAS, REDES PESSOAIS E LOCAIS FREQUENTADOS

Conforme já apontado anteriormente, o objetivo principal desta pesquisa de doutorado é analisar o papel da segregação residencial nas relações raciais do Brasil tendo como lócus a região metropolitana de São Paulo. Temos defendido, ao longo deste trabalho, a importância de uma abordagem que combine diversas técnicas de investigação buscando definições menos restritas e mais aprofundadas para assim elucidar o significado da segregação racial no contexto brasileiro.

Na análise quantitativa, lançamos mão de uma perspectiva mais tradicional que aborda a segregação a partir de indicadores que refletem os diferenciais de localização das residências de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, constatamos, através dos dados dos Censos de 2000 e de 2010, os contornos da segregação residencial por raça metrópole paulistana, manifestando-se com especial agudeza nas camadas médias e altas.

Contudo, em nossa descrição da segregação, buscamos ir além dos diferenciais de distribuição residencial, procurando demonstrar de que maneira as localizações das residências dos diferentes grupos se articulam com a integração entre distintas coletividades e com as possibilidades de acesso de cada grupo à cidade e à alteridade. Pretendemos averiguar como as configurações socioespaciais se relacionam com as características de integração e acesso para negros e brancos

em São Paulo. Ou como a segregação residencial importa para as relações raciais na maior metrópole brasileira. Para tanto, propomos uma pesquisa qualitativa na qual cada indivíduo entrevistado será tomado como um caso revelador de lógicas de articulação entre trajetórias pessoais, localizações residenciais, trajetos urbanos, práticas e relações sociais espacializadas.

Para o entendimento da segregação que perseguimos neste trabalho é indispensável o desenvolvimento de modos de captar as dimensões de integração e acesso, e suas articulações com o local de residência.

Com relação ao acesso, a pesquisa buscou catalogar os mais variados tipos de locais frequentados – para trabalho, estudo, lazer, compras, saúde etc. – pelos indivíduos entrevistados e avaliar em que medida raça e local de residência limitam a frequência a determinados espaços da cidade. Trata-se de um entendimento de acesso mais amplo do que o compreendido pela maior parte dos estudos sobre segregação residencial que se concentram na pobreza e no acesso a serviços públicos e mercado de trabalho por parte de grupos pobres e segregados.

No que tange à integração, levantamos redes pessoais, ou seja, os laços sociais mais próximos (ou íntimos) de cada entrevistado, além de diversos atributos de cada uma das pessoas próximas, tais como raça/cor, escolaridade, ocupação, local de residência etc. Na apreciação destas redes de relacionamentos pessoais, procuramos analisar de que maneira configurar-se-iam segmentações espaciais, raciais, de gênero e/ou de classe social.

Demos enfoque em indivíduos de classe média e abordamos os cruzamentos entre segregação e relações raciais a partir de uma perspectiva que pretende explorar as noções de distância física e distância social, buscando caracterizar os mecanismos através dos quais o local de residência constituir-se-ia como uma “barreira” que contribuiria para manter os negros de classe média socialmente distantes dos brancos destes mesmos estratos. No entanto, convém ressaltar que não entendemos que exista uma relação direta e linear entre distância física e distância social, nem tampouco pensamos que a sociabilidade e práticas sociais do âmbito da vizinhança sejam as mais apropriadas para verificar estas relações. Tal entendimento reforça a necessidade de investigarmos como a relação entre distâncias física e social é mediada pelo espaço urbano, no qual se inscrevem territórios configurados por práticas e relações de indivíduos e grupos sociais.

Nesta pesquisa, os “territórios de práticas e relações” (Telles, V. 2006) serão operacionalizados enquanto “redes de pessoas e locais”. Ou seja, uma vez que a noção sugerida por Vera Telles versa sobre percursos individuais e familiares, práticas e redes sociais construídas e mobilizadas no cotidiano urbano, podemos

nos aproximar dela através da coleta conjunta de trajetórias de vida, redes pessoais e locais frequentados, mas com especial ênfase na espacialização destes últimos. Assim, nossa tarefa será mapear tais territórios a partir do levantamento de trajetórias individuais, redes pessoais, locais frequentados, deslocamentos e circuitos constituídos pelos indivíduos no espaço urbano. A coleta dos relatos de vida de entrevistados e entrevistadas tem como perguntas fundamentais “Como foi?”, “Onde foi?”, “Onde viveu?”, “Onde vive?”, “Onde vai?”, “Faz o que?”, “Com quem?”. Deste modo as descrições das trajetórias e relações sociais de cada caso resulta em coleções de topônimos reveladores dos territórios de práticas e relações.

Para levantarmos as relações sociais, lançaremos mão de técnicas de coleta de redes pessoais (ou ego-centradas)¹. No entanto, cabe ressaltar que não se tratará, aqui, de uma pesquisa do campo de análise de redes sociais. As redes não serão o objetivo principal, mas um meio para delinear os territórios de práticas e relações. Assim, não desenvolveremos noções caras a este campo de estudos – como apoio social, densidade etc. A exceção será, como veremos mais adiante, com relação ao conceito de homofilia, uma vez que daremos grande ênfase aos atributos dos indivíduos que compõem a rede de nossos entrevistados.

Assim, na etapa qualitativa de nossa pesquisa, através de entrevistas semi-estruturadas e do levantamento de redes ego-centradas, abordaremos negros e negras de classe média moradores de determinadas áreas da metrópole – e também brancos com as mesmas características. Nosso intuito visa traçar os territórios de práticas e relações, revelando seus circuitos urbanos e os usos que fazem do espaço da metrópole, tendo em vista demonstrar maneiras pelas quais a segregação residencial, através do local de moradia, estaria relacionada a diferentes redes de relacionamentos, experiências e trajetórias urbanas de negros e brancos.

Este capítulo está dividido em três partes. A primeira discute os fundamentos das metodologias empregadas e as formas de operacionalização adotadas nesta pesquisa. A segunda oferece uma contextualização histórica e socioeconômica dos locais onde foi realizada a coleta de dados primários, além de breves descrições sobre as situações das entrevistas e do emprego do instrumental de pesquisa desenvolvido. A terceira parte descreve e analisa o material colhido, encaminhando algumas conclusões.

¹ Redes egocentradas são redes pessoais que se limitam às relações de um indivíduo (ego) com outras pessoas no máximo a um passo dele. Diferentemente das redes pessoais em geral, que incluem os amigos dos amigos (Cf., por exemplo, Marques & Bichir 2011).

4.1. PARTE I: METODOLOGIAS

4.1.1. Sobre métodos qualitativos

Contrapondo métodos qualitativos a métodos quantitativos, Howard Becker (1996) argumenta que estes últimos se caracterizam por procurar verificar hipóteses derivadas de teorias. Há uma grande ênfase na causalidade e na busca de explicações para os fenômenos, embora não sejam descartados usos exploratórios e descritivos dos métodos quantitativos. Seus resultados permitem revelar grandes tendências concernentes a populações e correlações entre variáveis. Porém, tais métodos não especificam o “como”, quais mediações articulam diferentes variáveis, quais as configurações, condições e práticas concretas estão associadas a determinados resultados. Tais resultados podem ser obtidos através da pesquisa qualitativa que permite, não comprovar ou demonstrar teorias gerais, mas especificar teorias gerais (Becker 1996; Bertaux 2010).

A pesquisa qualitativa visa descrever os fenômenos em profundidade, revelando, portanto, como eles acontecem. Não se trata de fornecer provas da existência de relações entre variáveis, mas sim de mostrar como determinados fatos estão lá juntos [*“how the things hang together”*] ou, em outros termos, como os eventos e as ações das pessoas coexistem em uma rede de influência e interdependência (Becker 1996)².

Investigações qualitativas como pesquisas de campo e estudos de caso adotam, segundo Bertaux (2010), uma perspectiva etno-sociológica que visa identificar lógicas e estruturas a partir do estudo de contextos específicos. A meta não é verificar hipóteses sobre as relações entre variáveis, mas compreender o funcionamento do fenômeno e elaborar progressivamente uma interpretação, um conjunto de hipóteses plausíveis acerca deste funcionamento. O pressuposto

² Becker (1993) enumera uma série de potencialidades das pesquisas qualitativas, sejam elas trabalhos de campo, estudos de caso, histórias de vida etc. Dentre tais potencialidades, mencionamos: a observação da prática das pessoas revela o caráter construído das variáveis com as quais lidamos em análises e desenhos de pesquisa sociológicas; a pesquisa qualitativa pode fornecer exemplos negativos que inviabilizam determinadas teorias, evidências que permitem complementar as teorias e perspectivas da vivência subjetiva de determinados processos por parte dos atores sociais; ela também pode propor novas evidências e questões para áreas de estudo estagnadas, além de revelar detalhes que são apenas inferidos ou especulados pelas pesquisas quantitativas.

subjacente é o de que lógicas operando em determinados microcosmos também podem ser encontradas em outros microcosmos semelhantes ou em contextos mais amplos.

Assim, cada indivíduo entrevistado deve ser encarado como um caso. Nesse sentido, o objetivo não é exatamente vislumbrar os esquemas de representações e práticas daquela pessoa específica, mas delinear configurações de relações, lógicas de ação e mecanismos sociais que aquele caso revela. Cada caso é um testemunho de um contexto social. Cada caso deve ser encarado como revelador de um pedaço da realidade social, uma peça num mosaico social (Becker 1993)³.

Em consonância com esta discussão, Small (2008, 2009) defende que não devemos nos guiar por parâmetros estatísticos que balizam as pesquisas quantitativas, como os conceitos de viés ou representatividade da amostra. As pesquisas qualitativas devem ser vistas não como estudos de amostra pequena [*small-sample studies*], mas sim como estudos de casos múltiplos [*multiple-case studies*]. Ou seja, deve ser aplicada uma lógica dos estudos de casos, não uma lógica estatística, tanto para a seleção de entrevistados quanto para a interpretação das informações coletadas. Ao final da análise, não estabeleceremos sentenças generalizantes, mas poderemos identificar mecanismos operando em determinados contextos e condições que poderão ser convertidos em novas hipóteses de pesquisa⁴.

4.1.2. Sobre análise de redes pessoais

No campo de estudos de análise de redes sociais, há duas formas de se observar as redes: como redes integrais (ou redes completas), ou como redes pessoais (ou redes ego-centradas). No estudo das redes integrais, os pesquisadores buscam uma visão completa de uma dada estrutura de relações. Em geral, define-se os limites de uma população ou grupo investigado e levanta-se uma

³ Bourdieu (1986), no célebre texto “A Ilusão Biográfica” alerta para a tendência dos indivíduos narrarem sua própria história de vida como um encadeamento lógico e linear de acontecimentos sucessivos quando, na verdade, as trajetórias de vida são não apenas marcadas por contingências e reviravoltas, mas, principalmente, condicionadas pelas estruturas de distribuição de capitais em jogo nos campos sociais que as envolvem. Assim, a compreensão das trajetórias deve, obrigatoriamente, levar em conta as estruturas sociais que as abrangem.

⁴ De acordo com Yin (2009), métodos de estudos de casos são indicados quando se busca responder questões “como” ou “por que”.

lista de todos os membros deste grupo e, enfim, todos os laços entre estes membros. No caso de redes de amizade, por exemplo, tratar-se-ia de levantar não apenas os laços entre um indivíduo e seus amigos, mas também os laços entre os amigos dos amigos, e assim sucessivamente, resultando em um grande número de indivíduos e laços.

As redes pessoais são constituídas pelas “pessoas com as quais estamos diretamente envolvidos” (Fischer 1982: 35), ou seja, elas são pequenas e partem de um dado indivíduo como ponto de referência. Trata-se de levantar as relações sociais imediatamente no entorno de determinados indivíduos. Os estudos procedem levantando uma amostra de indivíduos (*egos*), tomados como o centro de sua rede de relações. Boa parte dos estudos de redes pessoais utilizam métodos de *survey*, nos quais os questionários interpelam grandes amostras sobre a composição, os padrões de relação e as características dos componentes de suas redes. As redes de relações pessoais são, também, chamadas de comunidades pessoais e têm atraído o interesse de pesquisadores que buscam estudar apoio social, ou seja, recursos e solidariedades provenientes de laços pessoais próximos.

Abordagens clássicas dos estudos de redes pessoais podem ser encontradas nos trabalhos de Barry Wellman (1979) e Claude Fischer (1982). Ambos os autores levantaram redes pessoais como estratégia empírica para tratar da chamada “questão da comunidade” [*the Community Question*]. Trata-se de uma questão sociológica tradicional, que remonta a autores como Georg Simmel e Louis Wirth, e discute em que medida as transformações trazidas pela modernidade e pela urbanização alteram a qualidade das relações sociais, levando a um declínio da comunidade, esta última caracterizada por laços sociais eminentemente locais, vicinais e familiares. Estes autores se contrapõem a tal assertiva mostrando que as redes pessoais formam verdadeiras comunidades pessoais que não se restringem a relações locais.

Mas pessoas modernas e urbanas se tornaram desenraizadas e perderam suas conexões com esta comunidade local na medida em que perseguem relações fugazes no mundo mais amplo. (...) Contra-argumentos podem ser feitos, entretanto: que a vida moderna permite às pessoas construir relações pessoalmente mais gratificantes do que aquelas realizáveis na comunidade locais e criar mundos sociais quase inteiramente livres dos limites artificiais do lugar, criar comunidade sem proximidade [*community without propinquity*], e este tipo de comunidade é, no fim das contas, a mais pessoalmente satisfatória (Fischer 1982: 158).

Esta abordagem permite os pesquisadores estudarem comunidade sem necessariamente pressupor que todas as comunidades sejam solidariedades locais (Wellman 1999: xiv). A vizinhança seria apenas mais uma das possíveis dimensões de manifestação das comunidades pessoais. Em artigo clássico, Wellman (1979), demonstra que a maior parte dos laços dos urbanitas são constituídos não na escala do bairro, mas na escala da metrópole.

Em geral, a análise de redes pessoais lida com redes de tamanho muito menor que as redes integrais. A maior parte dos estudos aborda o círculo de pessoas íntimas ou alguns poucos confidentes das pessoas entrevistadas, examinando, de acordo com Wellman (1999), “entre seis e vinte dos vínculos mais ativos” (p. 52). Assim, a análise de redes pessoais enfoca os laços fortes, omitindo laços fracos e pessoas que não são consideradas próximas, mas que podem ter certa relevância no cotidiano. Além disso, os estudos de redes pessoais coletam informações de terceiros dadas pelos entrevistados, dependendo fortemente das percepções e classificações destes últimos. Por fim, há uma dificuldade para asseverar em que medida a composição de uma dada rede pessoal é determinada mais pelo contexto ou pelas escolhas individuais (Halgin & Borgatti 2012).

Não obstante, os autores que lidam com redes pessoais são entusiastas desta metodologia enquanto forma de reconstituir as estruturas sociais a partir das relações dos indivíduos (Gribaudo 1998). Para Fischer (1982), “É através de conexões pessoais que a sociedade é estruturada e os indivíduos são integrados na sociedade. É através dos laços pessoais que a sociedade faz sua marca em nós, e vice-versa.” (p. 3). Este autor acrescenta, ainda, que nossas relações são, em grande medida, escolhas pessoais, pois a manutenção dos vínculos ao longo do tempo depende de esforços individuais contra dificuldades e transformações em circunstâncias sociais. Porém, não é possível dizer que são escolhas totalmente livres, uma vez que são limitadas pelas pessoas e informações disponíveis para cada indivíduo, além das características dos contextos sociais nos quais cada um participa. O bairro é um destes contextos. Em suma, a opção por vincular-se a alguém é “baseada tanto em oportunidades significativas para contatos sociais quanto em ações e preferências individuais” (Briggs 2007: 266).

Em que pese tais limitações e preferências, as pessoas tendem a se relacionar com outros indivíduos com características muito semelhantes a elas. A esta tendência se dá o nome de homofilia. Assim, por exemplo no caso de uma mulher que possui uma maioria de mulheres em sua rede, dizemos que se trata de uma homofilia de gênero. Ou seja, podemos ter os mais diversos tipos de homofilia de acordo com o atributo considerado. Não se trata meramente de assumir que as

peças buscam outros parecidos com elas, pois processos sociais mais amplos incentivam isso ao canalizar as pessoas para contextos sociais que reúnem indivíduos semelhantes. Uma revisão abrangente sobre o tema pode ser encontrada em McPherson, Smith-Lovin & Cook (2001), que definem este conceito da seguinte maneira:

Homofilia é o princípio segundo o qual um contato entre as pessoas semelhantes ocorre a uma taxa maior do que entre pessoas diferentes. O fato que permeia a homofilia denota que as informações culturais, comportamentais, genéticas ou materiais que fluem através de redes tenderão a ser localizadas. Homofilia implica que a distância em termos de características sociais se traduz em distância de rede, o número de relações através das quais uma peça de informação deve viajar para conectar dois indivíduos. (p. 416).

Os autores sugerem relações análogas àquelas colocadas pelas teorias que afirmam que a distância espacial corresponderia à distância social. Ou seja, a composição das redes de determinados indivíduos indica as categorias sociais às quais estão próximos. Trata-se, então, de uma outra forma de investigar distância social sem necessariamente colocar acento nas localizações residenciais. Freeman (1978), que define segregação como restrições à interação (envolvendo ou não o espaço físico), defende que o estudo da segregação “requer o exame das redes de contatos sociais e relações que unem os indivíduos” (p. 413).

Portanto, não se trata aqui de propor a substituição dos estudos das localizações residenciais pelas redes pessoais na análise da segregação, mas sim de combinar as duas abordagens, buscando determinantes espaciais dos diferentes tipos de relação. Rich (2009), por exemplo, afirma que

definir um bairro como racialmente integrado não é simplesmente uma questão de igual representação de cada grupo racial na população, mas também deve incluir um componente social – como, quando, e onde diferentes residentes interagem através das linhas raciais (p. 850).

Briggs (2007) dá grande ênfase nas relações entre membros de distintos grupos sociais. Este autor acredita que tais relações constroem pontes entre as diferenças, promovendo reciprocidades e ampliando comunidades de interesses, favorecendo, enfim, o compartilhamento do poder e a convivência democrática (p. 265-6). A segregação residencial, na medida em que estaria correlacionada a uma segregação das amizades, prejudicaria a construção de tais pontes entre as

diferentes coletividades, contribuindo para a perpetuação de estereótipos negativos.

Porém, o contrário não parece ser factível. Jackman & Crane (1986) demonstram que proximidade física favorece interações, mas estas últimas não implicam em redução de estereótipos negativos e atitudes preconceituosas. “Quando os brancos experienciam um alto grau de contato pessoal com negros, os sentimentos de animosidade pessoal e distância social desmoronam. Isto, porém, não altera a relação de desigualdade que existe entre os dois grupos raciais, da qual os brancos se beneficiam” (p. 481-2).

Além disso, autores argumentam que a segregação pode ser um importante fator para firmar relações entre indivíduos de grupos subordinados, favorecendo reivindicações identitárias e políticas (P. ex. Telles 1996; 2012 [2004]). Lee & Campbel (1999) argumentam, ainda, que para os negros, diante de estruturas sociais discriminatórias, a proximidade espacial com outros negros da vizinhança enquanto arena de interação tem especial importância, levando-os a cultivar maior envolvimento com vizinhos do que os brancos.

4.1.3. Diretrizes operacionais da pesquisa

Seguindo os princípios da pesquisa qualitativa apresentados na discussão mais acima, em nosso desenho de pesquisa, cada entrevistado representaria um caso a ser comparado com um próximo entrevistado com diferenças relevantes do ponto de vista das questões de pesquisa (e não do ponto de vista da significância estatística). Não se trata, portanto, de almejar o local “típico” ou a amostra “representativa” de entrevistados. Os locais e os entrevistados abordados pela nossa pesquisa não pretenderão ser considerados amostras representativas de determinadas situações da metrópole, mas serão selecionados a partir de características relevantes para a nossa pesquisa. Primeiramente, deve haver um requisito que deve ser igual para todas as entrevistas: objetivaremos informações sobre núcleos familiares cujas pessoas de referência e/ou cônjuges possuam ocupação classificada nas categorias profissionais ou de proprietários e que possuam nível superior de ensino. Visamos, segundo os parâmetros utilizados nesta pesquisa, indivíduos de classe média.

E então, somos guiados por três ordens de diferenciação entre os indivíduos, relevantes para nossa pesquisa. Como se trata de uma pesquisa de relações

raciais, a primeira das ordens de diferenciação é racial: as características dos entrevistados negros são comparadas a características de entrevistados brancos.

Na segunda ordem, levaremos em conta as diferenças entre homens e mulheres, haja vista que as pesquisas têm constatado importantes distinções por gênero seja nas redes de relações sociais (Cf. McPherson, Smith-Lovin & Cook 2001), seja nas relações de vizinhança e trajetos pelo espaço urbano (Cf. Agier 1990; Flores 2006; Kwan 2013; Svab 2016).

A terceira ordem de diferenciação diz respeito aos espaços da metrópole. Segundo o desenho original desta pesquisa, por um lado entrevistariamos indivíduos residentes em determinados bairros dos chamados “espaços de elite e classe média-alta”, segundo a classificação de Marques (2014). Estes tendem a concordar com a “região geral” das camadas de alta renda que, de acordo com Villaça (1998), corresponderiam ao que a ideologia corrente preconiza como “a” cidade, orientando as representações sociais a respeito do espaço da metrópole. Por outro lado, entrevistariamos pessoas residentes em outros tipos espaços da metrópole (bairros de classes médias, misturadas e baixas)⁵.

Tabela 13: Atributos dos casos que serão estudados

Indivíduos de classe média (profissionais ou proprietários com ensino superior)			
Espaços com diferentes características socioeconômicas e de centralidade			
Negros/as		Brancos/as	
Mulher	Homem	Mulher	Homem

Iniciamos nossa pesquisa com a coleta de dados em áreas que não se enquadram na “região geral” de elite e classe média-alta. Nesse sentido, os requisitos para a delimitação dos espaços da metrópole onde buscamos nossos entrevistados foram de que as áreas escolhidas contassem com grande concentração de negros de classe média e fossem mais distantes dos “espaços de elite e classe média-alta”, que correspondem às principais centralidades da metrópole. A intenção, neste caso, é a de dar maior ênfase a um contraponto com relação à experiência urbana vivida pelos residentes destes setores de alta renda.

⁵ Convém ressaltar aqui que, com este procedimento, não temos a intenção de reforçar argumentos acerca de uma divisão binária entre centro e periferia da metrópole que tem sido questionado tendo em vista, principalmente, os processos de diferenciação dessas últimas.

Para elencar tais áreas, partimos da análise de mapas semelhantes aos apresentados no Capítulo 2 (Ver o mapa reproduzido no Anexo 12; e também nos anexos 4 e 8). Neles, identificamos um conjunto de áreas de ponderação no entorno de quatro distritos da Zona Leste de São Paulo: Artur Alvim, Itaquera, José Bonifácio e São Miguel Paulista. A maior parte dos espaços dessa região foram classificados por Requena, Hoyler & Saraiva (2015) como “periferias consolidadas”⁶. Tratam-se de regiões que têm passado por importantes transformações, despertando grande interesse do mercado imobiliário – com grande quantidade de lançamentos em período recente – animado por investimentos públicos e pela ascensão social de seus moradores.

Deste conjunto de espaços, escolhemos realizar a coleta de informações na região de São Miguel Paulista, não apenas por se tratar da área mais longínqua – em distância métrica e em termos de tempo de viagem – das principais centralidades da metrópole (centro tradicional, Paulista e Berrini, ver Frúgoli Jr. 2000), mas também por existir lá importante sub-centralidade da Zona Leste, com concentração de comércio, serviços e empregos.

Neste ponto, cabe enfatizar que os primeiros resultados da coleta de dados em São Miguel Paulista ensejaram importantes modificações na estrutura outrora planejada para a pesquisa qualitativa, que foi descrita acima. Algumas questões presentes no roteiro tiveram como objetivo identificar quais locais na metrópole os entrevistados desejariam residir caso não tivessem limitações materiais. A resposta preponderante foi “Tatuapé ou algum lugar da Zona Leste que seja perto do metrô”. Isso nos levou a crer que tais áreas sejam prováveis destinos residenciais de famílias em ascensão originárias de espaços mais periféricos da Zona Leste.

⁶ Camila Saraiva (2008) fez interessante pesquisa em bairros desta região, na qual problematiza a aplicação da expressão periferia consolidada para caracterizá-la. “Se, por um lado, percebemos a presença crescente de equipamentos de consumo coletivos, por outro, ficou nítida a diferença de sua quantidade e qualidade frente a áreas centrais da metrópole. Assim, e considerando os efeitos recíprocos do espaço social e do espaço físico, percebemos porque a periferia, embora com razoáveis condições urbanísticas e mercado de bens e serviços, não deixa de ser percebida como periferia, ou seja, de maneira condicionada à posição social ocupada por seus moradores nas hierarquias sociais que organizam a vida urbana. Não se trata, assim, da superação da velha diferença entre centro e periferia, mas, sim, de sua consolidação através da dinâmica do mercado de trabalho e do consumo, tanto coletivo como individual. Dessa maneira, consideramos, ao longo da dissertação, que periferia consolidada e consumidor emergente poderiam ser considerados como representações conexas de uma mesma experiência urbana.” (Saraiva 2008: 137).

Do conjunto das áreas nobres com maior concentração de brancos de classe média, escolhemos o Itaim Bibi para a realização das nossas entrevistas. Das cinco áreas de ponderação (de um total de 633) da RMSP com maior concentração de profissionais brancos, duas localizam-se no distrito do Itaim Bibi⁷. Além de ser uma das áreas mais elitizadas de São Paulo, o Itaim Bibi está localizado entre as duas principais centralidades contemporâneas, a avenida Paulista e a avenida Luís Carlos Berrini.

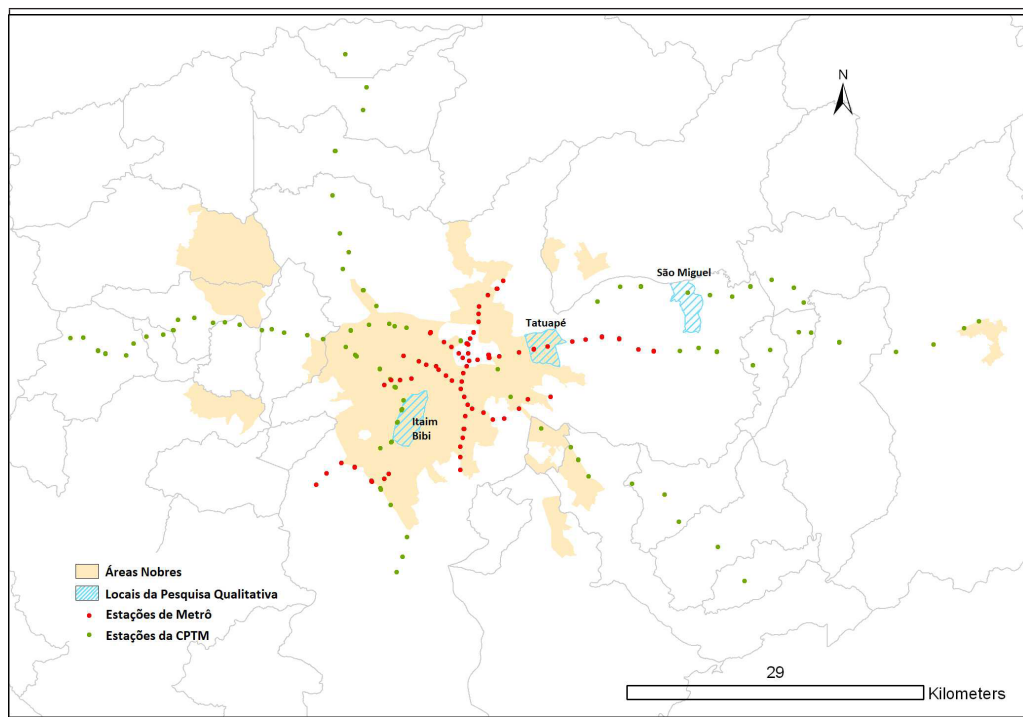
Deste modo, a segunda rodada da pesquisa qualitativa foi, então, dividida em duas partes: um conjunto de entrevistas no Itaim Bibi e outro no distrito do Tatuapé. Isso nos proveu uma perspectiva mais abrangente a respeito de trajetórias de ascensão, além de nos permitir uma abordagem mais nuançada do que a clássica polarização centro-periferia.

O Mapa 8 apresenta a localização dos distritos pesquisados – São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi – no espaço urbano da metrópole. O mapa destaca, ainda, o conjunto de “espaços de elite e classe média-alta” (Marques 2015), que servirá de importante referência para a construção de nossas análises. A estas, doravante, nos referiremos simplesmente como “áreas nobres” ou “regiões nobres”. Convêm ressaltar o posicionamento dos bairros onde foram realizadas as entrevistas com relação a este conjunto de “áreas nobres”: o Itaim Bibi estando totalmente inserido nesta região, o Tatuapé situado em suas bordas e São Miguel Paulista inteiramente fora delas⁸.

⁷ A outras três estão nos distritos de Moema, Jardim Paulista e Perdizes.

⁸ Os mapas exibidos neste capítulo são reproduzidos em tamanho maior nos Anexos 22 a 28. Como as descrições aqui apresentadas fazem menção a uma pluralidade de locais da região metropolitana, incluímos, no Anexo 20, mapa dos municípios da RMSP, e no Anexo 21, mapa dos distritos do município de São Paulo.

Mapa 8: Localização dos Distritos onde foi realizada a Pesquisa Qualitativa no espaço do Região Metropolitana de São Paulo.



A coleta de informações foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e do levantamento de redes pessoais. O encontro com a pessoa entrevistada foi precedido por um questionário socioeconômico mais geral (reproduzido no Anexo 15). Na entrevista semiestruturada são abordados temas como as trajetórias pessoal, familiar, educacional, residencial e ocupacional, características do bairro e relações de vizinhança e locais frequentados na cidade (o roteiro da entrevista encontra-se no Anexo 16).

Na sequência, apresentamos um formulário “gerador de nomes” para que a/o entrevistada/o informe os integrantes de sua rede pessoal, ou seja, as pessoas que o/a entrevistado/a considera próximas ou íntimas. Um “gerador de nomes” é um instrumento muito comum para o levantamento de redes. É feita uma série de questões ao entrevistado cujas respostas são nomes de componentes de sua rede (Anexos 17 e 18).

Claude Fischer propõe, para o estudo de redes pessoais, uma bateria de questões para as quais as respostas denotariam proximidade – no sentido de interações e trocas sociais, materiais ou emocionais (Fischer 1982: 35-6) – entre

o entrevistado e as pessoas citadas⁹. O instrumental de coleta utilizado nesta pesquisa, e apresentado no Anexo 17, utiliza-se de adaptações das questões propostas por Fischer (1982). Uma vez levantados os componentes das redes, pede-se para que o entrevistado informe as seguintes características de cada um deles: sexo, idade, raça/cor, escolaridade, ocupação, onde mora, como conheceu¹⁰, com que frequência encontra.

Desde o início da entrevista foram entregues aos entrevistados um conjunto de mapas impressos em preto e branco, enfocando áreas no entorno de sua residência, bem como diversas outras partes da metrópole. Foram fornecidas também canetas coloridas com as quais as/os entrevistadas/os tiveram de marcar todo tipo de local mencionado no decorrer da entrevista. Em geral, distintas cores de caneta foram utilizadas para marcar diferentes tipos de atividade, como locais de moradia, locais de trabalho, outros locais frequentados e residências dos membros das redes. Um exemplo de preenchimento destes mapas pelos entrevistados pode ser examinado na Figura 2 (reproduzimos uma versão ampliada desta figura no Anexo 19).

⁹ Para Fischer (1982), “As pessoas estão relacionadas umas com as outras na medida em que elas interagem ou trocam umas com as outras, seja esta interação material, como emprestar ferramentas, de sociabilidade, como quando divertem-se juntos, ou emocional, como consolar ao outro” (p. 36). A partir dessa definição de relação, este autor propôs uma bateria de questões para captar os laços pessoais. Em nosso instrumental, empregamos adaptações das questões utilizadas na pesquisa de Fischer.

¹⁰ Incluímos a pergunta “como conheceu?” para substituir uma categorização por esfera de sociabilidade (família, amizade, trabalho, vizinhança etc.). Os primeiros entrevistados tinham dificuldades em determinar qual esfera de sociabilidade cada pessoa próxima citada pertencia. A principal dificuldade residia no fato de que eles não consideravam as opções de esfera como mutuamente excludentes, marcando várias. Além disso, a categoria “amizade” enquanto esfera de sociabilidade não era bem compreendida pelos entrevistados que consideravam praticamente todas os indivíduos mencionados como “amigos”. Assim, substituímos esta questão pela questão “como conheceu esta pessoa?”, e empreendemos uma codificação *a posteriori*.

Figura 2: Exemplo de preenchimento dos mapas pelos entrevistados



4.2. PARTE II: CONTEXTOS E SITUAÇÕES DA PESQUISA QUALITATIVA

4.2.1. Contextualização das áreas pesquisadas

De acordo com Teresa Caldeira (1984), na cidade de São Paulo do início dos anos 1940 “a zona de ocupação contígua não ultrapassava Perdizes, a oeste. Barra Funda e Belenzinho, ao norte; Mooca, a leste; e o Jardim América, ao sul.” (p. 15). As áreas abordadas pela pesquisa qualitativa – São Miguel Paulista, Tatuapé, e Itaim Bibi – não passavam, no início do século XX, de subúrbios afastados ou aldeias semi-rurais. Contudo, cada um desses espaços teve trajetórias de desenvolvimento muito distintas no último século.

As vias férreas foram importantes eixos organizadores das localizações das indústrias e da urbanização de São Paulo no final do século XIX e início do XX. Na zona leste de São Paulo, onde se encontram o Tatuapé e São Miguel, a ocupa-

ção do espaço foi fortemente influenciada pelo traçado da estrada de ferro Central do Brasil, cujo trecho Brás-Penha foi inaugurado em 1875 (Endrigue 2008). A presença das indústrias incentivava a aglomeração residencial, a construção de vilas operárias e a instalação de pequenos comércios. Contíguos a ferrovias estavam os primeiros bairros industriais da zona leste, como o Brás, Belém e Mooca. Na primeira metade do século XX, as instalações industriais vão se expandir para outras áreas da zona leste, incluindo São Miguel Paulista e o Tatuapé, que abrigou (e ainda abriga) numerosas fábricas.

A partir da década de 1970, com os processos de reestruturação produtivas, diminui a participação do setor industrial na economia do município, ganhando forte proeminência as atividades dos setores de comércio e serviços. É marcante deste crescimento da terciarização a proliferação de shoppings centers, hipermercados, universidades privadas, redes de lojas e edifícios de escritórios pelo espaço urbano paulistano. Tal processo trouxe significativas alterações em áreas antigas de bairros da zona leste que eram, antes, caracterizadas pela presença de pequenos comércios locais. A este processo de terciarização está ligada a emergência de novas centralidades na zona leste, como Penha, Vila Formosa, Carrão e, principalmente, o Tatuapé. (Rolnik 2000). Raquel Rolnik qualifica o Tatuapé como “centralidade emergente” não apenas pela concentração de comércios e serviços, mas também pela maior população de classes médias e altas e pela valorização imobiliária, com forte verticalização marcada por empreendimentos de médio-alto e alto padrão.

No início do século XX, o Tatuapé era um bairro de chácaras voltadas para produção de flores, hortaliças e frutas, principalmente uvas. (Lopes 2011). A partir da década de 1920, dezenas de indústrias se instalam no Tatuapé. Na década de 1940 é que o bairro recebeu obras de infraestrutura e “os primeiros equipamentos urbanos e que se desenvolve o comércio local (...) em torno da Praça Sílvio Romero. Também, neste momento, é que os pequenos proprietários, arrendatários e trabalhadores rurais dão lugar aos operários” (Endrigue 2008: 104).

A partir dos anos 1980, o Tatuapé perde o caráter operário e experimenta grande crescimento das atividades terciárias, da verticalização residencial e da valorização imobiliária. Torna-se, assim, uma centralidade emergente, sendo importante referência para toda a zona leste. Endrigue (2008) atribui os seguintes fatores como explicações para o fato do Tatuapé tornar-se uma centralidade neste momento histórico: (a) A implantação da linha leste-oeste do metrô, cuja estação terminal localizou-se no Tatuapé entre 1981 e 1986. O metrô proporcionou rápido acesso do Tatuapé ao restante da cidade, além de trazer forte valorização do entorno da estação como centralidade comercial. (b) A ampliação das avenidas Radial Leste e

Salim Farah Maluf, melhorias na infraestrutura do bairro e a existência de muitos terrenos vagos fizeram da região atrativa à expansão do mercado imobiliário. (c) Muitos moradores do próprio Tatuapé, enriquecidos pelas atividades industriais e comerciais, representavam forte demanda para empreendimentos imobiliários de alto padrão, muitos dos quais comercializados por construtoras do próprio bairro. Juntamente com os empreendimentos imobiliários vieram shopping centers, hipermercados, universidades, redes de franquias, edifícios de escritórios, hotéis etc (diversos dos quais ocupando espaços de antigas indústrias fechadas). “Nos anos 2000 tomou força o comércio ligado aos ramos de restaurantes, bares e eventos” (Endrigue 2008: 122). A autora destaca, também, a instalação, em 2007, de uma unidade do Hospital São Luiz, tradicional hospital privado voltado para públicos de classe média e alta.

São Miguel Paulista, localizado a cerca de 25km de distância do centro de São Paulo, é considerada uma periferia consolidada (Rolnik 2000; Saraiva 2008). No final do século XIX, a localidade começou a receber moradores que se dedicavam à horticultura, à fruticultura e a atividades primárias como olarias, extração de pedras etc. Mas permaneceu estagnada como uma aldeia de características semi-rurais até a década de 1930.

Bomtempi (1970) destaca três fatores desta época como determinantes para o crescimento e urbanização de São Miguel: (1) A inauguração da linha de ônibus Penha-São Miguel, em 1930. (2) A implantação, em 1932, de uma variante da estrada de ferro Central do Brasil, que saía da Penha, passando por São Miguel e reencontrando a linha principal em Poá. (3) O início da fase industrial do bairro, com a abertura da Companhia Nitro Química Brasileira em 1935. Em 1940, a Nitro Química já empregava um terço da população do bairro.

Daí em diante, a população do local cresceu paulatinamente¹¹ recebendo grandes levas de migrantes nas décadas de 1940 e 1950 e iniciando a “fase dos loteamentos” (Bomtempi 1970). Esta fase, na qual sítios eram loteados e vendidos aos migrantes recém-chegados, em sua maioria da região Nordeste, pôs fim ao caráter rural do bairro. São Miguel passou a se caracterizar, assim, por ser um bairro operário e nordestino (Fontes 2008). A partir da segunda metade da década de 1960, a Nitro Química começa a decair. A indústria funciona até hoje, mas empregando menos operários. São Miguel se transforma, assim, num bairro dormitório (Lopes 2011).

¹¹ Eram 4.702 habitantes em 1920, 7.634 em 1940, 16.022 em 1950, 65.992 em 1960, 235.346 em 1970 e 445.581 em 1980 (Caldeira 1984: 38).

Na década de 1960, é marcante também o crescimento de movimentos populares reivindicatórios em São Miguel, muitos vinculados à igreja católica. Caldeira (1984) qualificava São Miguel como “um bairro de oposição”, pois “(...) através dos diversos caminhos por que seguiram as políticas nacional e local, os habitantes de São Miguel sempre estiveram na oposição” (p. 41). De acordo com a autora, São Miguel, enquanto lar de trabalhadores de baixa renda, possuía forte tendência de voto em candidatos ou partidos que pretendiam representar interesses dos “trabalhadores”, “operários” e “pobres”. Contudo, para além do voto, havia forte mobilização dos moradores em torno de problemas urbanos e de falta de infraestrutura. A antropóloga contabiliza que, no distrito, haviam cerca de 30 Sociedades de Amigos de Bairro em 1979. Além disso, num contexto de forte ativismo e politização da Igreja Católica, São Miguel contava com 24 Comunidade Eclesiais de Base.

Nos dias atuais, São Miguel, em especial sua parte mais antiga, no entorno da estação da CPTM, representa uma importante centralidade comercial e de serviços para diversos distritos da periferia da zona leste paulistana, tais como Vila Jacuí, Jardim Helena, Vila Curuçá, Itaim Paulista, Lajeado, Guaianases etc¹². Quem desce na estação São Miguel Paulista da CPTM, pode atravessar a passarela no sentido norte e encontrar o Jardim Lapena, bairro de ruas estreitas, terrenos pequenos, casas com acabamento rudimentar, algumas ocupações irregulares e favelas de difícil acesso por automóvel, espremido entre a linha férrea e a grande área de propriedade da Companhia Nitro Química. Quem atravessa a passarela no sentido sul encontrará a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra (chamada de Praça do Forró), onde se localiza a antiga capela de São Miguel Arcanjo (patrimônio datado do século XVII) e a atual Catedral de São Miguel Arcanjo. Da praça, no sentido oeste, segue a Avenida São Miguel em direção à Penha, cortando a Avenida Jacú-Pesego Nova Trabalhadores, e passando por Vila Jacuí, Ermelino Matarazzo e Ponte Rasa. Ao sul da Praça do Forró, encontramos a Avenida Pires do Rio, que segue até as fronteiras meridionais do distrito de São Miguel e a Avenida Nordeste, que segue de forma sinuosa para sudeste, passando pela Vila Curuçá e chegando em Lajeado e Guaianases. Para oeste da Praça do Forró está a avenida Marechal Tito que segue sentido Itaim Paulista. A oeste desta praça encontramos, também, o “centro de São Miguel Paulista”, com uma concentração comercial antiga e muito densa e diversificada, com forte ênfase no comércio popular.

O histórico do Itaim Bibi é comumente dividido em três fases pela literatura especializada: a de bairro inicialmente popular, o processo de desenvolvimento

¹² Muitos de nossos entrevistados afirmaram, orgulhosos, que São Miguel Paulista é o terceiro principal polo comercial de São Paulo, perdendo apenas para o 25 de março e o Brás.

urbano que inicia sua verticalização e, por fim, a ruptura com a noção de “bairro” mediante a Operação Urbana Faria Lima (OUFR) nos anos 1990.

Sabe-se que no final do século XIX a região alagadiça e cheia de córregos entre a estrada de Santo Amaro, o rio Pinheiros e a Chácara Vila Mariana era denominada Chácara Ithaim, uma fazenda de 120 alqueires pertencente à família do general Couto de Magalhães - cuja sede encontrar-se-ia no atual número 9 da rua Iguatemi. Seguindo a tendência de crescimento da cidade para áreas rurais contíguas em uma São Paulo que passava de província para uma metrópole nacional, o local teria sido loteado pelos próprios proprietários nos anos 1920 e vendido principalmente para imigrantes italianos e portugueses à procura de terrenos mais baratos – dada a sua situação de várzea. A presença do poder público na região, contudo, só teria chegado na década seguinte, quando se realizou a doação das terras da região à prefeitura de São Paulo em 1934, o que permitiu a chegada de luz elétrica, água encanada, pavimentação e bondes que impulsionaram o comércio e o adensamento populacional. Já entre 1930 e 1940, com a canalização do Rio Anhangabaú, implantaram-se as atuais avenidas Nove de Julho e Cidade Jardim, componentes do Plano de Avenidas de Prestes Maia.

Seu desenvolvimento nas décadas de 1920 a 1950 é marcado por um uso público da região fortemente ligado ao caráter popular semi-rural que o bairro vinha ganhando. Eram principalmente dois locais que concentravam as atividades culturais da região: a Igreja do Divino Salvador (1942) e o Parque do Povo, originário da retificação do rio Pinheiros ocorrida entre 1930 e 1946. Neles, havia muitas quermesses, cortejos, bailes de carnaval, feira livre, cinema, pista de bicicleta, circo-escola, escola de arte, além de torneios esportivos de bocha – que sobrevive ainda nos dias de hoje – e de futebol de várzea com até nove times da região. A efervescência social deste bairro residencial de classe média levou subsequentemente grandes edificações à região, como indústrias de tecelagem, Fábrica Kopenhagen, Sanatório Bela Vista, Sabonetes Phebo, sorvetes Gelato e a loja de departamentos Mappin. “Em contrapartida, algumas favelas começaram a aparecer no bairro, principalmente na região onde hoje se encontra o Parque do Povo, a Rua Helena, a Rua do Rocio, isto é, na baixa Vila Olímpia, por ser uma zona alagada e aparentemente sem interesse ou valor econômico, próximo à Rua Funchal” (Levy 2014: 152).

Mas foi somente a partir de 1970 que o desenvolvimento urbano modificou agudamente a característica de vila da região, incorporando amplamente o bairro ao avanço urbanístico da cidade. É nessa década que ocorre a canalização de vários córregos, dando lugar às avenidas Juscelino Kubitschek, Bandeirantes

e Hélio Pellegrino, além da presença de marginais do rio Pinheiros e de pontes para a sua transposição – como a ponte Cidade Jardim. Ocorre a valorização dos terrenos do bairro, o que estimulou o mercado imobiliário, o adensamento urbano, a ampliação do uso comercial e de serviços e a verticalização da região, levando à “expulsão” de antigos moradores de casas térreas. Já na década de 1980, é possível mesurar a substituição de uma população de classe média para uma mais abastada na região: “entre 1967 e 1980, a renda média familiar do Itaim Bibi saltou de 6,8 salários mínimos para 25 salários mínimos, sugerindo um processo de substituição de população residente.” (Martins 1987: 64)

Tais modificações na área viriam a abrir caminho para a grande obra da região que levou a reestruturações ainda mais profundas, a Operação Urbana Faria Lima (OUFL). O processo de sua implantação data de 1968, quando o então prefeito Faria Lima assina a lei para a sua construção. Desde então, tal processo foi progressivo, iniciando-se de Pinheiros até a avenida Cidade Jardim em 1971; na gestão de Jânio Quadros (1985-1988), o arquiteto Júlio Neves modifica o projeto, que passa a guiar a interligação da avenida Juscelino Kubitschek com a avenida Luís Carlos Berrini. Mas foi somente com Paulo Maluf (1993-1996) que o projeto, após outra reformulação, foi aprovado na Câmara por unanimidade e, então, levado a cabo. Sua aprovação, contudo, contou com muitas intervenções contrárias e favoráveis da população de Pinheiros e Vila Olímpia. Quanto a isso, “esse mecanismo de pressão popular só foi eficaz no caso da OUFL porque se tratava da população de classe média e média alta, já que, ao compararmos este caso com aquele da Operação Urbana Água Espreada, os moradores da favela Jd. Edith, situada em área de intervenção da OUAÉ, não obtiveram o mesmo êxito” (Fernandes 2016: 74).

No total, foram derrubadas 380 casas, além de construções comerciais, alterando drasticamente a paisagem local. Isso levou à ainda maior valorização do solo e perda de densidade populacional, o Itaim Bibi deixando de ser predominantemente domiciliar quando em comparação com bairros entorno (Cidade Jardim, Jardins, parte do Brooklin). A OUFL fomentou ainda a orientação sudoeste do vetor de expansão imobiliária e econômica, dada a posição estratégica do bairro – entre a tradicional centralidade figurada pela avenida Paulista e o futuro do empreendimento paulistano instalado na avenida Berrini. A transformação de uma região alagadiça e de várzea na nova centralidade de São Paulo traduz o acompanhamento da região do Itaim Bibi em relação às diferentes fases de desenvolvimento do poder econômico da cidade. Isso se reflete nas características da população local hoje:

Atualmente, o estilo de vida predominante no bairro é desse novo morador, que em geral são jovens empresários, entre 25 e 40 anos, recém-formados ou em início de

carreira, solteiros ou recém-casados, sem filhos, bem sucedidos, que trabalham em empresas multinacionais instaladas no bairro e desejam morar próximo do emprego. Também se inclui neste perfil os estudantes que resolvem morar próximo das universidades do bairro, como a Universidade Anhembi Morumbi e o Instituto Insper, que possuem cursos de graduação e pós-graduação voltados para as áreas de negócios e economia, atingindo o público alvo, ou seja, os novos moradores. (Levy 2014: 186).

Tabela 14: Indicadores das áreas onde foi realizada a pesquisa qualitativa (2010).

Indicadores	São Miguel		Tatuapé		Itaim Bibi		RMSP	
	Branços	Negros	Branços	Negros	Branços	Negros	Branços	Negros
População, por raça	53,5%	45,2%	84,7%	12,1%	93,6%	4,7%	58,7%	39,3%
Educação: Fundamental incompleto	21,5%	21,0%	16,5%	3,7%	8,0%	1,2%	20,0%	18,5%
Educação: Fundamental completo	10,9%	8,0%	9,7%	1,7%	5,1%	0,3%	9,8%	7,0%
Educação: Médio completo	16,6%	12,9%	22,8%	3,5%	18,7%	1,4%	18,0%	9,9%
Educação: Superior completo	6,3%	2,8%	39,6%	2,7%	63,5%	1,9%	14,4%	2,4%
Ocupação: Trabalhadores Manuais	18,5%	21,4%	8,7%	4,8%	6,8%	2,3%	20,2%	22,2%
Ocupação: Técnicos e Não-Manuais	22,9%	17,9%	24,3%	4,2%	15,0%	1,4%	20,7%	12,9%
Ocupação: Profissionais	11,5%	6,9%	43,1%	4,3%	62,2%	1,7%	17,4%	4,4%
Ocupação: Proprietários e empregadores	0,7%	0,2%	10,3%	0,2%	10,1%	0,4%	2,0%	0,3%
Média da Renda Domiciliar	2935	2261	9644	5134	14066	9159	4839	2311
Média da Renda Domiciliar na Classe Média	4972	3922	13220	8457	17213	11373	10838	5149

A Tabela 14 demonstra fortes diferenças socioeconômicas entre as três áreas pesquisadas. Em São Miguel Paulista, dos indivíduos com mais de 25 anos de

idade, 42,5% não completaram o ensino fundamental. Este grupo não chega a 20% da população do Tatuapé, sendo menor do que 10% no Itaim Bibi. No Itaim, a proporção de indivíduos com ensino superior (65,3%) é cerca de quatro vezes a proporção da região metropolitana (16,8%). Possuidores de diploma universitário são 42,3% no Tatuapé e apenas 9,2% em São Miguel Paulista.

No que tange às características da população ocupada, em São Miguel Paulista 40% são trabalhadores manuais. Além disso, o distrito se caracteriza por uma proporção de técnicos e de trabalhadores não-manuais superior à da metrópole como um todo. No Tatuapé, há uma sobrerrepresentação dos brancos destas categorias ocupacionais. Contudo, neste local a sobrerrepresentação maior é de profissionais e de proprietários e empregadores – categorias consideradas como formadoras da classe média. No Tatuapé, a classe média é 57,9% da população ocupada. A classe média é apenas um quinto da população de São Miguel (19,3%) e quase três quartos (74,5%) do Itaim Bibi.

Deve ser realçada a enorme distância entre as médias de renda domiciliar entre São Miguel e os outros dois locais pesquisados, mesmo em domicílios de classe média. Isto evidencia o fato de que trataremos de classes médias muito distintas no que tange à capacidade de consumo e de mobilização de capital, mesmo se tratando de indivíduos com realização educacional e inserção ocupacional muito semelhantes.

O local com menor desigualdade racial de renda é São Miguel Paulista (a renda média dos negros é 77% da dos brancos). No entanto, a desigualdade racial é maior no Tatuapé (a renda média dos negros é 53% da dos brancos) do que no Itaim Bibi (a renda média dos negros é 65% da dos brancos). É possível que isto esteja associado ao fato do Tatuapé ser um distrito com um processo mais recente de consolidação enquanto área nobre, abrigando maior diversificação social e maiores desigualdades.

Enquanto o Tatuapé e o Itaim Bibi são áreas eminentemente brancas, em São Miguel Paulista, com uma proporção de negros acima da média da Região Metropolitana, há significativa mistura. Pode-se dizer que o Tatuapé e o Itaim Bibi, que costumam ser definidos por qualificativos baseados em características geográficas ou de classe social – respectivamente, “centralidade emergente” e “área nobre tradicional” –, na verdade, caracterizam-se mais pela concentração de brancos do que pela concentração de classe média. Por exemplo, em ambas localidades há mais brancos cuja escolaridade não passa de ensino fundamental incompleto do que negros, estes últimos em qualquer escolaridade ou ocupação. Mais do que áreas de classe média e alta, Tatuapé e Itaim Bibi são áreas brancas.

4.2.2. Contato com entrevistados e situações das entrevistas

A baixa proporção de indivíduos de classe média em São Miguel Paulista e a ainda mais baixa proporção de negros no Itaim e no Tatuapé tornaram especialmente difícil a tarefa de encontrar possíveis entrevistados para nossa pesquisa. Para tentar contornar este empecilho, contratamos um prestador de serviços especializado em localizar indivíduos com determinados perfis ou atributos. Tais profissionais costumam prestar este tipo de serviço de “recrutamento de entrevistados” para empresas de pesquisas de opinião e pesquisas de mercado.

De modo geral, tais profissionais procedem da seguinte maneira. A princípio, recorrem a listas de pessoas que já responderam a outras pesquisas anteriormente. Entram em contato com estas pessoas perguntando se aceitam ser entrevistadas ou se podem indicar algum possível entrevistado que se enquadre no perfil almejado pela pesquisa em pauta. Em caso de não obterem sucesso em recrutar todos os entrevistados pretendidos através destas listas, os recrutadores fazem buscas em redes sociais ou abordam pessoas em pontos de fluxo (locais de grande movimento, estações de trem, metrô, terminais de ônibus, parques) nos quais acreditam terem maior probabilidade de encontrar indivíduos no perfil desejado. Para aqueles que aceitam ser entrevistados pela pesquisa, os recrutadores oferecem uma quantia em dinheiro, chamada de “incentivo”.

Os entrevistados são abordados com a informação de se tratar de uma pesquisa de doutorado em sociologia da Universidade de São Paulo que visa avaliar as práticas e usos que moradores de São Paulo fazem da cidade, incluindo aí sua trajetória pessoal, seus trajetos, deslocamentos e suas relações sociais. Além disso, esclarece-se que as entrevistas são gravadas, mas que é garantido total anonimato aos entrevistados.

O formulário com questões socioeconômicas mais gerais é aplicado a possíveis entrevistados pelos recrutadores. As informações destes formulários (chamados de “questionários de recrutamento”) foram, então, transmitidas a nós, para julgarmos se os atributos individuais estariam de acordo com o visado pela pesquisa. Uma vez obtida nossa confirmação, os recrutadores agendam nosso encontro com os entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nos mais diversos locais. Das entrevistas de São Miguel Paulista, seis foram realizadas nos locais de trabalho dos entrevistados, quatro nas residências dos mesmos e outras quatro em locais públicos, como lanchonetes ou no campus da USP. No Tatuapé, uma entrevista foi rea-

lizada no trabalho e outra na casa das pessoas abordadas, três foram feitas em áreas comuns dos edifícios (hall de entrada, salão de festas) dos residentes e as restantes em cafés do Shopping Metrô Tatuapé. Das entrevistas do Itaim Bibi, uma foi realizada no trabalho do entrevistado, outra no salão de festas do prédio da entrevistada e as restantes em locais semi-públicos como Shoppings ou no SESC Pinheiros.

As entrevistas duravam cerca de uma hora e meia (sendo um pouco mais longas em São Miguel Paulista). Como a coleta de redes pessoais foi realizada no final da interação, muitas vezes os entrevistados já estavam cansados e preferiam responder verbalmente as perguntas sobre as características dos componentes das redes, em vez de anotar as respostas no formulário. Nestes casos, recuperamos as informações a partir das transcrições das gravações. É interessante notar, também, que alguns entrevistados rejeitavam empregar a categoria de cor “parda”, classificando a raça/cor de seus vínculos ou como “branca”, ou como “preta”.

Diferentemente de nossa expectativa, muitos entrevistados tiveram dificuldades de lidar com os mapas. Não conseguiam localizar determinados lugares, faziam marcações pouco específicas ou apenas circulavam os nomes de bairros ou distritos, em vez das localizações propriamente ditas. Provavelmente, isso decorre do fato dos indivíduos se orientarem mais por pontos de referências (como prédios, instituições etc.) do que pelo traçado de ruas e avenidas e delimitações geográficas e administrativas. Nos casos em que os entrevistados tinham dificuldades em lidar com os mapas, os topônimos mencionados foram levantados das transcrições das entrevistas e registrados pelo pesquisador.

4.2.3. Características gerais das pessoas entrevistadas

Durante o segundo semestre de 2016, foram realizadas 14 entrevistas com moradores de São Miguel Paulista. Considerando os parâmetros de seleção de entrevistados – indivíduos com ensino superior, exercendo ocupações profissionais ou proprietários –, foram realizadas 3 entrevistas com mulheres negras, 5 entrevistas com homens negros, 3 entrevistas com mulheres brancas, e 3 entrevistas com homens brancos.

Entre os meses de fevereiro e março de 2017, foram realizadas mais 14 entrevistas, 8 no Tatuapé (2 mulheres negras, 2 mulheres brancas, 2 homens negros, 2 homens brancos) e 6 no Itaim Bibi. Neste último local, não foram entrevistados

homens negros, dadas as enormes dificuldades dos recrutadores para encontrar tais indivíduos com as características requeridas.

A renda média dos entrevistados está compatível com a renda média de indivíduos de classe média de cada localidade. Não obstante, há significativa heterogeneidade nas rendas dos entrevistados. Em São Miguel Paulista, as rendas domiciliares variam de R\$ 3.000 a R\$ 10.000, no Tatuapé, de R\$ 5.000 a R\$ 30.000 e, no Itaim Bibi, R\$ 12.000 a R\$ 27.000. Ou seja, a maior heterogeneidade ocorre no Tatuapé e a menor no Itaim Bibi. Além disso, dentre o conjunto de entrevistados, o domicílio com maior renda em São Miguel Paulista não alcança o de menor renda do Itaim Bibi.

Dos seis funcionários públicos entrevistados, cinco são negros, cinco são moradores de São Miguel. Dos três empresários, dois são do Itaim Bibi e um do Tatuapé. Foram entrevistados quatro professores, três da rede pública, moradores de São Miguel, e um morador do Itaim Bibi que leciona em instituição privada.

A média de idade dos entrevistados é de 41,3 anos, o entrevistado mais velho possui 73 anos e a mais jovem tem 26 anos, ambos residem em São Miguel. Dos 28 entrevistados, 23 têm entre 30 e 50 anos de idade.

Os imóveis onde residem 23 dos 28 entrevistados são próprios e quitados. Moram em apartamento cinco dos seis entrevistados do Itaim Bibi, metade dos entrevistados do Tatuapé e apenas dois de São Miguel. Quase todos os entrevistados possuem automóveis, mas as entrevistas revelaram que o uso do carro para deslocamento cotidiano é mais prevalente entre os homens, ao passo que as mulheres se deslocam mais de transporte público.

Estas informações encontram-se compiladas nas Tabelas 14 (a seguir) e 15 (mais adiante). Os nomes dos entrevistados são todos fictícios.

Tabela 15: Características dos indivíduos entrevistados pela pesquisa qualitativa.

ID	Local	Gênero	Raça/ Cor	Curso Superior	Situação de Trabalho	Ocupação	Idade	Filhos	Renda Domiciliar	Pessoas no Domicílio
Joaquim	São Miguel	Masculino	Parda	Direito	Profissional Liberal	Advogado	60	4	5000	3
Amadeu	São Miguel	Masculino	Branca	Tecnologia da Informação	Empregado	Analista de Sistemas	27	Não	10000	4
Lucas	São Miguel	Masculino	Preta	Filosofia	Funcionário Público	Professor	37	Não	8000	3
Rebeca	São Miguel	Feminino	Preta	História	Funcionária Pública	Professora	45	1	7000	4
Regina	São Miguel	Feminino	Branca	Recursos Humanos	Empregada	Supervisora de Qualidade	45	Não	5000	3
Jessé	São Miguel	Masculino	Preta	Teologia	Empregado	Gestor de Negócios	36	2	3300	1
Santiago	São Miguel	Masculino	Preta	Jornalismo	Funcionário Público	Coordenador de Cultura	45	Não	3000	1
Rita	São Miguel	Feminino	Parda	Direito	Profissional Liberal	Advogada	39	1	4000	4
Luana	São Miguel	Feminino	Branca	Jornalismo	Empregada	Gerente de Vendas	23	Não	6000	3
Marcela	São Miguel	Feminino	Branca	Psicologia	Empregada	Psicóloga	35	Não	7000	2
Armando	São Miguel	Masculino	Branca	Odontologia	Profissional Liberal	Dentista Aposentado	73	3	10000	4
Lívia	São Miguel	Feminino	Parda	Matemática	Funcionária Pública	Professora	36		7000	3
Josué	São Miguel	Masculino	Parda	Matemática	Empregado	Analista de Sistemas	50	Não	8000	5

Glauco	São Miguel	Masculino	Branca	Enfermagem	Funcionário Público	Coordenador de Equipe	45		4500	1
Miriam	Tatuapé	Feminino	Branca	Artes Plásticas	Empregada	Assistente de Arte	47	2	6000	3
Fernanda	Tatuapé	Feminino	Branca	Jornalismo	Empregada	Gerente de Restaurante	38	1	8000	3
Alan	Tatuapé	Masculino	Branca	Jornalismo	Empregado	Assessor de Imprensa	30	Não	10000	5
Diogo	Tatuapé	Masculino	Branca	Direito	Profissional Liberal	Advogado	34	2	30000	4
Milena	Tatuapé	Feminino	Parda	Redes de Computadores	Funcionária Pública	Operadora de Redes	26	Não	5000	1
Sabrina	Tatuapé	Feminino	Parda	Gestão em RH	Empregada	Gestora de Pessoas	33	1	10000	3
Nei	Tatuapé	Masculino	Parda	Administração de Empresas	Empregado	Gerente de Compras	48	2	11700	4
Orlando	Tatuapé	Masculino	Parda	Química	Empresário	Empresário de Cosméticos	43	1	12000	3
Olavo	Itaim Bibi	Masculino	Branca	Fisioterapia	Empresário	Empresário de Saúde	38	Não	15000	1
Eliana	Itaim Bibi	Feminino	Branca	Serviço Social	Empregada	Assistente social	50	2	27000	3
Izilda	Itaim Bibi	Feminino	Parda	Gestão Financeira	Empregada	Assistente Financeira	40	Não	12000	3
Valter	Itaim Bibi	Masculino	Branca	Matemática	Empregado	Professor	46	Não	20000	3
Ivana	Itaim Bibi	Feminino	Parda	Biologia	Empregada	Analista Microbiológica	42	2	15000	4
Elvira	Itaim Bibi	Feminino	Branca	Turismo	Empresária	Empresária de Confeções	48	Não	15000	4

4.3. PARTE III: DESCRIÇÕES E ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

4.3.1. Introdução

Realizamos 28 entrevistas em três distintas localidades de São Paulo: 14 em São Miguel Paulista, oito no Tatuapé e seis no Itaim Bibi. As entrevistas versaram sobre diversas temáticas cujos conteúdos das respostas respaldariam análises de questões urbanas, de classe social e de desigualdades e relações raciais. Dentre os temas abordados, destacamos: origens familiares, infância e trajetória educacional, construção de projetos de vida e perspectivas; ingresso no ensino superior e vida universitária; trajetória ocupacional; percepções sobre classe social; trajetória residencial; formas de acesso à moradia; formas de locomoção na cidade; opiniões e representações sobre o bairro onde reside; relações de vizinhança e percepções sobre os vizinhos; locais onde os entrevistados almejavam viver; locais onde os entrevistados frequentam; situações de desrespeito e discriminação; redes pessoais e locais de moradia dos componentes das redes. As seções seguintes destacarão alguns dos achados mais relevantes das entrevistas semiestruturadas realizadas. Nossas análises pretendem evidenciar não apenas as peculiaridades das experiências dos moradores dos diferentes locais, mas também as diferenças raciais entre sujeitos de classe média.

Tendo em vista tais comparações e a intenção de revelar especificidades de determinadas categorias sociais, nossa pesquisa visou um equilíbrio na quantidade de negros e brancos e de homens e mulheres entrevistados. Entretanto, não foi possível atingir este equilíbrio em São Miguel Paulista, onde foram entrevistados 6 brancos e 8 negros (3 mulheres e 5 homens); e no Itaim Bibi, onde entrevistados 4 brancos (homens e mulheres) e apenas duas mulheres negras.

Nas próximas quatro seções, apresentaremos a descrição do material recolhido nas entrevistas segundo quatro blocos temáticos: (a) origens socioeconômicas e acesso à educação básica; (b) projetos e perspectivas e acesso à universidade e ao mercado de trabalho; (c) trajetórias residenciais, acesso à moradia e representações sobre a cidade; (d) situações de discriminação. As descrições em cada um destes blocos serão separadas de acordo com os três locais das entrevistas. Nos esforçaremos para realçar os aspectos que distinguem as experiências de negros e brancos em cada um dos blocos temáticos.

4.3.2. Origens familiares e educação básica

São Miguel Paulista

Diversas diferenciações puderam ser observadas acerca das origens familiares dos entrevistados negros e brancos de São Miguel Paulista. Um primeiro fator que chama atenção é que, de todos os 28 entrevistados, apenas três deles vieram de lares que não eram biparentais, os três são negros de São Miguel Paulista. Lucas e Jessé, tendo sido criados apenas pelas mães, são de lares monoparentais, ao passo que Santiago foi criado em um orfanato.

A migração nordestina é traço marcante nas origens familiares dos moradores de São Miguel Paulista, especialmente para o caso dos negros. Dentre estes, são filhos de migrantes Lucas, Josué, Rebeca e Rita. Joaquim e Lívia são, eles mesmos, migrantes. Dentre os brancos de São Miguel, Glauco é filho de migrantes nordestinos e Luana é neta destes.

Para avaliarmos pontos de partida socioeconômicos e herança de capital cultural de nossos entrevistados, consideramos, respectivamente, a ocupação dos pais e a existência de parentes com ensino superior na mesma geração familiar ou em gerações anteriores. De um modo geral, a origem socioeconômica dos entrevistados negros de São Miguel Paulista é mais baixa que entre os brancos. Os pais dos entrevistados negros tinham empregos públicos (p. ex., servente em escola pública) ou privados de baixa qualificação (p. ex., faxineira), ou eram pequenos proprietários (p. ex., ferro-velho). Dos seis entrevistados brancos, quatro eram filhos de proprietários ou profissionais (p. ex. pequeno comerciante, dentista) e as outras duas eram filhas de funcionários públicos ou privados de nível médio.

Cinco dos entrevistados negros são os primeiros a possuírem diploma de ensino superior em suas famílias (Joaquim, Santiago, Josué, Rita, Lívia). Os três restantes (Lucas, Rebeca, Jessé) não são os primeiros, mas fazem parte da primeira geração a entrar na universidade, ou seja, possuem irmãos ou primos com ensino superior.

“Da família paterna eu sou o único [com ensino superior]. Tenho dezenas de primos, mas nenhum deles se formou. Da família materna não fui o primeiro não. (...) Da parte branca tem [gente com ensino] superior, da parte negra sou o primeiro.” (Lucas)

Entre os brancos, apenas Luana foi a primeira da família a entrar na universidade. Glauco e Armando são casos de indivíduos que não foram os primeiros, mas que fazem parte da primeira geração da família a ingressar na faculdade. No entanto, deve-se notar que Armando cursou odontologia em uma universidade pública em 1967, época na qual o acesso à universidade era muito mais restrito. Nas famílias dos restantes (Amadeu, Marcela e Regina) há pessoas com diploma universitário na geração anterior a eles (pais ou tios), ou seja, há maior evidência de transmissão de capital cultural.

Três dos entrevistados brancos (Armando, Amadeu e Marcela) dizem fazer parte das primeiras famílias a se estabelecerem na região de São Miguel nas décadas de 1940 e 50 e há várias gerações apresentam posições sociais acima de média daquele contexto. Armando e Amadeu são, respectivamente, pai e filho. Armando, nascido em São Caetano do Sul, é filho de um comerciante atacadista de frutas que se estabeleceu em São Miguel para vender para indústrias, empresas e varejistas de grande parte da zona leste. Além disso, o pai exercia papéis de liderança na comunidade na época. Estudou na primeira (e única, na época) escola (pública) da região e formou-se em odontologia na Unesp (Universidade Estadual Paulista) de São José dos Campos. Os três filhos de Armando possuem ensino superior (Amadeu dentre eles).

Marcela vem de uma família de imigrantes alemães. Os bisavós “*compraram um terreno na Vila Progresso [bairro na parte sul de São Miguel Paulista] (...) [foram] uma das famílias fundadoras do bairro e lá ficaram desde então.*” Seus pais não possuem ensino superior, mas os tios têm diploma universitário.

Nas entrevistas com os negros, recorrentemente ouvimos um certo tipo de narrativa articulando dedicação aos estudos e sociabilidade na infância e adolescência: quase todos diziam que tinham grande interesse pelos estudos, muitas vezes incentivados pelos pais, e que, em função do fato de se concentrarem em estudar, não cultivavam muitas amizades com outras crianças e adolescentes.

“eu consegui ter um conhecimento que me distinguiu dos outros colegas, até me isolei por conta de ser uma “nerd” (Rebeca).

“Meu pai sempre entendeu que educação era uma coisa, por mais que ele tenha tido pouca, que poderia fazer com que nós tivéssemos uma vida um pouco melhor. E eu, diferentemente dos meus irmãos, busquei a educação como um meio de mudar socialmente. Então, assim, eu sempre fui muito ativo na área com a educação, sempre quis evoluir na área de educação. Porque eu sempre achei que ela ia me levar para lugares mais distantes” (Josué).

Não pretendemos aqui dar a entender que tais fatos não possam ser presentes nas trajetórias dos entrevistados brancos. O ponto é que este discurso é explícita e repetidamente afirmado pelos negros, como se estivessem enfatizando que estas eram características que os distinguiram no meio onde cresceram.

“eu procurava ser sempre o melhor da sala, pra eu poder enfrentar aquela questão de desigualdade” (Joaquim).

Quase todos os entrevistados de São Miguel, negros e brancos, estudaram em escolas públicas do distrito ou de imediações na zona leste. Nesse sentido, tivemos três exceções: Marcela, mencionada acima, cursou o ensino médio em um dos principais colégios particulares da região; O migrante Joaquim, de 60 anos, que, sendo filho de trabalhadores rurais, obteve bolsa em uma escola particular frequentada pela elite de sua cidade de origem, no agreste pernambucano; E a também migrante Lívia.

Esta última tem uma trajetória que destoa dos outros negros entrevistados em São Miguel. Filha de um despachante imobiliário e de uma funcionária pública da Receita Federal, Lívia nasceu em um lar de classe média na Zona Norte do Rio de Janeiro e cursou todo o ensino básico em colégios particulares cariocas e de Recife, para onde mudou-se na adolescência. Passou a morar em São Paulo após casar-se com um paulistano. Em sua criação era tido como obrigatório que ela deveria cursar o ensino superior.

“Pesquisador: Quando você decidiu que iria fazer faculdade?

Lívia: Eu já sabia que tinha que fazer a faculdade.

Pesquisador: Era uma coisa que seus pais falavam?

Lívia: Lógico! Eles pagaram escola particular pra mim a vida toda. E eu não iria fazer uma faculdade? Mas nem ia me enxergar na vida se eu não fizesse uma faculdade” (Lívia).

Em contraste com outros entrevistados negros de São Miguel Paulista. Este caso de Lívia é muito semelhante ao de entrevistados brancos do Tatuapé, que cresceram sabendo que iriam para a universidade, pensando o ensino superior como extensão quase que natural de seus estudos (conforme apresentaremos na próxima seção sobre universidade e mercado de trabalho).

Tatuapé

No Tatuapé, quase todos os entrevistados são filhos de profissionais ou proprietários (médico e donos de indústria, de lojas de laticínio, de salão de beleza), estudaram em escolas particulares, e tiveram parentes com ensino superior em gerações anteriores.

As principais variações com relação a este padrão ocorrem entre os negros. Os pais de Milena e Sabrina nem sempre foram proprietários: são funcionários públicos que decidiram investir em negócios próprios (salão de festas e taxis, respectivamente) paralelamente ao emprego público. Nei e Sabrina estudaram em escolas pública e fazem parte da primeira geração da família com ensino superior. Entre os brancos, a única exceção ao padrão descrito acima é Alan, que estudou em escolas públicas no ensino básico.

No conjunto de entrevistados do Tatuapé, talvez o principal fator de distinção entre brancos e negros é a origem residencial das famílias. Entre os negros, com exceção de Orlando, que é “nascido” no Tatuapé, todos vieram de localidades mais a leste, como Penha (Sabrina), São Miguel Paulista (Nei) e Ferraz de Vasconcelos (Milena). Entre os brancos, Miriam é proveniente da Bela Vista (na região central) e Diogo da Freguesia do Ó (na zona norte); os restantes, Fernanda e Alan, foram criados no próprio Tatuapé.

Itaim Bibi

Nossa análise do Itaim Bibi será prejudicada pela falta de entrevistados homens entre os negros, decorrentes das dificuldades de recrutamento de sujeitos com estas características no local. Considerando que a população desta área conta com menos de 2% de negros com ensino superior, as duas mulheres que se autoclassificam como de cor parda que entrevistamos representam casos raros, que merecem alguns comentários.

Ambas são irmãs e ensejaram uma questão não prevista no roteiro: “por que se classificavam como pardas?”, uma vez que pareciam brancas aos olhos do pesquisador. As duas responderam de forma semelhante: disseram que descendiam de uma família de migrantes nordestinos e que seus pais e, por consequência, elas certamente não seriam brancas. Todos os sete filhos deste casal de migrantes cresceram e estudaram em escolas públicas da região de Guaianases, na zona leste, cursaram ensino superior e possuem posição estável no mercado de trabalho.

Considerando a reduzida quantidade de entrevistados negros, a principal clivagem que pudemos observar no Itaim Bibi foi entre os três entrevistados originários de famílias com posições de classe média mais bem estabelecida e três entrevistados que viverem processos de ascensão social.

Fazem parte do primeiro grupo Olavo, Eliana e Elvira. São filhos de empregadores (donos de transportadoras, confecções etc). Estudaram em escolas particulares e foram criados, ou no próprio Itaim Bibi (como Elvira) ou em outros bairros de classe média, como Pinheiros (Eliana) ou nos condomínios da Granja Viana (Olavo).

O segundo grupo inclui as duas irmãs Ivana e Izilda, além de Valter, todos filhos de empregados, migrantes, e provenientes da zona leste. Valter foi criado no Tatuapé, cursou o ensino fundamental em escolas públicas e o ensino médio em escola particular. As irmãs cresceram na região de Guaianases e estudaram todo o ensino básico em escolas públicas.

Deve ser ressaltado, entretanto, que a experiência de acesso à universidade por membros das famílias não segue a clivagem delineada acima. Cabe aqui contrastar as quatro mulheres entrevistadas. As brancas, Eliana e Elvira, fazem parte da primeira geração de suas famílias a cursarem uma faculdade. Suas pais foram empresários bem-sucedidos a despeito de não terem cursado ensino superior. Os discursos destas entrevistadas nem mesmo revelam uma valorização do ensino superior enquanto ativo significativo para realização socioeconômica.

“Meu pai acreditava que era besteira estudar. Você tem que ter um comércio. (...) Pra que estudar? Ele queria que a gente tivesse qualificação para abrir um comércio, o que a gente quisesse ele abriria. Pra mim e pra minha irmã (...). Só que a minha irmã casou muito cedo, com 15 anos. (...) [E eu] Não sabia o que queria. Aí fui estudar no [Colégio] Santa Marcelina” (Eliana).

“(...) tem que ter um diploma. Pra quando vai servir? Não sei. Mas tem que ter um diplominha (...).” (Elvira)

Por outro lado, as irmãs negras têm pai e mãe com ensino superior. O casal teve sete filhos, e todos possuem diploma universitário e posição social de classe média. Ao que parece, para o caso das entrevistadas provenientes de família negra, o diploma representa um condicionante para o acesso à classe média, ao passo que isso não é necessariamente verdadeiro para as brancas, que herdariam patrimônios mais significativos independentemente de terem se graduado. Ou seja, podemos apontar a hipótese de que para brancos originários de famílias de

classe média, a transmissão do status de classe prescinde da conclusão do ensino superior.

4.3.3. Universidade, Trabalho e Realização Socioeconômica

São Miguel Paulista

Quase todos os entrevistados de São Miguel Paulista cursaram o ensino superior em universidades particulares. As exceções foram Armando (branco, 73 anos) e Josué (negro, 50 anos). O primeiro estudou odontologia na Unesp de São José dos Campos, de 1967 a 1970, uma época na qual a oferta de vagas em universidades particulares era muito menor. Josué estudou na Universidade de São Paulo (USP) no final dos anos 1980. Segundo o entrevistado, não havia outra alternativa para ele que não fosse a universidade pública. A princípio, pensava em estudar engenharia, mas como se tratava de uma graduação muito concorrida, além de ser um curso diurno, que o impediria de continuar trabalhando, optou pela licenciatura em matemática no período noturno.

Para os outros doze entrevistados de São Miguel Paulista, os principais fatores para a escolha de uma determinada universidade particular foram os valores das mensalidades e a proximidade com a casa ou local de trabalho.

“Distância e Desconto. E a empresa [onde eu trabalhava] pagava 50%, quando eu soube disso pensei: ‘tenho que fazer!’ (...) aí foi que eu consegui fazer. [Pela] questão do preço e de estar perto de casa” (Santiago).

Não obstante, dois deles mencionaram também o prestígio ou “renome” da universidade nos cursos nos quais se graduaram, como fator de escolha daquela instituição. Este é o caso de Amadeu e Glauco (brancos).

Iniciaram os estudos superiores mais próximos da “idade ideal”, ou seja, com menos de 20 anos Amadeu, Luana, Marcela (brancos), Rita e Lucas (negros). Este último cursou graduação em filosofia paga pela Igreja Católica, como parte da formação para o sacerdócio, vocação abandonada pelo entrevistado pouco depois da graduação. Com idades entre 20 e 25 anos, ingressaram no ensino superior Armando (branco), Josué, Rebeca e Lívia (negros). Deve-se notar, contudo, que as duas últimas tiveram trancamentos e interrupções na formação universitária, demorando para concluir seus cursos. Os entrevistados restantes

– Glauco, Regina (brancos), Joaquim, Jessé e Santiago (negros) – começaram o curso universitário depois dos 30 anos de idade quando já estavam inseridos no mercado de trabalho. Estes viam o ensino superior como uma forma de adquirir ativos para enfrentar a concorrência profissional no mercado de trabalho.

Ao avaliar as trajetórias ocupacionais, podemos observar diferenças raciais mais marcantes. A primeira que gostaríamos de ressaltar é o fato de que, com exceção de Glauco e Regina, todos os outros entrevistados brancos de São Miguel (Marcela, Amadeu, Luana, Armando) nunca tiveram experiência de atuar em trabalhos manuais ou não-manuais de nível baixo. Dos negros, Rebeca, Santiago, Joaquim, Jessé e Josué desempenharam trabalhos manuais ou não-manuais de nível baixo em suas trajetórias ocupacionais.

Contudo, as diferenças entre brancos e negros são mais explícitas quando consideramos a importância do emprego no serviço público para estes últimos. Dos entrevistados brancos, apenas Glauco é funcionário público, os outros brancos nunca tiveram emprego público. Dentre os negros, Lucas, Rebeca, Lívia (professores) e Santiago (coordenados de projetos culturais em uma escola) possuem empregos públicos. Joaquim já foi funcionário público da extinta CMTC (Companhia Municipal de Transporte Coletivo).

Para estes entrevistados negros, o emprego estatal foi fundamental para as possibilidades de realização pessoal e socioeconômica, como atestam as palavras de Rebeca:

“o Estado foi como um pai para mim, porque ali eu aprendi a dar aula (...) desde o primeiro ano da faculdade (...), então eu consegui começar a pagar a faculdade, dando aula, e assim consegui me formar” (Rebeca).

Esta entrevistada, depois de diversos empregos precários e de baixa qualificação, finalmente teve um emprego estável que a permitiu exercer o conhecimento que sempre cultivou em sua formação familiar e escolar. A importância do Estado é semelhante para a trajetória do Santiago: os únicos empregos formais e estáveis de sua trajetória foram públicos. Lucas e Lívia nunca trabalharam em empregos que não fossem públicos. Deve ser ponderado o fato de que todos estes exemplos são de professores e profissionais da educação, atividade cujo principal empregador é o Estado. Porém, é também de grande relevância o fato de que, em suas carreiras, nenhum deles nunca ter dado aulas em escolas particulares (diferentemente de Valter, o professor branco, morador do Itaim Bibi, que lecionou em escola pública apenas no início de sua carreira).

A respeito do magistério, deve ser mencionado ainda o fato de que tanto Josué quanto Joaquim já terem lecionado como forma de complementar suas rendas. Além disso, Jessé já pensou em ser professor, tendo iniciado o curso normal no final do seu ensino médio. No entanto, ele acabou por desistir da possível carreira com o início da obrigatoriedade de curso superior para o magistério.

Ou seja, dos oito entrevistados negros de São Miguel, sete têm algum tipo de envolvimento com o magistério. É como se fosse uma “guarnição”, uma aposta no capital cultural como uma forma de “patrimônio” ao qual se pode recorrer. Os conhecimentos que lhes conferem a possibilidade de lecionar é um tipo de ativo que os distingue naquele contexto social e lhes garante uma inserção profissional.

Uma última questão que gostaríamos de chamar atenção nesta explanação sobre a inserção no mercado de trabalho dos entrevistados de São Miguel Paulista é o momento de ascensão social em suas trajetórias ocupacionais. Dois padrões foram identificados. Um deles diz respeito ao momento em que estes obtêm um emprego público, como nos casos de Rebeca, Santiago e Joaquim, descritos acima, nos quais o emprego público foi condição para o acesso à universidade. No outro, trata-se dos indivíduos que entram “tardamente” na faculdade e obtêm ganhos de posição no mercado de trabalho a partir disso, como no caso de Regina. O caso de Glauco é um misto de ambos, ele ingressou em uma empresa pública e, a partir da obtenção do diploma, pôde ascender nesta empresa.

Em todas as entrevistas perguntamos a nossos interlocutores sobre projetos de vida que eles cultivavam quando eram mais jovens. Embora houvessem grandes variações em tais projetos de vida, quase todos disseram que desejavam prosseguir os estudos. De fato, prosseguiram, mas não necessariamente do modo como imaginavam.

Os entrevistados cujas trajetórias de realização se assemelhou ao que vislumbravam quando mais jovens foram os de Amadeu, Armando, Marcela (brancos), Rita e Rebeca (negras). Com exceção de Rebeca (que enfrentou os percalços acima descritos e não realizou o desejo de sair de São Miguel), tratam-se de indivíduos que partiram de famílias com posição econômica de classe média e ingressaram no ensino superior logo depois ou pouco depois de concluírem o ensino básico.

Glauco e de Luana (brancos) realizaram o anseio de concluir o ensino superior, mas não fizeram o curso que imaginavam. Glauco desejava estudar medicina e cursou enfermagem, Luana prestou vestibular para história e não passou,

vindo a cursar jornalismo em virtude de uma oportunidade de bolsa. Nenhum dos dois atua na área na qual foram formados.

Os casos restantes – Joaquim, Lucas, Jessé, Santiago, Livia, Josué (negros) e Regina (branca) – tratam-se de indivíduos cujos projetos foram mudando de acordo com diferentes conjunturas de suas vidas. Alguns passaram por circunstâncias que os forçaram mudanças de rumo. Joaquim, quando jovem, desejava estudar agronomia e trabalhar com agricultura em Pernambuco, mas migrou para São Paulo pressionado pela família. Quando finalmente estava ascendeu socialmente com o emprego público na CMTC, a companhia foi fechada pela Prefeitura de São Paulo. Recebendo a indenização pela demissão, pagou a faculdade de direito, mas *“Na realidade(...), esperava uma ascensão melhor”*.

No caso de Livia, a gravidez aos 17 anos marcou sua trajetória:

“Vislumbrar o futuro? Demorou! Eu tenho um filho de 18 anos. Fiquei grávida com 17. Antes de ter ele eu me via em um futuro independente, mas com 18 eu estava com bebê no colo. Na hora de fazer a faculdade, eu não me imaginava professora, (...) [matemática] é um curso que tem menor concorrência. Por que não adiantava querer ser doutora, fazer faculdade de medicina, (...) Quando comecei a fazer matemática ainda estava imatura, (...) não queria aposentar no Estado, não” (Livia).

Os outros entrevistados demonstram satisfação com o curso das mudanças. Este é o caso de Josué que trocou engenharia pela licenciatura em matemática, mas considera-se profissionalmente bem-sucedido; Lucas que desistiu de ser padre para ser professor e hoje cultiva o projeto de ascender a um cargo de coordenação ou direção; Jessé desistiu do direito para cursar teologia e exercer um posto de influência em sua igreja; ou Regina, que adiou o plano de morar na praia para cultivar ambições de carreira.

Ao serem instados a avaliar suas respectivas realizações socioeconômicas e se autoidentificar em termos de classe social, as respostas foram bem variadas. Mas a alusão ao local de moradia manifestou-se como fator fundamental para a identidade de classe social. As respostas também tiveram significativa variação segundo a raça do entrevistado. Por exemplo, nenhum negro afirmou categoricamente que pertencia à “classe média”.

Por outro lado, Regina, Armando e Amadeu (brancos) declaram pertencer à “classe média”.

“Classe média. Porque eu moro numa casa própria, eu tenho um emprego, eu sou formada, eu tenho o meu carro, a minha família tem casa na praia, eu tenho essa pos-

sibilidade de viajar várias vezes no ano pra lá. Eu passo o verão inteiro lá. Então eu acho que sou classe média” (Regina).

Entre os negros, Rita e Santiago disseram ser “de classe baixa” ou “pobre”. Os restantes dividem-se entre “classe C” ou “classe média baixa”, cujas justificativas aludem explicitamente ao local onde moram. Lívia, Lucas e Joaquim dizem fazer parte da “Classe C”:

“eu acho que sou o classe média C, por que o B está lá no Tatuapé” (Lívia).

Rebeca, Josué, Jessé (negros), Marcela, Luana e Glauco (brancos) definem-se como classe média baixa. Mas as justificativas variam em nuances muito reveladoras de como os entrevistados enxergam suas experiências e posições na sociedade. Luana aponta para o local de residência e renda:

“Eu sou de classe média baixa. Primeiro por causa da localização, apesar de ter carro, ensino superior, casa própria. Ainda assim classe média baixa, por conta da localização. Acho que o salário da minha família não chega a ser um salário tão grande, uma renda muito alta, então acho que classe média baixa” (Luana).

A justificativa de Josué trata da localização e renda, mas acrescenta um descompasso entre realização cultural e realização socioeconômica.

Pesquisador: “Mas porque você acha que você é classe média baixa?”

Josué: “Financeiramente, eu acho. Eu acho que uma renda de 6 mil reais é classe média baixa. Mas se você for consumir o que precisa consumir, não digo de roupa, digo de consumir cultura e você ter o seu carro para você sair e você morar bem. Morar bem no bairro que você queira morar com uma infraestrutura melhor. [Isso] pra mim já me qualifica como um sujeito de classe média baixa: morar onde eu moro. (...) Agora se você falar assim pra mim, como é que você se considera em termos de consumir cultura, de estudo, de formação, aí eu vou subir um pouquinho, ao nível classe média, porque eu acho que eu consigo me igualar. Eu acho que tem sujeito de classe média que tem muito pouca informação” (Josué).

Este descompasso entre cultura e realização socioeconômica também está presente na explicação de Rebeca, que ganha conotações políticas:

“Então eu fui conseguindo esse conhecimento e ao mesmo tempo (...) eu fui me distanciando das massas. Eu percebi que existia o popular, e eu não fazia mais parte desse popular, eu fazia parte de uma ‘elite discriminada’ – vamos chamar assim. Não

era uma elite financeira, que, aliás, é idiota para caramba. É essa elite intelectual, que tende mais à esquerda mesmo” (Rebeca).

Tatuapé

No Tatuapé, todos os entrevistados estudaram em universidades particulares. O momento de escolha e entrada na universidade também é um fator de diferenciação entre negros e brancos. Na narrativa dos brancos do Tatuapé, a entrada no ensino superior apareceu como parte de um processo de concretização de planos, de colocar projetos em prática. Na família de Diogo, por exemplo, era dado como certo que todos os filhos deveriam seguir os estudos e ter uma profissão. Bastava que escolhessem a profissão que os pais apoiariam.

“[Éramos] sempre incentivados. Eles falavam: ‘Oh meu, você decide o que você quer da vida, você tem que fazer alguma coisa!’ ” (Diogo).

Assim, os brancos do Tatuapé, quando não entraram na faculdade logo em seguida do ensino médio, fizeram um ano de cursinho pré-vestibular neste intervalo. Ao serem perguntados as razões de escolherem aquela instituição de ensino, enfatizavam o fato de ser uma boa universidade, com prestígio na área que desejavam seguir carreira.

Para os negros a entrada na universidade soou mais como uma carência que se impunha ou uma oportunidade que não podia ser desperdiçada: uma questão de necessidade gerada a partir do trabalho e de necessidades materiais. Ao ser perguntado sobre as razões de escolher aquela instituição de ensino superior, Orlando (negro) respondeu:

“Eu precisava urgente. Na época não tinha muitas opções, então eu prestei umas duas, três vezes, já estava desgastado. Não queria fazer USP, eu já não me colocava isso. [Isso] era pra cara novinho, que está começando, que é filhinho de papai. Como eu já tinha uma casa [para sustentar], eu falei que o que aparecesse primeiro eu iria” (Orlando).

Sabrina e Milena, as duas entrevistadas negras do Tatuapé, mudaram de universidade por causa de razões de socialização com colegas. Sabrina decidiu cursar o ensino superior depois de ter sido contratada por uma empresa multinacional: “*Eu fui pensar em carreira quando eu entrei na [multinacional]*”. Cursou o primeiro ano de administração em uma universidade escolhida por ser barata.

Mas desistiu deste curso: “*eu não gostei da faculdade, não gostei das pessoas, eu ia mesmo (...) por conta da profissão*”. Abandonando este curso, ela decidiu por uma graduação semipresencial em Gestão de Recursos Humanos.

O caso de Milena envolve mudanças mais radicais. Na verdade, ela pode ser considerada uma exceção entre os negros, pois tinha planos desde bem jovem e ingressou na universidade logo depois do ensino médio, visando concretizá-los. Na adolescência, desejava estudar Cinema, curso cujas únicas alternativas seriam a FAAP (uma das instituições mais caras de São Paulo) ou a USP. Ela abandonou esta ideia uma vez que a primeira seria muito cara e a segunda “*muito difícil de passar*”, além de que ambas envolveriam um grande deslocamento, uma vez que Milena é originária do município de Ferraz de Vasconcelos, na parte leste da região metropolitana. Como alternativa, a entrevistada optou por uma possibilidade mais barata, mais próxima e com vestibular mais fácil de passar: o curso de Rádio e TV em uma universidade particular de Mogi das Cruzes, município que constitui importante centralidade a leste da metrópole. Entretanto, por conta dos referidos problemas de sociabilidade (os quais trataremos em maior detalhe na seção sobre discriminação), ela desistiu da faculdade logo no primeiro ano e começou a trabalhar com operadora de telemarketing. Após um tempo apenas trabalhando, decidiu cursar uma graduação em Redes de Computadores em uma instituição privada especializada em tecnologia localizada no bairro do Aclimação, em São Paulo, desta vez escolhida pelo seu prestígio na área. Depois de ter passado por empregos ligados à informática por curtos períodos, Milena é hoje, tal como foram seus pais, funcionária pública, a única dentre os entrevistados do Tatuapé.

Sabrina e Nei representam casos de ascensão dentro de uma mesma empresa. A primeira, depois de uma série de trabalhos não-manuais de baixa qualificação (como vendedora de loja de roupas e operadora de telemarketing), há doze anos entrou em uma multinacional como auxiliar de escritório e hoje coordena equipes da área de vendas desta empresa. Nei, oriundo do Rio de Janeiro, já teve todo tipo de trabalho (proprietário de fotocopiadora, segurança do metrô do Rio, técnico de equipamentos de fotografia etc.). Desde que mudou para São Paulo, há quinze anos, trabalha em uma empresa de construção civil. Entrou como encarregado de canteiro de obras, passou a auxiliar administrativo e hoje é gerente de compras.

Orlando, filho de proprietários de um comércio de laticínios, com curso técnico e graduação em química, alternou entre trabalhos nesta área como funcionário de indústrias e o comércio de laticínios de sua família. Atualmente possui

uma firma de manufatura de produtos para salão de beleza. Mas não possui funcionários, ele mesmo produz e vende suas mercadorias de forma autônoma.

As trajetórias ocupacionais dos entrevistados brancos são mais homogêneas: entraram “cedo” na universidade e exerceram a mesma profissão desde o estágio da faculdade, com pequenas variações. Miriam desde a faculdade trabalhou com arte em jornais, mas teve apenas dois empregadores: um deles até 2009, o outro a partir de então.

Alan e Fernanda, formados em jornalismo, passaram por diversos empregos. Alan sempre trabalhou com jornalismo e assessoria de comunicação em jornais e empresas privadas. Hoje é assessor de imprensa de uma universidade particular. A maior parte dos empregos de Fernanda foi na área de comunicação ou produção cultural. Contudo, já foi dona de empresa de comércio *online* de produtos para maquiagem por quatro anos. Hoje é assessora de imprensa e coordenadora administrativa de um restaurante.

Diogo é o caso do empresário bem-sucedido. Começou com um pequeno escritório de advocacia no Tatuapé que, em doze anos, cresceu bastante, possuindo, hoje, 26 funcionários.

Com relação à identidade de classe, seis dos entrevistados disseram pertencer à “classe média” ou à “classe média alta”. Em claro contraste com os moradores de São Miguel Paulista, aqueles que se identificam como “classe média alta” são todos negros (Milena, Sabrina e Orlando). Mas as justificativas destes foram muito semelhantes àsquelas dadas pelos que se se identificam apenas como “classe média”: remetem a condição e local de moradia, consumo e estilo de vida (ou, nas palavras de vários entrevistados, “*ter algumas regalias*”).

“Moramos num prédio que o condomínio não é baixo. Temos salão de festa, sauna, academia. E não é qualquer um que tem isso disponível. E tem segurança 24 horas. Tem dois carros. Ter o que quer, comer o que quer. Você se torna da classe A quando você não liga para o que está gastando. Eu ainda tenho que fazer conta. (...) A gente passa certos apertos” (Orlando).

“Eu acho que sou de uma classe social média por morar onde eu moro com a renda que eu tenho (...)” (Alan).

É interessante notar que dois dos entrevistados, Nei e Milena (negros), mencionaram o fato de terem um emprego, como indicador de sua posição de classe.

“Eu diria média alta, porque na minha família nós somos quatro e três trabalham” (Milena).

“Trabalho, não dependo de ninguém” (Nei).

Este último acrescentou como evidência de que estava na classe média o fato de possuir um convênio médico.

“Aí teve um convênio médico para mim, para a minha família (...) Hoje, eu posso dizer, não sou rico. Mas, me sinto rico ao mesmo tempo, pois tenho saúde” (Nei).

Ou seja, os serviços privados de assistência médica lhes conferem segurança com relação a sua saúde e de seus familiares, sendo considerados um relevante fator de distinção para com aqueles que só podem recorrer aos equipamentos de saúde pública.

Os entrevistados do Tatuapé que não disseram ser “classe média” ou “classe média alta” foram Diogo – que acredita estar entre a classe A e B – e Miriam. Esta última considera-se “*classe média um pouco pra baixo*” porque a pensão paga pelo ex-marido representa grande parte da renda do domicílio.

Itaim Bibi

As trajetórias dos entrevistados do Itaim Bibi revelam distintas relações entre trabalho e ensino superior. Elvira e Eliana, como vimos, vieram de famílias que não davam tanto valor ao diploma universitário. No entanto, a primeira, mesmo não tendo certeza sobre quando seu diploma seria útil e tendo um interesse maior na área de comunicação, cursou Turismo em uma universidade privada da Vila Olímpia e, durante dez anos, trabalhou com hotelaria e eventos. Após este período, abriu uma empresa de confecções, mesmo ramo no qual seu pai atuou.

Eliana foi dona de casa durante o período em que foi casada. Chegou a estudar pedagogia em uma universidade federal da região norte, onde morava na época. Mas nunca trabalhou nesta área. Quando se separou e voltou para São Paulo e procurou trabalho, mas sentiu-se muito desqualificada pois não conseguia emprego nem para assistente de professor. Então, decidiu fazer outra faculdade, de serviço social, porque seria um curso rápido e porque desejava “*ajudar as pessoas*”. Matriculou-se num curso uma instituição privada em Pinheiros, que

era considerada uma boa faculdade. Enquanto fazia o curso, trabalhava em um banco e cuidava dos filhos. Ainda durante a faculdade, obteve emprego como assistente social de uma empresa de laboratórios de análises clínicas, onde passou muitos anos. Hoje, é assistente social de um grande hospital privado.

Olavo afirmou que desde adolescente “queria ir para a área da saúde, mas tinha um tino comercial absurdo”. Após o ensino médio, cursou três anos de zootecnia na Unesp (Universidade Estadual Paulista). Desistiu do curso porque não era o que desejava, voltou para São Paulo para estudar fisioterapia em uma instituição particular renomada nesta área. Formado, teve consultórios em Alphaville e no Itaim Bibi, o qual ainda mantêm. Hoje ele é sócio de uma empresa que oferece serviços personalizados de condicionamento físico e atendimento médico para um público altamente elitizado. Olavo diz, orgulhoso: “Nunca tive chefe”.

Os três entrevistados do Itaim Bibi oriundos da Zona Leste e que viveram processos de ascensão social, tomaram decisões sobre seus projetos de carreira a partir de experiências de trabalho.

Valter, quando jovem, desejava ser engenheiro. No entanto, começou a lecionar como professor substituto em escolas públicas da zona leste para pagar seu curso superior de engenharia, em instituição privada na Liberdade. Abandonou a engenharia, mudou-se para o interior de Minas Gerais, onde cursou licenciatura em matemática e atuou como professor da rede pública daquele estado. Voltando a São Paulo, passou a lecionar em escolas particulares, primeiramente no Tatuapé e, em seguida, no Alto de Pinheiros, onde trabalha atualmente.

Ivana desejava ser professora de Biologia. Formou-se em uma universidade privada de Mogi das Cruzes.

“Na verdade, eu queria fazer USP. Prestei e passei na primeira fase. Na segunda, eu não tinha um bom cursinho, então eu sabia que não ia passar e eu fiz por fazer (...) Aí eu comecei a pesquisar faculdades próximo da minha casa (...) os meus irmãos faziam [faculdade em Mogi das Cruzes]” (Ivana).

Durante a graduação, Ivana também lecionava como professora substituta em escolas públicas. Ao deparar-se com um aluno armado em sala de aula, mudou seus objetivos de carreira.

“Aí meu pai falou assim: ‘você está passando fome?’ Eu falei: ‘não’. ‘Então porque você está nessa área?’ E eu disse: ‘porque eu queria ser professora.’ Aí ele disse: ‘você sendo professora você vai passar por isso. Você vai entrar em contato com vários ní-

veis sociais, com violência'. Quando você estuda Biologia você tem que estagiar tanto no magistério quanto na área de atuação do biólogo. Eu estagiei em várias áreas, mas uma que me chamou a atenção foi Microbiologia (...) Aí eu entrei nessa área e não saí mais" (Ivana).

A partir de um estágio obtido nesta área na zona oeste de São Paulo, Ivana mudou-se para o apartamento de um irmão no Itaim Bibi e tem trabalhado com microbiologia em indústrias farmacêuticas localizadas no entorno da Marginal Pinheiros.

A trajetória de um irmão mais velho que foi morar na região do Itaim Bibi foi de grande importância para favorecer a mobilidade social e urbana de Ivana e de sua irmã Izilda. O apartamento deste irmão foi um primeiro "entreposto" que facilitou às duas entrevistadas o acesso à educação superior e ao mercado de trabalho. Ao obter os primeiros trabalhos ou frequentar faculdade nas zonas oeste e sul, costumavam passar os dias de semana no apartamento deste irmão e retornar para casa dos pais apenas nos finais de semana.

Izilda, obteve seu primeiro emprego na área administrativa de um escritório de advocacia localizado na avenida Paulista. Para ter mais fácil acesso ao trabalho, foi morar com sua irmã neste apartamento do Itaim Bibi. A partir das atividades que desempenhava, ela decidiu que gostaria de estudar Administração: "*no trabalho que eu decidi o que eu ia seguir*" (Izilda). Matriculou-se em uma universidade privada localizada no próprio Itaim Bibi, uma vez que seria fácil o acesso.

No que tange à identidade de classe, metade dos entrevistados disseram pertencer à "classe média" (Elvira, Valter e Ivana), a outra metade afirmou ser "classe A ou B" (Olavo, Eliana e Izilda). Mas as justificativas foram muito semelhantes.

4.3.4. Experiências e Representações sobre a cidade

Nesta seção, trataremos de algumas características da experiência urbana dos indivíduos entrevistados, como forma de aquisição da moradia, locais onde residiu, forma de locomoção e relações com vizinhos. Abordaremos também representações sobre locais da cidade, em especial, sobre o bairro onde residem, como resultado das perguntas sobre opiniões sobre o bairro e os vizinhos, das razões pela escolha daquela local para viver e sobre em quais outros lugares da

metrópole a pessoa entrevistada escolheria viver. A exemplo das seções anteriores, trataremos separadamente dos casos de moradores de São Miguel Paulista, do Tatuapé e do Itaim Bibi, sempre tentando enfatizar as diferenças das experiências e representações dos entrevistados negros para com os brancos. Algumas informações sobre moradia e condições de locomoção encontram-se sintetizadas na Tabela 15.

São Miguel Paulista

A análise da trajetória residencial dos entrevistados revela uma forte fixação espacial da maior parte das histórias de vida em São Miguel Paulista ou em outras partes da zona leste. Rita (negra), Amadeu, Armando, Regina, Luana, Marcela, Glauco (brancos) passaram praticamente a vida inteira em São Miguel Paulista (alguns deles vivendo na mesma casa). Há os casos de indivíduos que moraram em outros locais e retornaram para a casa da família, como Lucas, Rebeca e Josué (negros).

O local da casa dos pais é, nesse sentido, uma referência importantíssima a orientar a trajetória residencial dos entrevistados: trata-se do vínculo afetivo familiar. Josué, Rita, Luana, Regina e Amadeu (nenhum deles casado) moram com os pais. Marcela e Glauco alugam imóveis próximos à casa dos pais. Josué, Lucas, e Rebeca, moraram em outros locais, mas retornaram à casa da família, na qual fizeram reformas.

Tabela 16: Características de moradia e locomoção dos indivíduos entrevistados pela pesquisa qualitativa.

Nome	Local	Gênero	Raça/Cor	Tipo de Imóvel	Condição de Propriedade	Veículo Automotor	Locomoção Cotidiana
Joaquim	São Miguel	Masculino	Parda	Casa	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Amadeu	São Miguel	Masculino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro
Lucas	São Miguel	Masculino	Preta	Casa	Próprio Quitado	Não	Transporte Coletivo
Rebeca	São Miguel	Feminino	Preta	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro
Regina	São Miguel	Feminino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Jessé	São Miguel	Masculino	Preta	Casa	Alugada	Não	Transporte Coletivo
Santiago	São Miguel	Masculino	Preta	Casa	Próprio Quitado	Não	Transporte Coletivo
Rita	São Miguel	Feminino	Parda	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro
Luana	São Miguel	Feminino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Marcela	São Miguel	Feminino	Branca	Casa	Alugada	Carro	Transporte Coletivo
Armando	São Miguel	Masculino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro
Lívia	São Miguel	Feminino	Parda	Apartamento	Próprio Financiado	Carro	Carro
Josué	São Miguel	Masculino	Parda	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro
Glauco	São Miguel	Masculino	Branca	Apartamento	Alugado	Não	Transporte Coletivo
Miriam	Tatuapé	Feminino	Branca	Apartamento	Alugada	Carro	Carro
Fernanda	Tatuapé	Feminino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro

Alan	Tatuapé	Masculino	Branca	Apartamento	Próprio Quitado	Não	Transporte Coletivo
Diogo	Tatuapé	Masculino	Branca	Apartamento	Próprio Quitado	Carro	Carro
Milena	Tatuapé	Feminino	Parda	Apartamento	Próprio Financiado	Carro	Transporte Coletivo
Sabrina	Tatuapé	Feminino	Parda	Casa	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Nei	Tatuapé	Masculino	Parda	Casa	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Orlando	Tatuapé	Masculino	Parda	Apartamento	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Olavo	Itaim Bibi	Masculino	Branca	Apartamento	Alugado	Carro	Carro
Eliana	Itaim Bibi	Feminino	Branca	Apartamento	Próprio Quitado	Carro	Transporte Coletivo
Izilda	Itaim Bibi	Feminino	Parda	Apartamento	Próprio Quitado	Não	Transporte Coletivo
Valter	Itaim Bibi	Masculino	Branca	Apartamento	Próprio Quitado	Motocicleta	Motocicleta
Ivana	Itaim Bibi	Feminino	Parda	Apartamento	Próprio Quitado	Carro	Carro
Elvira	Itaim Bibi	Feminino	Branca	Casa	Próprio Quitado	Carro	Carro

Os casos de Lucas e de Rebeca revelam outro fator de relevância da casa dos pais, para além do vínculo afetivo, trata-se também do patrimônio que herdaram ou herdarão, a oportunidade de acesso ao patrimônio. Ambos viveram em outros bairros na zona leste antes de retornarem (ela em Guaianases e na Vila Curuçá; ele em seminários em São Mateus, Ermelino Matarazzo e Penha). Com a morte dos pais, Rebeca herdou a casa. Já Lucas, que vive com a mãe, juntou suas economias e, assim que teve a oportunidade, adquiriu as parcelas dos tios na herança da casa. Josué foi o único dos entrevistados que teve a experiência de residir fora da zona leste, tendo morado em bairros como Consolação e Santa Cecília, além da moradia estudantil da USP, no Butantã. Retornou para a casa da família por conta das condições de saúde de seus pais. Como veremos, é muito provável que esta vivência esteja associada com opiniões e representações sobre o bairro e outros lugares da metrópole.

Há quatro casos de entrevistados que adquiram seus próprios imóveis independentemente do local de residência dos pais. Tratam-se de Joaquim, Jessé, Lívia e Santiago. Joaquim (tal como os ancestrais de boa parte de nossos entrevistados) migrou do Nordeste para São Paulo na década de 1970 e passou a morar em imóvel alugado na região de Artur Alvim. Juntou economias e adquiriu um terreno em São Miguel, no qual construiu sua casa. Jessé, morava de aluguel no bairro e, em 2009, ganhou um prêmio em dinheiro em um programa de televisão, com o qual comprou um terreno em Ferraz de Vasconcelos, onde construiu uma casa para sua família. Hoje, recém-divorciado, aluga uma casa em São Miguel. Ambos são casos de indivíduos que pagavam aluguel e adquiriam terrenos em locais mais distantes das centralidades do que aqueles onde moravam anteriormente.

Um caminho inverso – de um local mais distante do centro para outros mais próximos – foi feito por Lívia, mas através de outra modalidade de aquisição: o financiamento através de política pública de habitação. Migrante como Joaquim, ao chegar em São Paulo foi morar em uma casa alugada no Itaim Paulista (que, segundo ela, era “*um fuá*”). Descontente com essa má experiência de moradia, começou a pesquisar apartamentos que ela pudesse financiar através do Programa Minha Casa Minha Vida e, ao mesmo tempo, mudou-se para outra casa alugada na Vila Curuçá.

“Porque eu estava desesperada pra sair daquela vizinhança, e eu procurei nas imobiliárias e eu queria ir mais pra frente mesmo. E a Curuçá já ficava no caminho do meu trabalho. Quando a gente foi (...) já estávamos pagando apartamento. (...) Tudo era mais caro do que no Itaim [Paulista] (...) Mas eu falei: ‘pra ficar longe daquilo lá eu pago’. E faltava pouco para entregar o apartamento que compramos na planta. Foi a

época de maior aperto. Chegamos a vender o carro que nós tínhamos para poder dar conta de pagar tudo. (...) Porque o apartamento não é só a mensalidade, tem a reforma, materiais” (Lívia).

Lívia e sua família mudaram para o apartamento em 2013, e continuam pagando o financiamento do Minha Casa Minha Vida. Já Santiago, depois de ter passado a infância em um orfanato na cidade de Poá e vivido em uma série de habitações precárias em diversos locais da zona leste, também financiou a casa onde vive. Mas, no seu caso, o empréstimo foi contraído através da autarquia municipal da qual foi funcionário.

Porém, Santiago e Lívia, são exceções ao adquirir imóveis em locais com valor mais alto do que aqueles onde anteriormente residiam. O que parece ser a regra é a aquisição de imóveis em locais com valores mais baixos e expectativa de valorização. Este também é o caso dos entrevistados que possuem mais de um imóvel: o segundo imóvel é sempre em locais de menores valores da terra. Joaquim está pagando o financiamento de um imóvel em Mogi das Cruzes, Lucas, Jessé e Regina compraram terrenos no litoral.

No que tange aos modos de locomoção pela cidade, chama atenção o fato de que mais da metade dos entrevistados preferem se locomover de transporte coletivo, mesmo alguns deles possuindo automóvel. Do grupo de entrevistados de São Miguel, apenas Rebeca, Lívia, Josué, Rita, Amadeu deslocam-se principalmente de automóvel. Estes três últimos trabalham em localidades mais centrais e usam o carro para ir ao trabalho.

As opiniões expressas pelos entrevistados demonstram que, salvo poucas exceções, possuem um grande apreço pelo distrito onde residem. Praticamente todos os aludiram ao caráter de centralidade de São Miguel Paulista como sendo seu principal aspecto positivo. A maioria mencionou, orgulhosa, o fato do centro de São Miguel ser um lugar que “tem de tudo”, sendo um dos principais polos comerciais de São Paulo, e atraindo pessoas de diversas partes da zona leste, que lá poderiam encontrar todo tipo de comércio e serviços.

“Eu acho que São Miguel é um bairro muito completo, é um bairro que a gente tem uma diversidade, (...) nós temos bastantes escolas estaduais, escolas municipais, temos uma universidade [privada], nós temos estação de trem, terminal de ônibus, então é um bairro bom de você morar. O centro de São Miguel, se eu não me engano, ainda (...) é o terceiro maior polo comercial de São Paulo. Até uns seis anos atrás só perdia para o Brás e para a 25 de março. É um bairro que tem muita qualidade de prosperar e crescer, só não tem [crescido] por causa de espaço, com o tempo as fronteiras começaram a ficar muito limitadas, os bairros, as vilas começaram a crescer e ganhar características próprias” (Luana).

“Aqui é um lugar privilegiado para quem mora na periferia de Guarulhos, Bom Sucesso, Pimentas, Suzano. Quem está mais a leste almeja São Miguel” (Lucas).

Além disso, os entrevistados que são moradores de longa data de São Miguel e que possuem grande sociabilidade na vizinhança mencionaram o fato das pessoas se conhecerem e se ajudarem como outro aspecto positivo do bairro.

Por outro lado, os aspectos negativos mencionados são bons reveladores dos anseios não realizados de sujeitos de classe média que residem em uma “periferia consolidada” como São Miguel. Primeiro, e de forma unânime, todos os entrevistados mencionaram a insegurança do local. Mas sempre fazendo a ressalva de que *“isso tem em todo lugar”*. Deve-se notar que neste aspecto foi observada a diferença mais acentuada nos relatos sobre São Miguel de brancos e negros. Estes últimos, quando falavam sobre violência diziam que:

“Nós sofremos de um lado com a marginalidade, mas também do lado da polícia. Então quem mora em Periferia tem que ter dois cuidados. Um com essa insegurança da parte dos marginalizados e o outro da parte da própria polícia” (Rita).

Esta sensação de insegurança prejudica, inclusive, que possam fruir o espaço público e de oportunidades de lazer na região. Além disso, são recorrentes queixas sobre a “qualidade” das opções de lazer na região.

“São Miguel não tem um atrativo de lazer. O máximo que tem é um bar pra você tomar cachaça, comprar uma pizza e comer em casa. Então não tem” (Santiago).

“(…) acho meio longe das coisas mais “tchans”. (...) Eu gosto de sair à noite, e aqui não tem muita coisa que eu vejo que tem em outras regiões. Tem hora que eu quero um barzinho, (...) tem hora que eu quero uma balada e não tem. (...) Até tem, mas não tem de muita qualidade, coisas diferentes. (...) não tem muitas opções. A gente enjoa quer coisas diferentes. Mas meu marido não gosta de ir muito pra Centro. Acho que tem um muro na Penha que ele não quer passar” (Lívia).

Críticas com relação à “qualidade” não se restringem às opções de lazer. Envolvem serviços públicos de saúde, educação e transporte. Mas também os serviços privados de saúde.

“As coisas aqui são para um público menos exigente. Por exemplo, minha mãe (...) tem um plano de saúde bom, os médicos dela e laboratórios são todos do Tatuapé pra lá. A parte do meu convênio é tudo longe e [aqui] falta alguns serviços” (Lívia).

“eu sempre procuro algo que seja mais perto de casa (...) Só que nem sempre o mais perto é o melhor. Quando eu preciso fazer exame eu preciso me deslocar, porque a qualidade na periferia é muito inferior” (Rita).

A falta de instituições culturais como teatros, bibliotecas e universidades públicas também é lembrada pelos entrevistados.

“temos a USP Leste aqui perto, mas ainda é pouco. Os cursos que as pessoas almejam estão lá no Butantã. (...) Os cursos que têm aqui, não têm muita procura, ou são pessoas de outras regiões que ocupam as vagas” (Lucas).

“nós não temos uma FATEC, não temos uma ETEC, (...) a opção cultural mesmo (...) a gente até tem de sarau, mas eu digo de cinema, de teatro, a biblioteca de São Miguel é muito pequena, (...) os jovens aqui tem que ir para outros lugares, então a gente vai para o Tatuapé, vai para a Penha” (Luana)¹³.

O anseio por “cultura” não se restringe à insatisfação com as instituições culturais do local. Ao apontarem os aspectos que os diferenciam dos demais moradores de São Miguel, os entrevistados aludem a uma certa “*pobreza mental*” das pessoas com as quais convivem no bairro. Sentem que não encontram parceiros de diálogos nos quais possam intercambiar determinados “conteúdos culturais” e compartilhar posicionamentos políticos.

“[A vizinhança] É totalmente diferente. Não em termos materiais, mas em termos ideológicos, valores morais (...) [Eu gostaria de] poder ir encontrar pessoas bacanas, poder conversar com pessoas inteligentes” (Rebeca).

“[Eu tenho uma] Visão política diferente, tudo assim, as coisas que eu gosto pra minha vida, o que eu assisto...” (Rita).

“(…) a cultura inferior. Na medida em que você vai pro ensino médio, vai pra política, pro governo, que faz uma graduação, em conjunto com a perspectiva de vida, do relacionamento com o outro, questões religiosas, questões humanas, então houve uma evolução pessoal. E você percebe que no entorno não tem como externar isso” (Santiago).

¹³ Com exceção de Luana, os entrevistados brancos não deram tanta ênfase a estas “faltas de qualidade” do que é oferecido no bairro. Isso provavelmente se deve ao fato de eles terem maior acesso a regiões mais centrais, nas quais estes serviços sejam providos com maior qualidade.

“Eu converso 10 minutos com os meus vizinhos, depois perde a graça. É difícil. Eles não têm uma formação que permita dialogar de uma forma melhor” (Josué).

Todo este conjunto de descontentamento com São Miguel Paulista, em especial no que se refere à “cultura” de seus moradores, encontra sua expressão mais exacerbada na fala de Josué, que critica até mesmo o que é visto como positivo no local. Este, o único entrevistado que viveu fora da zona leste. Seu último domicílio antes de retornar para São Miguel localizava-se no distrito da Consolação. Vivendo lá, ele tinha o costume de frequentar cinemas, livrarias e teatros da região da avenida Paulista e do centro.

“Eu me sinto angustiado, porque aquele lugar não evolui. (...) Me angustia a falta de perspectiva das pessoas que estão lá. De ter a vontade de crescer, (...) Ali é um bairro de nordestinos que vêm em situação miserável. O bairro não traz pessoas melhores do que as que estão lá. (...) Os que cresceram já foram embora de lá. (...) Eu não vejo as pessoas empenhadas em mudar o contexto de vida. (...) Não tem cinema, não tem teatro, não tem grupos sociais lá para poder reivindicar, para buscar nada. (...) ali as pessoas são todas desagregadas, por conta da formação delas. (...) O comércio é muito popular, e o popular deles é de coisas ruins, porque compra barato porque as pessoas não têm condições de comprar coisa melhor ali. Você não acha coisa de qualidade ali. Ou você se desloca dali para comprar em outro lugar ou você não acha ali. (...) e o bairro ficou pior agora, por conta do avanço desses bairros que ficam mais atrás ainda, São Miguel virou passagem. São Miguel não é fim, mas é passagem. O sujeito que vai comprar em São Miguel, (...) ele não tem identidade com o bairro. (...) Pega um bairro como a Vila Madalena, Pinheiros. A mídia olha os bairros que tem associações, que as pessoas tenham identidade com o bairro. O que que eu vejo ali em São Miguel: as pessoas moram enfiadas uma encima da outra com medo de sair dali. Fazem puxadinho e estragam a estrutura do bairro que fica feio, fica nojentoso. (...) O que acontece nesta região pra quem mora em São Miguel, é o mesmo fato que se repete em todas essas periferias. As pessoas se conformam com a vida. O pouco que eles têm acham que estão muito bem. (...) Esses bairros de periferia tinham essa troca, de os filhos irem para a casa do outro, fazer aniversário e chamar e isso não tem mais” (Josué).

Luana, por outro lado, apresenta uma interpretação completamente diferente daquela manifesta por Josué. É bem provável que isso se deva a diferenças geracionais. Ela tem menos da metade da idade dele (23 e 50 anos, respectivamente) e faz parte de uma geração que teve maior acesso ao ensino superior e conviveu com a cena de movimentos culturais da periferia. Além disso, durante o período em que foi estagiária de um restaurante na Bela Vista, Luana frequentava shows, museus e teatros das regiões mais centrais (tal como

Josué). Durante a entrevista, ao ser perguntada sobre um eventual crescimento da sensação de insegurança no bairro, ela deu a seguinte resposta.

“Então, eu gosto de analisar os movimentos que acontecem em minha volta. Até uns 10 anos atrás era mais ou menos aquela coisa, os migrantes que eram a maioria nordestinos que vieram para cá, tiveram filhos, esses filhos eram da mesma geração que minha mãe, eram amigos. Estes tiveram filhos, que viraram amigos, que é minha geração. Minha mãe é filha de migrante nordestino (...) Todo mundo se conhecia, era realmente uma vizinhança. Então era uma vila, do nada foi crescendo, crescendo e crescendo. (...) Como eu estou [aqui] há 20 anos, é uma vizinhança consolidada. Há dez anos, nós tivemos as invasões, que são os movimentos de ocupações, aqui próximos. Então esses movimentos de ocupações, vem bastante gente nordestina, (...) agora tem uma reocupação Nordestina. Então veio muita gente que a gente não conhece. (...) como são pessoas desconhecidas, obviamente teve aumento de criminalidade e tudo mais. Não ligado a essas pessoas que vieram morar, nem pelo fato de serem desconhecidos, mas por vir muita gente de fora não tem mais esse negócio de você conhecer todo mundo. (...) É uma área pequena e muita gente morando (...), em situações precárias (...) Atualmente, nós tivemos um movimento que até as pessoas voltaram a estudar e tudo mais (...). E mudou muita coisa com o Galpão [de Cultura e Cidadania do Jardim Lapenna]. [A gente] Começou a enxergar mais as pessoas: ‘Essa pessoa fez faculdade também, essa pessoa gosta de cultura, gosta de tal banda’” (Luana).

A produção acadêmica recente tem dado grande relevância às frequentes manifestações de uma certa identidade periférica em diversas formas de expressão cultural (D’Andrea 2013). Por conta disso, havia uma expectativa de que discursos e narrativas sobre *a periferia* aparecessem frequentemente nas entrevistas de São Miguel Paulista, remetendo a um vínculo identitário-cultural comum entre moradores de diferentes localidades. Entretanto, a palavra “periferia” apareceu, não como um termo identitário, mas, em geral, em expressões com fins de descrição geográfica ou que denotassem a percepção de que vivem em áreas menos favorecidas da região metropolitana.

Gostaríamos de dar destaque, por fim, às respostas que obtivemos às questões acerca de locais da metrópole onde cada entrevistado gostaria de morar ou onde compraria um imóvel no caso de não haver nenhum tipo de limitação material. Nossa intenção original era averiguar quais locais figurariam num determinado “repertório de expectativas e imaginários” ou, em outras palavras, onde cada um se via. Além disso, a menção a determinados locais também podem ser bons indicadores de acesso. Os bairros citados, além de representarem locais nos quais os entrevistados imputam características positivas, são lugares onde cada um dos indivíduos foi alguma ou algumas vezes em suas vidas. Desejar morar

num dado local é precedido por conhecer este local e enxergar nele atributos aos quais se dá valor.

Nas entrevistas de São Miguel Paulista, a maior parte das menções aponta o Tatuapé como local onde se almeja morar. Não se trata apenas do fato deste último se encontrar a meio caminho entre o centro e diversas outras localidades da zona leste, sendo passagem para o acesso ao trabalho, comércio e às centralidades, havendo também certa proximidade física com as residências de familiares e amigos¹⁴.

“sempre quando eu passava de trem eu pensava eu gostaria de morar [no Tatuapé]” (Santiago).

“Porque eu acho que é um bairro que fica na minha direção, porque eu preciso manter o vínculo, porque meus pais estão lá [em São Miguel Paulista] ainda e eu preciso estar no meio do caminho. E o Tatuapé é um lugar que não está longe do centro e nem está tão longe da minha casa. Ele está exatamente no meio” (Josué).

Trata-se também do fato do Tatuapé ser o bairro nobre mais acessível e próximo das experiências vividas por moradores do lado leste da metrópole. Talvez se os entrevistados frequentassem muitas outras áreas nobres, o Tatuapé não seria tão citado. Por exemplo, Amadeu, ao responder para quais locais mudaria, citou Perdizes e Vila Romana, bairros próximos ao seu local de trabalho.

Tatuapé

No Tatuapé, como vimos anteriormente, três dos entrevistados “nasceram” e passaram a maior parte de seu crescimento no bairro: Orlando (negro), Alan e Fernanda (brancos). Alan e Orlando vivem com os pais, em apartamentos; Fernanda herdou a casa da família. Todos os três passaram períodos em que moraram fora do Tatuapé. Alan e Fernanda moraram em bairros vizinhos, mas também de acesso fácil ao centro de São Paulo: ele, na Água Rasa e Mooca; ela, na Vila Prudente e Vila Formosa (além de ter vivido por um curto período no Campo Limpo). Orlando viveu em locais mais distantes do Tatuapé: parte de sua infância foi na Chácara Santo Armando (bairro de classe média na região de Santo Amaro) e, nos anos em que esteve casado, viveu no Campo Limpo.

¹⁴ Na década de 1980, a estação Tatuapé foi ponto final da linha vermelha do metrô. Ou seja, para lá convergiam grandes levas de moradores do lado leste da metrópole que buscavam acessar a cidade através dos trens subterrâneos.

Os outros cinco entrevistados mudaram para o Tatuapé depois de adultos. Os três negros vieram de locais mais a leste: Sabrina veio da Penha, Nei de São Miguel Paulista e Milena de Ferraz de Vasconcelos. Diogo vivia na Freguesia do Ó (zona norte) e Miriam na Bela Vista (região central). Estes últimos e Sabrina mudaram para o Tatuapé para viverem mais próximo das famílias dos respectivos cônjuges. Nei e Milena escolheram o Tatuapé pensando na facilidade de acesso ao trabalho. A casa onde Sabrina vive é uma herança da família do esposo. Os outros quatro adquiriam seus imóveis através de financiamento.

Todos os entrevistados negros do Tatuapé, apesar de possuírem automóvel, deslocam-se preferencialmente de transporte coletivo em suas vidas cotidianas. Dos brancos, Alan não possui automóvel e depende do transporte público. Os três restantes locomovem-se apenas de carro.

As entrevistas não aprofundaram as razões pela opção pelo transporte coletivo. No entanto, deve ser ressaltado que tal “opção” pode não ser necessariamente uma livre escolha por parte das mulheres, como indica o depoimento de Sabrina:

“Se eu quiser trabalhar de carro eu posso, mas o meu marido é muito ciumento, ele fica colocando todo tipo de empecilho para eu não sair de casa com o carro, o carro meu. Mas ele meio que me controla. Às vezes eu vou sair pela região, vou no shopping, ele não liga, mas para ir pro trabalho ele fala: ‘não vai pegar a Radial, a 23 de Maio, lá é perigoso, pode vir motoboy’. Ele fica me colocando tanto medo que eu falo: ‘tá bom, fica com o carro aí’” (Sabrina).

Com relação às opiniões e representações sobre o bairro, todos os entrevistados apresentaram discursos, em linhas gerais, convergentes. Todos enaltecem o fato de que no Tatuapé “tem tudo” e tem acesso muito fácil a outros locais.

“O Tatuapé tem um vício, você acostuma mal. Você acostuma parar carro na porta, você acostuma a ir de carro, você acostuma as coisas perto, você acostuma ter coisas vinte quatro horas, tudo vinte quatro horas, supermercado, farmácia, bar, restaurante (...) Aqui você, inevitavelmente sai mais, tem mais restaurante, tem mais opção” (Diogo).

“tem tudo perto. Posso ir de carro, posso ir de ônibus, posso ir a pé. (...) Eu posso me locomover pra onde eu quiser. Na zona leste eu to na metade. Eu posso tanto ir pra trás quanto ir pra frente.” (Sabrina)

“Dois metrô próximos. Você está perto das avenidas. Você está perto de bairros bacanas Mooca, Belém. Tem tudo. Você não precisa sair do bairro” (Alan).

Como problemas do bairro, todos mencionaram trânsito, barulho e o medo de assalto, apesar de nenhum deles ter sido assaltado no Tatuapé.

“Assalto né? Ele [o bairro] se tornou um chamariz aí pra zona leste” (Diogo).

Os entrevistados que mudaram para o Tatuapé sentem falta de ter um grande número de pessoas conhecidas vivendo próximo de onde moram, das amizades e da sociabilidade “*de bairro*” que tinham antes. Milena e Nei se reclamam de certa “*arrogância*” dos moradores do Tatuapé. A exceção é Miriam, que veio da Bela Vista. Apesar de não cultivar relações próximas com os vizinhos, ela acha que no Tatuapé as pessoas se conhecem mais.

Há importantes diferenças entre os três entrevistados que cresceram no Tatuapé. Alan e Fernanda (brancos) têm fortes relações com vizinhos e falam em tom nostálgico do tempo em que o Tatuapé parecia uma cidade do interior, criticando o enorme crescimento do bairro nas últimas décadas.

“Pesquisador: E o que tem de ponto negativo aqui?”

“Eu acho que esse movimento que está agora. Muito trânsito. (...) Eu vejo a noite muita gente que é de fora zoneando muito e isso me incomoda. Parece que está estragando a minha cidade (...) Eu acho que é o excesso de pessoas morando no bairro. O bairro cresceu muito e acho que ele não está comportando” (Fernanda).

“Houve em cinquenta anos um avanço muito grande (...) Já ultrapassou o limite. Cada apartamento é mais dois carros aqui. (...) E aqui as pessoas não se deslocam muito do bairro. (...) Então é muita gente andando no bairro o dia inteiro” (Alan).

Orlando (negro), apesar de estar vivendo no bairro há muitos anos, não possui relações com pessoas do Tatuapé. Na verdade, a proximidade com as pessoas do bairro é um aspecto que ele sente falta dos tempos nos quais era morador do Campo Limpo.

“Eu achava na época o pessoal mais unido lá. (...) Eu achava que o povo era um pouco mais humilde. Assim, tocavam na sua casa e perguntavam ‘você está precisando de alguma coisa?’ Lá tem isso. (...) Eu acho que [no Campo Limpo] o povo é mais perto” (Orlando).

A experiência de Orlando (homem negro) contrasta fortemente com a que Fernanda (mulher branca) viveu no Campo Limpo.

“No Campo limpo (...) eu não conhecia ninguém. Eu tinha 22 anos. Você vai morar num lugar desse mais humilde e você não conhece ninguém é complicado. Porque você não tem amigos e as pessoas olham pra você como a patricinha” (Fernanda).

Com relação aos locais para onde os entrevistados mudariam, os brancos indicaram localidades mais próximas, como Mooca, Vila Formosa ou Jardim Anália Franco, ao passo que os negros mencionaram localidades mais distantes. No entanto, esta tendência pode ter forte relação com os locais de trabalho, uma vez que os Fernanda, Alan e Diogo trabalham nos arredores do Tatuapé. Miriam, que trabalha na República, indicou a Santa Cecília, como local onde moraria.

Dentre os negros, Milena apontou o Brooklin, no caminho para o seu trabalho, e

Sabrina indicou a Vila Mariana, mesmo bairro onde se localiza seu emprego. Contudo também foram indicados lugares mais distantes pelos negros, esta última mencionou também Alphaville, Nei gostaria de morar no Jabaquara e Orlando, no Morumbi.

Itaim Bibi

No Itaim Bibi, conforme já apontamos anteriormente, nossos entrevistados dividem-se em dois grupos. Um deles é formado por sujeitos que cresceram na zona leste de São Paulo e foram morar no Itaim Bibi como parte de um processo de ascensão social: trata-se de Valter (branco), que cresceu no Tatuapé, e das irmãs Ivana e Izilda (negras), provenientes de Guaianases, no extremo leste de São Paulo. Todos os três vivem em apartamentos que foram comprados através de financiamento. Izilda e Valter vivem com os pais. Ivana, que vive com seu esposo e filhos, ainda possui um segundo apartamento, no Morumbi, que aluga para aumentar sua renda.

Os três restantes são oriundos de famílias de classe média e percorreram um circuito de bairros nobres em suas trajetórias residenciais. Elvira “nasceu” e tem passado toda a sua vida no Itaim Bibi: saiu do apartamento dos pais para residir com seu companheiro, em casa que pertence a ele.

Olavo “nasceu” no Itaim Bibi, mas cresceu nos condomínios fechados da Granja Viana, em Cotia, com sua mãe. Durante parte de sua adolescência, viveu com o pai nos Jardins. Já adulto, comprou um apartamento no Butantã. Hoje, vive num flat no Itaim Bibi enquanto reforma um apartamento que comprou na região da praça Benedito Calixto, em Pinheiros. Ele optou pelo Itaim Bibi pela proximidade com seu trabalho.

Eliana “nasceu” e cresceu em Pinheiros. Ao casar-se, morou dois anos no Tatuapé e depois mudou para a Região Norte do país. Quando se divorciou, retornou a São Paulo e viveu em Pinheiros e na avenida São Luís, no distrito da República. Atualmente vive com a irmã e o cunhado em um apartamento pertencente a eles no Itaim Bibi. Eliana ainda é proprietária de um sítio no município de Itapeverica da Serra, na região metropolitana.

Todos os entrevistados possuem automóvel ou motocicleta. Apenas Eliana e Izilda não fazem uso rotineiros destes veículos, deslocando-se de transporte público para seus trabalhos. No entanto, todos mencionam o fato do Itaim Bibi ser um bairro favorável para percursos a pé como um dos principais atributos do bairro. Além disso, diversos aspectos que os entrevistados elogiam no Itaim Bibi são semelhantes aos elogiados no Tatuapé: o fato de “ter tudo”.

“Esse bairro você faz tudo a pé. Não precisa de carro. (...) aqui tem supermercado que vai a pé. Tem Shopping que vai a pé. Tem o Parque do Povo que é menor que o Ibirapuera. Está muito bem localizado. Tudo que você precisa tem no shopping. Você está muito perto do Shopping Iguatemi que é o primeiro shopping de São Paulo. Tem farmácia. Tudo que você quer tem perto e você pode ir a pé. Padaria, fora os bares que tem também” (Elvira).

“É perto do Ibirapuera. É perto de universidades. É perto de uma ampla área de lazer. Preços de roupas são bons, ótimos. Se você quiser só andar nela você já está se divertindo. É um lugar que tem comida boa” (Ivana).

Os pontos negativos citados também são semelhantes aos do Tatuapé: trânsito e barulho. Os entrevistados também mencionaram o medo de assalto como um fator negativo do bairro. Ao mesmo tempo, dizem que se trata de um local onde se sentem mais seguros do que em outras partes da cidade.

“É um bairro tranquilo. Você pode sair dali pra dar uma caminhada a meia noite e não tem problema. (...) se a pessoa sair duas horas da manhã pra comer é tudo fácil, um bairro bom mesmo” (Eliana).

“Segurança, sem dúvida. Uma região privilegiada, por mais que você tenha problemas de ocorrência a polícia vem rápido. E isso não acontece tão facilmente na periferia e não tem um trabalho tão efetivo da polícia. (...)Mesmo no Tatuapé. Porque o perfil de quem mora nessas regiões [como a do Itaim Bibi] é juiz, promotor e tudo isso tem um peso muito grande, né? E essas pessoas têm muita influência. (...) Do Tatuapé para lá é outra realidade” (Valter).

Ao descreverem as características do Itaim Bibi, foi muito comum os entrevistados que mudaram de outras partes da cidade compararem o bairro com as experiências que tiveram nesses outros locais.

“É porque o Tatuapé já está praticamente na periferia, né? Você vai em lugares ali que, em horário de pico, é complicado para você se deslocar. Você está aqui no Itaim tem tudo perto. Até para andar de transporte público, você tem tudo aqui do lado. Por exemplo, para eu ir para a Paulista – dependendo da minha disposição – dá para eu ir a pé” (Valter).

“o Butantã é mais arborizado, mais tranquilo, menos trânsito. (...) Eu acho que o ruim de lá é o ir e vir (...) Eu sentia muita falta de restaurante bacana, um bar. No Itaim eu acho bacana. Tudo é próximo, tudo é perto. Estou a oito quadras do meu trabalho principal. Porém, o custo de vida é mais alto. A parte boa é que dá para fazer algumas coisas a pé. Pinheiros eu diria que é um Itaim, mas com gente descolada” (Olavo).

Também de forma semelhante ao Tatuapé, os moradores que vieram de outros locais – mesmo aqueles também elitizados – acusaram os moradores do Itaim Bibi de terem uma atitude de ostentação.

“Pesquisador: Alguma outra coisa de ruim?

Eliana: As pessoas. As pessoas são soberbas” (Eliana)

“Eu diria que tem gente com o poder aquisitivo bem menor que o meu, mas com muito status. E eu não gosto disso. Eu sou um cara bem low profile” (Olavo).

“É muito nariz empinado” (Ivana).

“As pessoas são mais desconfiadas” (Valter).

A entrevistada Elvira, no entanto, que nunca viveu fora do Itaim Bibi, mencionou como uma das principais características positivas do bairro “o nível social das pessoas”. O pesquisador, então, a provocou: “*eu tive um entrevistado aqui do Itaim que falava do nível social das pessoas como um ponto negativo, (...) como ostentação*”. No que ela respondeu: “*Porque ele não se enquadra*”. O diálogo seguiu com a entrevistada apontando locais considerados nobres, mas nos quais ele nunca viveria.

Elvira: “Sabe onde eu acho que é ostentação? Quem mora no pseudo Morumbi.”

Pesquisador: “O que é o pseudo Morumbi?”

Elvira: “Jardim Guedala. Sabe onde é?”

Pesquisador: “Sim.”

Elvira: “Ou Real Parque. A pessoa fala que mora ali, mas é ao lado da [Favela] Paraisópolis. O condomínio de um apartamento no Morumbi nesta região é mais barato do que aqui onde meu pai mora. O do Real Parque também, de quatro dormitórios com elevador privativo, o condomínio é mais barato que o do meu pai no Itaim. (...) Se você perguntar se eu quero um apartamento no Real Parque, de quatro dormitórios, sauna, piscina aquecida, quadra de tênis eu não vou querer. Porque pegar aquela [avenida] Giovanni [Gronchi]? Só quando eu vou doar sangue do [hospital Albert] Einstein. Eu sou doadora do Einstein. Porque eu tenho pavor de ir pra lá. Por que morar num lugar onde você tem pavor? Não poder sair e voltar pra casa. Tem que ter carro blindado? E lá você faz tudo de carro, no Morumbi. (...) E aí tem outros pontos em volta do bairro que atrapalham. Aqui não tem nada que atrapalha. (...) quem você entrevistou sempre morou no Itaim ou mudou para o Itaim?”

Pesquisador: “Mudou para o Itaim.”

Elvira: “É um público que não é do Itaim. (...) Quem sai do Morumbi e vai para o Itaim. Eu acho que é a mesma coisa de sair da Pompéia e vir pra cá.”

Pesquisador: “Você acha que da Pompéia pra cá causa um estranhamento?”

Elvira: “Sim. Quem vier do Higienópolis não vai estranhar. (...) Mooca e Tatuapé eles não saem de lá. Porque são bairros que cresceram muito, são muito antigos. O Tatuapé agora é muito chique.”

Pesquisador: “É verdade.”

Elvira: “Eu não me vejo lá.”

Pesquisador: “Porque você não se vê lá?”

Elvira: “Como eu estou tão enraizada no Itaim, se eu for tem que ser uma proposta muito boa. Um apartamento muito bom. Porque senão eu vou me sentir um peixe fora d’água.”

Pesquisador: “Entendi.”

Elvira: “Mas eu não sei. Eu não mudo daqui.”

Pesquisador: “Certo. E se você tivesse que sair. Pra onde que você iria?”

Elvira: “Do bairro? Não. Sairia da casa e procuraria ou no prédio que eu morava, se tivesse disponível, ou na Vila Olímpia. Eu não saio daqui, Campo Belo, Brooklin.”

Questionada para quais lugares mudaria, a entrevistada apontou bairros muito próximos da onde ela vive. Esta foi a regra para todos os moradores do Itaim Bibi: foram citados bairros nobres do “Quadrante Sudoeste”, próximos à marginal Pinheiros, tais como Jardim Europa, Moema, Alto de Pinheiros, Granja Julieta, Vila Nova Conceição e Morumbi. O fato de não pensarem em ir para muito longe deve indicar uma grande satisfação por parte dos entrevistados com as localizações de suas residências.

4.3.5. Discriminação

Não é nossa intenção neste trabalho aprofundar uma discussão sobre casos de discriminação. Contudo, nos interessou verificar se haveria algum tipo de padrão espacial que marcava as situações de discriminação sofridas pelos negros de classe média. Na verdade, não houve padrão muito claro: foram citadas situações de discriminação nos mais diversos locais, desde Suzano até no Shopping Ibirapuera, em Moema.

É digno de nota o fato de que relatos de discriminação emergiram nas entrevistas com pretos e pardos em São Miguel Paulista sem que o pesquisador tivesse perguntado sobre tais assuntos. Nos casos em que estes não eram espontaneamente mencionados, no momento da entrevista em que era feita a questão “*já houve na sua vida alguma situação em que você sentiu que foi desrespeitado ou que foi tratado injustamente?*”, os entrevistados negros logo respondiam “*Você está falando sobre discriminação? Você sabe que a gente sofre*”. Isso sugere que o fato de se deparar com um pesquisador negro provavelmente gera uma identificação com entrevistados negros que favorece a abordagem de questões sobre discriminação e talvez outras questões sensíveis ou polêmicas. Isso se refletirá nas próprias descrições das “situações de desrespeito”, mais detalhadas por parte dos negros, como veremos adiante.

A pergunta sobre situações de desrespeito ou tratamento injusto foi feita para todos os entrevistados, inclusive os brancos. Dentre estes, Luana e Glauco, de São Miguel Paulista, mencionaram situações nas quais entraram em lojas e não foram atendidos por vendedores. Já Regina (também de São Miguel), após compartilhar uma informação de gerência com uma colega que era sua confidente, foi demitida de uma empresa não qual trabalhou por dez anos. No Tatuapé foram relatadas situações muito pontuais. Alan reclamou de um segurança de danceteria que o tratou de forma truculenta. Diogo falou do “*Transito, de vez em quando o carro te fecha*”.

No Itaim Bibi, Olavo e Elvira se sentiram desrespeitados em restaurantes. Para o primeiro: “*em lugares que o garçom acha que está fazendo um favor para a gente eu não volto*” (Olavo). Elvira narrou a seguinte “situação de desrespeito”:

“veio o prato que eu escolhi, mas não estava comível, deixei, não comi e fiquei quieta. (...) Aí, na hora da conta, não veio o meu prato [na fatura] e eu achei justo. Mas se tivesse cobrado eu iria pagar. Aí eles falaram que não cobraram, mas eu tinha que responder um formulário. Você não tem noção de como era aquele questionário, perguntando porque eu não ia comer, porque não ia pagar” (Elvira).

Eliana descreveu uma circunstância na qual estava participando de um curso oferecido pelo seu trabalho e fez uma pergunta ao professor.

“Ele falou assim pra mim, que se eu não tinha capacidade intelectual de entender o que ele estava falando que eu me retirasse. (...) Eu falei pra ele: ‘olha, você não tem qualificação pra dar curso, você precisa se educar’. Falei um monte. (...) depois disso, falei pra minha gerente, aí ela abriu uma manifestação, relatando e tal” (Eliana).

Os entrevistados negros descreveram uma maior pluralidade de situações nas quais se sentiram desrespeitados e/ou discriminados. Quatro dos entrevistados de São Miguel Paulista descreveram conflitos com operadores de forças de segurança. Josué e Lucas foram interpelados por seguranças de shoppings centers localizados em bairros nobres. Rita, que é advogada criminalista, foi recebida por policiais com gás de pimenta em seu rosto ao tentar interceder por um cliente em São Miguel Paulista. Santiago enumerou vários momentos de abordagens policiais truculentas pelas quais passou em diversos lugares de São Paulo.

Dos moradores do Tatuapé, Orlando, umbandista, descreveu um caso de preconceito religioso. Milena e Nei mencionaram situações nas quais foram tomados como ladrões ou trapaceiros em lojas. Em outra passagem, Nei foi tido como usuário de drogas.

“Eu passei [a confraternização de fim de ano da firma] na [rua] Bela Cintra, em uma casa que nós fomos. E tinha uma pessoa fumando maconha. O segurança veio e deu ideia no cara e eu fui lá falar para ele parar e curtir a festa. (...) [Outra pessoa] passou e achou que eu estava usando entorpecente. E aí ele foi chamar o engenheiro e falou ‘tem um negão lá com o cara’. O cara era branquinho. Achei uma coisa racista entendeu. Mas, falei com o engenheiro e disse para ele cheirar a minha mão, fazer exame toxicológico porque eu nunca usei ou gostei disso” (Nei).

Entrevistados negros dos três locais pesquisados fizeram alusão a situações nas quais se sentiram desrespeitados em contextos de trabalho. Ivana (Itaim Bibi) diz que “*peessoas invejosas*” tentam sabotá-la. Izilda (Itaim Bibi) afirma nunca ter sofrido discriminação no mercado de trabalho. No entanto, pondera que “*Se eu falar: ‘eu moro lá na zona leste’, em Itaquera, por exemplo, me fecham mais portas*”. Orlando contou que, quando fazia curso técnico em química, ele e outra colega negra nunca conseguiam bons estágios. Jessé (São Miguel Paulista) diz que em seu trabalho são feitas muitas promessas de aumento e promoção que

nunca se concretizam. Para Josué, que teve uma ascensão de cargos na empresa, o pesquisador fez a seguinte pergunta:

“Pesquisador: “Você tem uma função de comando, hoje?”

Josué: “Coordenação.”

Pesquisador: “Em algum momento você se sentiu embarreirado?”

Josué: “Eu acho que [a empresa] mudou muito. Esse olhar é uma coisa nova. Você sabe disso. (...) O negro é estigmatizado. Eu não estou falando a empresa como instituição. Mas como a instituição é formada de pessoas que tem uma formação, que tem um modo de ver as coisas. Eu senti a discriminação. Ela é a pior das discriminações porque ela é velada. O sujeito não te oferece um emprego, não porque você mora muito longe, ele vai falar que você mora muito longe, ele quer dizer que você é negro. Então hoje o racismo é crime e na minha época não era. Você não ouvia falar disso. Isso era um limitador. Você tinha que provar para as pessoas dentro da empresa que você era muito mais que o branco. Mas isso foi o limitador.”

Pesquisador: “Como você foi subindo no trabalho?”

Josué: “Eu sempre fui muito curioso e tive muita disposição. E [a empresa] sempre privilegiou as pessoas que tratavam a educação como meio de crescer. E, assim, eu sempre fui muito responsável pelas minhas coisas. Eu marquei com você aqui, às 15 horas, eu já estava desesperado porque eu tinha que chegar primeiro que você. (...) Eu era uma pessoa pontual, não faltava. (...) Eu sempre fui responsável porque eu achava que tinha que ser. E eu tinha necessidade do serviço, não poderia perder. Nessa época que eu entrei (...), eu precisava muito trabalhar. Eu não podia me dar ao luxo de perder o emprego que me permitia uma série de oportunidades e que ao mesmo tempo ganhar o meu sustento e pra ajudar a minha família” (Josué).

Milena, narrou dois acontecimentos, um no trabalho e outro em ambiente educacional, nos quais ela não viu um elemento racial explícito, mas que podem ser lidos como formas veladas de preconceito.

“Aí eu fui trabalhar [em uma firma de tecnologia] e fiquei lá por nove meses. Lá era legal, mas não era o que eu queria. O meu chefe achava que eu era uma secretária. E eu não era secretária. Eu era Assistente de Projetos Júnior. Só que ele não entendia isso e ficava me mandando atender telefone pra ele, pegar café pra ele. (...) Eu consegui passar [no concurso]. E aí eu fui contar para o meu chefe que eu tinha passado num concurso e que poderia ser chamada a qualquer momento. E ele entendeu isso muito errado e me mandou ficar atendendo a porta” (Milena).

“As únicas pessoas que eu consegui [me socializar na faculdade] foram duas meninas e nós acabamos brigando no meio do curso. Porque eu tinha uma câmera pra filmar (...) Elas falaram que só estavam no meu grupo porque eu tinha as coisas. E isso me doeu tanto que eu falei pra minha mãe que queria sair da faculdade e saí. E aí eu decidi que eu ia trabalhar. Então eu parei com todos os meus sonhos e decidi que eu ia trabalhar em Telemarketing, porque eu não queria mais saber de estudar. Aí só depois que eu comecei a passar por um psicólogo pra entender isso tudo, essa coisa de relação que

daí eu voltei. Só que eu voltei e disse que não iria fazer Rádio e TV, porque eu tenho que lidar com pessoas. ‘Vou fazer TI. Porque na área de TI eu não vou lidar com pessoas’. E aí eu mudei meus sonhos nessa fase” (Milena).

Rita (São Miguel Paulista) também descreveu uma passagem ocorrida em contexto educacional que a levou a abandonar um curso de pós-graduação que estava quase concluindo.

“E um dos professores, ele dizia que eu não era uma aluna pra estudo, eu seria uma aluna de prática, que eu não era uma pessoa inteligente e sim, uma pessoa esperta. (...) É, que eu não era uma pessoa inteligente, era uma pessoa esperta. Então, aquilo me deixou um pouco frustrada porque eu achei que aquilo não era palavra de professor, ele não deveria falar dessa forma. Porque ainda que eu sáisse de uma periferia, ainda que minha faculdade não tivesse o renome da faculdade que eles frequentavam, eu estava buscando o melhor pra mim, eu estava buscando ser uma advogada com experiência mas também uma advogada com base teórica. Então eu achei aquilo tão injusto comigo, por isso que eu não apresentei meu trabalho de final de curso (...) Pra quê que eu vou tentar, pra quê que eu vou ficar me esforçando tanto pra uma pessoa que o objetivo dele era me reprovar? Então eu decidi não apresentar. Eu participei do curso todo aquele tempo. Foram dois anos de curso (...) Então, por esse preconceito, eu preferi não ficar me expondo mais. Dali, eu desisti de frequentar cursos porque eu vi que era uma área onde as pessoas são muito fechadas, então eu desisti” (Rita).

Deve ser realçado aqui que, em contraste com a situação de Eliana (a entrevistada branca do Itaim Bibi, descrita acima), Rita não fez nenhum tipo de reclamação na instituição de ensino. De forma semelhante, quase todas as ocorrências sofridas pelos negros aqui apresentadas não levaram a providências institucionais ou denúncias a autoridades.

4.3.6. Parâmetros da análise das redes de pessoas e locais

Esta seção visa descrever o processo de análise das redes de pessoas e locais. Estas serão o meio através do qual exploraremos a segregação enquanto diferenciais de integração e acesso, para além da localização das residências. Já demonstramos, no capítulo 2, os diferenciais de localização das residências de negros e brancos de classe média. Pretendemos, agora, averiguar como esta segregação residencial se reflete em diferenciais de integração – por meio da análise das redes pessoais – e de acesso – por meio da análise dos locais fre-

quentados. Nossa intenção é tentar discernir diferentes tipos de redes de relações pessoais e locais frequentados, e de que modo estes se associam aos locais de residência e à raça dos entrevistados.

Deste modo, para observar a dimensão “integração”, miraremos a composição das redes pessoais de cada entrevistado segundo as características de raça, classe social e local de moradia de cada um dos componentes. As questões aqui são: quais atributos caracterizam o círculo mais próximo de moradores de São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi? O que distinguiria as redes pessoais de entrevistados negros e brancos, homens e mulheres, moradores de um mesmo local? Com quem determinados sujeitos se integram? Esperamos, assim, evidenciar barreiras de integração entre certos grupos.

Para tanto, durante a pesquisa, os entrevistados foram instados a mencionarem todo tipo de locais que frequentam e onde ocorreram eventos de suas trajetórias de vida. Isso gerou uma grande quantidade de topônimos. Uma vez levantada a compilação de locais frequentados, a questão que emerge é: a partir de quais referenciais avaliar formas de acesso? Para examinarmos a dimensão “acesso a recursos materiais e simbólicos da cidade” a partir dos locais frequentados pelos indivíduos, os parâmetros de análise são um pouco mais problemáticos.

Neste ponto, aplicamos duas estratégias paralelas baseadas em duas distintas formas de operacionalizar o acesso. Tais estratégias de classificação de locais foram também aplicadas aos locais de residência de cada componente das redes pessoais.

O primeiro critério empregado é se o local acessado é fisicamente próximo da residência. Aqui a questão é o quanto que os indivíduos precisam se deslocar para ter acesso a trabalho, educação, saúde, comércio, lazer etc. Comparamos, então, quais indivíduos precisariam se deslocar mais para acessar o que necessitam. Assim, cada local foi classificado segundo a distância geográfica da residência do entrevistado. Este critério, contudo, implica em situações paradoxais: pode ser positivo que diminuam as distâncias percorridas, mas também restringir-se a acessar tudo que é próximo pode significar um certo confinamento.

O segundo critério diz respeito ao acesso às principais centralidades e áreas nobres da cidade. Nesta operação, lançamos mão de uma classificação binária: se cada local citado se localiza ou não no que chamaremos de “regiões nobres” da metrópole. Tais “regiões nobres” são as áreas de elite e classe média-alta segundo a tipologia de Marques (2015). Estas áreas, demarcadas no Mapa 8, apresentam forte correspondência com a “região geral” que Villaça (1998) de-

nomina “áreas de grande concentração de classes médias e altas” e envolvem as principais centralidades da metrópole¹⁵.

Este critério implica um problema de comparabilidade. Uma vez que o Itaim Bibi faz parte do conjunto de áreas nobres e centralidades de São Paulo, o Tatuapé situa-se nas bordas desse conjunto de áreas e São Miguel distante delas, as avaliações a respeito do acesso parecem já estar dadas. Mesmo assim, empregamos os dois critérios e observamos os resultados.

Assim, no processo de análise, os locais frequentados (mas também os locais de residência dos membros das redes) foram classificados segundo (a) a distância geográfica da casa do entrevistado e (b) fazendo ou não parte de regiões nobres.

No entanto, os próprios conteúdos das respostas das entrevistas fizeram este último critério prevalecer. Não apenas pelo fato de haver maior concentração de empregos, comércios e serviços em áreas nobres e centralidades, de modo que tais localidades representem melhor o caráter de acesso aos bens simbólicos da cidade. Mas também por julgamentos envolvendo a qualidade dos serviços prestados. Houve muitas queixas, por parte dos entrevistados de São Miguel (e, em menor extensão, do Tatuapé) a respeito da qualidade dos serviços ofertados nas proximidades de onde moravam, fato que os compelia a buscar tais serviços em centralidades e regiões nobres. Conforme expectativas (nossas e da literatura), indivíduos de classe média possuem maiores possibilidades de escolha e de mobilidade. Nesse sentido, as entrevistas revelaram que, na ordem de suas prioridades, os sujeitos preferem o satisfatório ou de melhor qualidade ao mais próximo, em termos de deslocamento. Por exemplo, um entrevistado do Tatuapé, diz que apesar de haver um hospital de elite nas redondezas, prefere pagar mais para acessar um hospital melhor na região central¹⁶. Outros dois entrevistados, do Tatuapé e do Itaim Bibi, utilizam o sistema público de saúde de seus respectivos bairros. Mas sua opção não se deve apenas à proximidade, mas principalmente porque os serviços oferecidos lhes parecem satisfatórios.

¹⁵ Poderíamos, visando tornar a classificação mais intuitiva para o leitor, optar por utilizar como critério o traçado do “centro expandido” de São Paulo, ou alguma outra categoria administrativa. Mas estes não seriam adequados para demarcar a “nobreza” de determinadas áreas. Uma vez que existem áreas “não-nobres” no centro expandido (Sé, República, Brás) e muitas áreas nobres fora do centro expandido (região de Santana, Tatuapé, Morumbi, Alphaville etc.).

¹⁶ “Porque assim, tem um hospital aqui que é muito bom, é assim, abriu uma rede, quando lançou era top e tal, que é o São Luiz, tem um São Luiz bem aqui ó [no Tatuapé]. Só que é o seguinte, imagina todo mundo em um hospital só. (...) Ai eu paguei um pouquinho mais de convenio, pra ter o Sírio [hospital Sírio-Libanês, na Bela Vista]” (Diogo).

4.3.7. Redes Pessoais: descrições gerais e locais de residência dos vínculos

O principal meio para avaliarmos integração e acesso serão as redes de pessoas e locais frequentados de cada um dos entrevistados. Primeiramente, apresentaremos as características gerais das redes de pessoas e dos locais frequentados. Mais adiante, através da construção de uma tipologia de redes de pessoas e locais, ambos serão considerados conjuntamente e articulados com outras características sociais levantadas nas entrevistas.

Esta seção quantifica algumas das características preponderantes dos indivíduos que fazem parte das redes pessoais levantadas. Para quantificar tais tendências utilizamos o software E-NET (Borgatti 2006; Halgin & Borgatti 2012) desenvolvido especificamente para análise de redes pessoais. Não pretendemos, com tais quantificações, atingir conclusões estatisticamente representativas sobre as características das redes de determinados locais e grupos sociais em geral. A ideia é apresentar os aspectos das redes dos nossos entrevistados de forma sintética. Não obstante, tais aspectos nos permitem indicar tendências e hipóteses aptas a balizar discussões sociológicas sobre as questões propostas nesta pesquisa.

A partir da coleta das redes pessoais dos 28 entrevistados, levantamos um total de 362 vínculos, resultando em uma média de 12,9 componentes em cada rede pessoal. As menores redes tinham 7 componentes, a maior delas possui 33 vínculos. São pequenas as diferenças nos tamanhos das redes segundo o local pesquisado¹⁷. As redes das mulheres são um pouco maiores que a dos homens¹⁸ em todos os locais pesquisados. As redes de negros também são um pouco maiores que a dos brancos¹⁹, com exceção do Tatuapé²⁰.

Das 362 pessoas próximas mencionadas pelos entrevistados, 166, ou 46%, são parentes. A maioria das pessoas próximas citadas por brancos são de fora da família, enquanto que para os negros, ao contrário, as redes pessoais são compostas majoritariamente por parentes. Isso pode apontar para a ocorrência de dificuldade de socialização e constituição de laços íntimos fora da família para

¹⁷ Média de 11,3 no Tatuapé, 14 em São Miguel, e 13,3 no Itaim Bibi.

¹⁸ Média de 14,2 contra 12 vínculos.

¹⁹ Média de 13,8 contra 12,4 vínculos.

²⁰ Onde as redes dos negros possuem, em média, 9,7 vínculos.

os negros, bem como pode sugerir que negros dependem mais de solidariedade intrafamiliar. Tais possibilidades requerem, contudo, maiores investigações.

Ao questionarmos o contexto de sociabilidade do qual cada vínculo é proveniente, apenas 22 pessoas próximas foram classificadas como “vizinho”. Este dado se combina com outro achado muito relevante para nossas discussões sobre segregação e local de residência: ao mapearmos a localização das residências dos componentes das redes – bem como os locais frequentados – notamos que a maior parcela das práticas e relações sociais dos entrevistados ocorre no distrito habitado e em seu entorno. Isso aponta para uma validação da teoria de que o espaço habitado é determinante para a sociabilidade e outras práticas sociais. No entanto, nossa pesquisa com negros e brancos de classe média não corrobora as assertivas de que o bairro e as relações de vizinhança sejam espaços privilegiados de sociabilidade. Deve-se ressaltar, ademais, que entendemos o bairro como as imediações mais próximas à residência, agregando uma quantidade limitada de pessoas, ao passo que os distritos de São Paulo possuem dezenas de milhares de habitantes.

Mas, afinal, onde moram os indivíduos com quem se relacionam os nossos entrevistados de São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi? Há diferenças devido ao parentesco? Há diferenças raciais e de gênero?

Dos componentes das redes, 58% residem no mesmo distrito do entrevistado ou em distritos do entorno²¹. Tal característica é mais acentuada em São Miguel Paulista (68,4%), do que no Tatuapé (52,4%) ou no Itaim Bibi (37,7%)²². Considerando-se os entrevistados residentes neste último, 74% dos seus vínculos se localizam em “regiões nobres” da metrópole, enquanto que em São Miguel apenas 9% dos vínculos residem em “regiões nobres”. Já no Tatuapé, situado nas bordas do principal aglomerado de áreas nobres, 51% dos vínculos moram em “regiões nobres” e 49% não.

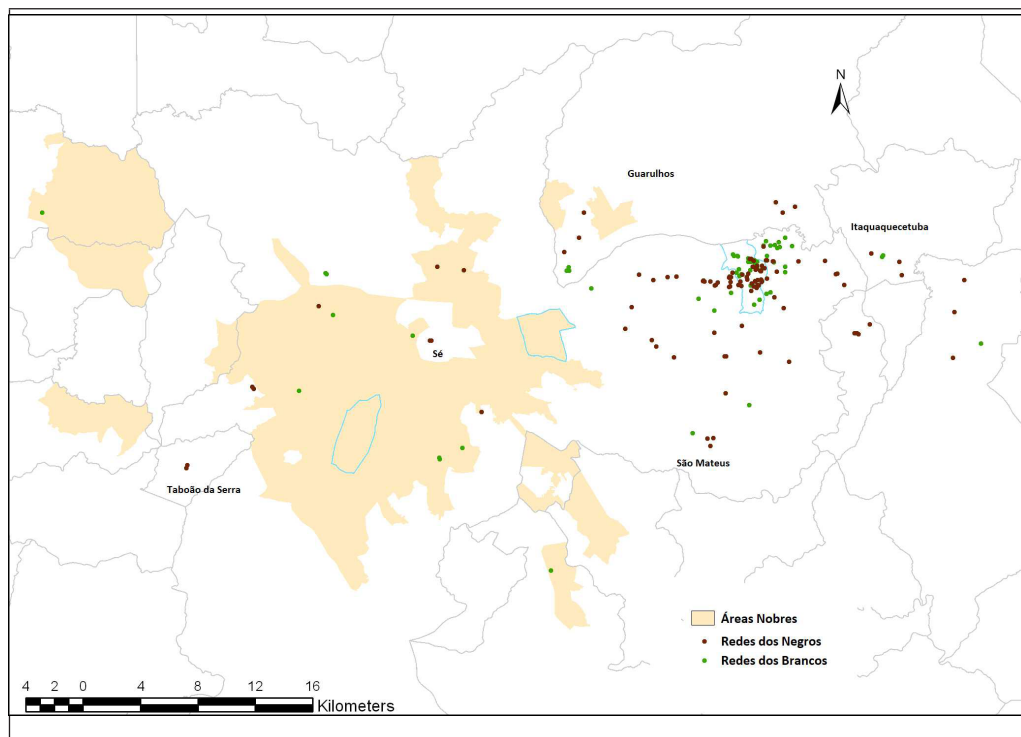
Vejamos agora, tendências mais específicas de cada uma das áreas estudadas.

²¹ Excluímos os casos onde o local de moradia do componente da rede não foi informado pelo entrevistado ou os casos em que o componente reside fora da Região Metropolitana (ambos totalizam 34 dos 362 vínculos mencionados).

²² Podemos nos questionar se isso se trataria de um viés que ocorre pela grande quantidade de parentes nas redes. Porém, mesmo quando excluídos os parentes, tal tendência de concentração dos vínculos no distrito de residência do ego e seu entorno continua forte. Concentram-se no distrito e entorno, 51,2% dos casos. Em São Miguel Paulista são 62% dos casos, 45% no Tatuapé e 35% no Itaim Bibi.

Em São Miguel Paulista, se somarmos os laços com pessoas que residem no distrito, no entorno, e em outros distritos da zona leste e municípios a leste de São Paulo (como Guarulhos, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos e Suzano), chegamos a 84,4% dos casos. Ou seja, quase todos os vínculos dos entrevistados de São Miguel residem nas redondezas do distrito ou em áreas periféricas da zona leste²³. Este resultado está explicitado no Mapa 9.

Mapa 9 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos de São Miguel Paulista



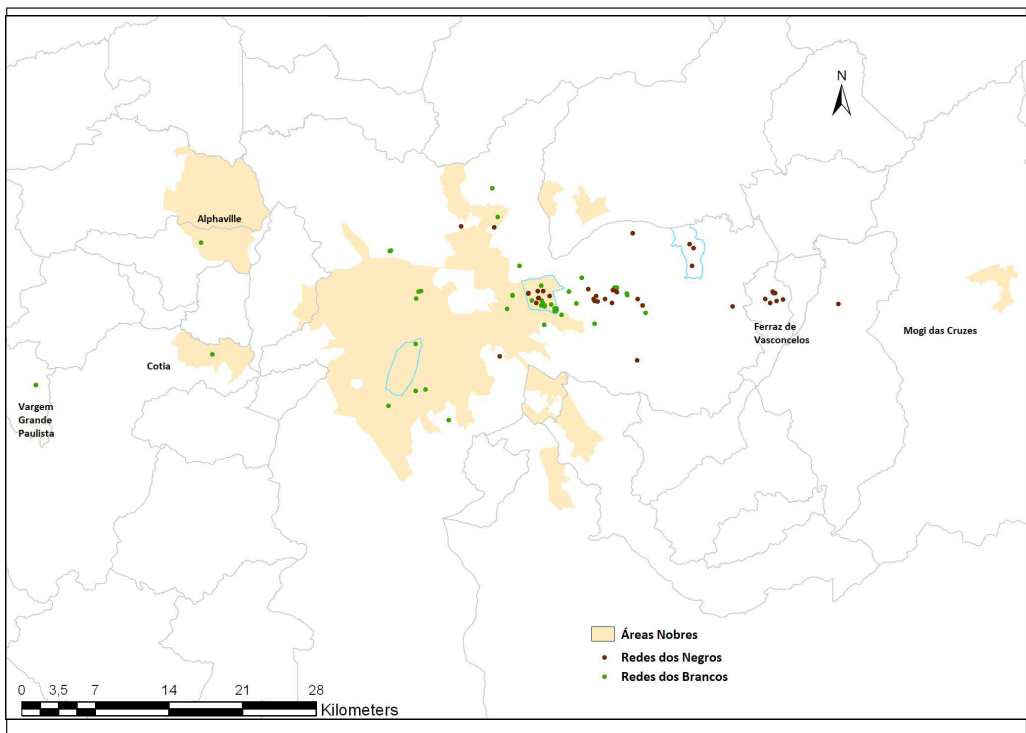
No mapa, vemos que os moradores de São Miguel Paulista possuem poucos moradores de regiões nobres em suas redes. Há diferenças raciais, não muito grandes: os negros com mais contatos em outros distritos da zona leste e município a leste de São Paulo, ao passo que os brancos possuem mais laços em outras partes da cidade de São Paulo e em regiões nobres.

²³ O restante reside em outras cidades da região metropolitana (como Taboão da Serra) ou em outras localidades do município de São Paulo (como Pirituba, Rio Pequeno, República, Santana, Saúde).

No Tatuapé, tal como em São Miguel, é muito grande a parcela de contatos que residem em distritos da zona leste de São Paulo e em cidades a leste da capital. Somando-se estes vínculos com os que residem no distrito e entorno, obtêm-se 76,2% do total dos vínculos. Porém, diferentemente de São Miguel, é maior a participação de componentes das redes que residem em outras partes do município de São Paulo.

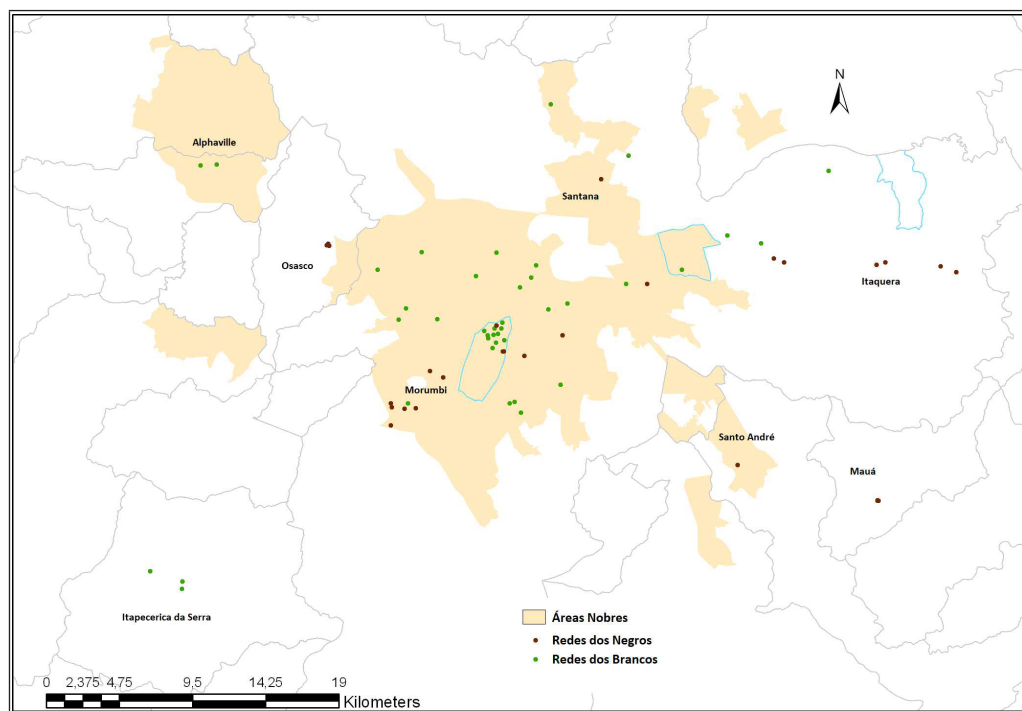
As diferenças raciais no que tange às residências dos vínculos são bastante expressivas no Tatuapé, conforme demonstra o Mapa 10. Enquanto a maior parcela dos contatos dos negros reside em outros distritos da zona leste ou municípios a leste da capital, a maior parcela dos contatos dos brancos mora no próprio Tatuapé ou em outros bairros do município de São Paulo, tais como Campo Belo, Freguesia do Ó e Perdizes. A maioria dos contatos dos brancos estão em regiões nobres, ao contrário da maioria dos contatos dos negros. Observou-se algumas diferenças de gênero nas redes do Tatuapé: as redes dos homens são mais concentradas no próprio Tatuapé e em regiões nobres, enquanto nas redes das mulheres predominam vínculos com pessoas que moram em locais mais distantes, à leste e em outras partes de São Paulo.

Mapa 10 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos do Tatuapé



No Itaim Bibi (Mapa 11), a maior parte das residências dos componentes das redes pessoais (74%) encontra-se em regiões nobres. Principalmente no próprio distrito, em seu entorno ou em outras localidades do chamado Quadrante Sudoeste²⁴ (como, por exemplo, Butantã e Campo Belo). Além disso, mais do que nas outras áreas onde fizemos entrevistas, há significativa parcela de laços localizados em outros locais da região metropolitana (Alphaville, Osasco, Itapeverica da Serra) ou mesmo fora da região metropolitana. Os pontos do Mapa 11 demonstram que a maior parte dos vínculos residentes fora das regiões nobres são membros das redes das negras (lembrando que no Itaim Bibi entrevistamos apenas duas negras e quatro brancos).

Mapa 11 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos do Itaim Bibi



A pesquisa de Marques (2010) mostra que as redes de pessoas de classe média costumam ser mais variadas espacialmente. Devemos acrescentar que, considerando diferentes locais de moradia das classes médias destes três locais, notamos distintas “formas de variação”. A localização das redes dos entres-

²⁴ Forma pela qual Villaça (1998) designa bairros nobres localizados em setores a Oeste e Sul de São Paulo.

tados do Itaim Bibi tem razoável variação espacial, mas concentrando-se no interior do aglomerado de áreas nobres. No caso das redes do Tatuapé e de São Miguel Paulista, há uma significativa concentração no entorno destes distritos. Isso pode ser devido à posição mais central do Itaim Bibi, que favorece um maior acesso a vias que conectam a cidade e aos sistemas de transporte. Mas tal achado também pode estar ligado ao fato de que bairros nobres como o Itaim Bibi sejam visados como destino habitacional (mais do que o Tatuapé) de moradores provenientes de diversos outros bairros, nobres ou não; de modo que indivíduos que mudariam para lá trariam consigo vínculos com pessoas de diversas localidades.

De modo geral, esta análise das localizações residenciais das pessoas do círculo pessoal dos nossos entrevistados demonstrou que, apesar do bairro e da vizinhança não parecerem ser muito significativos enquanto esfera de sociabilidade, é forte a tendência destes laços mais íntimos residirem em regiões próximas às dos entrevistados. Em outras palavras, o espaço importa, mas em escala mais ampla que a da vizinhança. E, nesse sentido, separação residencial associa-se a separação espacial das redes.

Mais do que isso, identificamos diferenças raciais entre moradores das mesmas localidades. Brancos possuem mais vínculos com indivíduos residentes em regiões nobres enquanto os negros possuem mais vínculos com indivíduos de áreas periféricas da zona leste e à leste de São Paulo. Esta tendência é ainda mais expressiva no Tatuapé, onde há também maiores desigualdades de renda entre negros e brancos, conforme apontado em seção anterior.

4.3.8. Homofilia Racial nas Redes

Esta seção dedica-se a avaliar a composição racial das redes dos entrevistados. Mais especificamente, pretendemos avaliar os níveis de homofilia racial nas redes, ou seja, em que medida as redes dos entrevistados brancos é composta por outros brancos e em que medida as redes de negros é composta por negros.

Ao discutir homofilia devemos atentar para o fato de que a composição das redes pessoais é moldada tanto por fatores estruturais quanto pela agência individual. Isto é, por um lado os atributos dos componentes das nossas redes são determinados pelas características das pessoas com as quais temos oportunidade de nos relacionar nos ambientes e contextos sociais que frequentamos. Assim, haveria uma tendência da rede de um sujeito que frequenta ambientes onde predominam pessoas de classe média ter sua rede composta majoritariamente por

indivíduos de classe média. Nesse sentido, dados os resultados acima apresentados, de que boa parte das relações dos sujeitos se dão com indivíduos cujas residências encontram-se próximos, podemos esperar que hajam mais brancos nas redes do Itaim Bibi (cuja população é 94% branca) do que em São Miguel Paulista (com 53,5% de brancos).

Entretanto, por outro lado, a formação das redes é, também, uma questão de escolha individual (ou de “ser escolhido”), uma vez que é necessária certa “dedicação” para se manter um vínculo. Assim, a despeito de frequentar ambientes de classe média, um indivíduo pode optar por não cultivar relações com esses indivíduos. Ou então, os próprios indivíduos deste contexto podem ter optado por não se relacionar com o sujeito em questão.

A Tabela 16, a seguir, apresenta percentuais de vínculos racialmente homogênicos nas redes dos nossos entrevistados. Ou seja, por exemplo, qual o percentual de componentes das redes dos brancos é de indivíduos brancos. Convém lembrar, novamente, que não pretendemos, com isso, sugerir tendências estatisticamente representativas das redes de São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi. Porém, as comparações entre as redes de nossos entrevistados negros e brancos sugerem direções e disposições significativas, estimulando análises e propondo futuras investigações mais aprofundadas.

Tabela 17 - Homofilia Racial

Todos os Vínculos Levantados				
	Branco em redes de brancos	Negro em redes de brancos	Negro em redes de negros	Branco em redes de negros
Todos	79%	21%	50%	50%
São Miguel	66%	34%	56%	44%
Tatuapé	91%	9%	33%	67%
Itaim Bibi	88%	13%	47%	53%
Vínculos Não-Familiares				
	Branco em redes de brancos	Negro em redes de brancos	Negro em redes de negros	Branco em redes de negros
Todos	76%	24%	45%	55%
São Miguel	64%	36%	55%	45%
Tatuapé	88%	12%	25%	75%
Itaim Bibi	80%	20%	33%	67%

Como é muito provável que os caracteres fenotípicos de parentes sejam semelhantes e é alta a participação de parentes nas redes pessoais, isso pode acarretar vieses na nossa análise da homofilia. Por isso, a Tabela X apresenta, separadamente, taxas de homofilia para todos os vínculos e para vínculos com não-parentes. De fato, a exclusão dos vínculos familiares reduz os valores das taxas de homofilia, principalmente dos negros, que possuem mais parentes em duas redes. No entanto, as principais tendências se mantêm.

Os resultados demonstram que os brancos são muito mais racialmente homofílicos do que os negros, que possuem redes racialmente mais misturadas. Convém ressaltar que em São Miguel Paulista, local com expressiva participação de negros na população, os brancos são menos homofílicos e os negros são mais. No Itaim Bibi e no Tatuapé, quase não há negros nas redes dos brancos. Em números absolutos, dos 95 vínculos de brancos desses locais, apenas 10 são com negros.

Como abordamos indivíduos de classe média, e estas classes são majoritariamente brancas, é razoável esperar que haja uma maioria de relações com brancos. Além disso, podemos supor que quanto mais branco for determinado local, mais brancas seriam as redes. Ou seja, há uma expectativa de alta homofilia dos brancos e baixa homofilia dos negros que é confirmada pelos dados. Porém, argumentaremos mais adiante que, em conjunção com outros fatores, esta circunstância deve levar a uma reprodução da estrutura racial descrita no capítulo 3. Principalmente se considerarmos que a participação de brancos em redes de brancos é sempre maior, indicando uma tendência de socialização racialmente segmentada, independentemente do local pesquisado.

4.3.9. Redes de Locais: descrições gerais

Nesta seção desenvolveremos, enfocando os locais frequentados pelos entrevistados, lógica similar à da análise da localização das redes. Questionaremos onde frequentam os moradores de São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi, e quais as diferenças raciais no que tange aos locais frequentados.

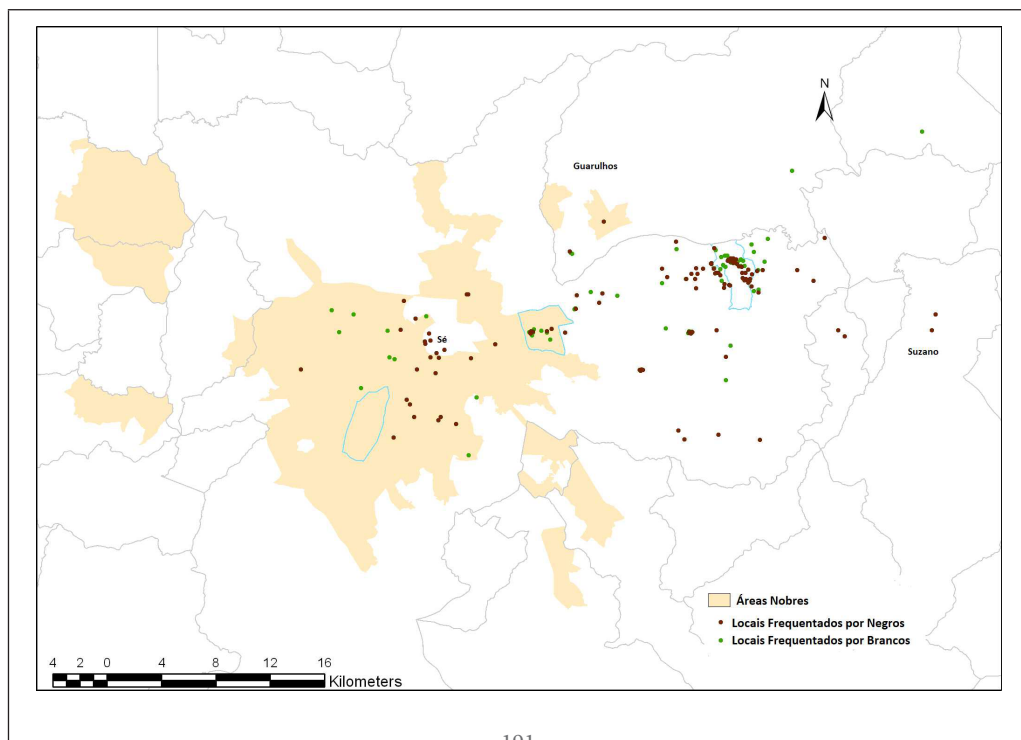
Para os entrevistados de São Miguel, a maior parte dos locais frequentados localiza-se no próprio distrito e em seu entorno. Os pontos no Mapa 12 evidenciam também muitos locais situados no distrito do Tatuapé. Isso demonstra a importância do Tatuapé enquanto referência para a zona leste paulistana, inclusive para moradores com acesso a uma centralidade comercial, como São Miguel.

Há uma quantidade expressiva, porém minoritária de locais situados em regiões nobres como Tatuapé, Liberdade, Lapa, Vila Mariana etc. Os locais de trabalho da maioria dos entrevistados situam-se na zona leste, enquanto que os serviços médicos são buscados principalmente em regiões nobres de São Paulo.

Os brancos têm maior frequência a locais no próprio distrito, enquanto os negros frequentam mais os distritos do entorno e outros locais da zona leste. Nas áreas nobres, os negros frequentam mais lugares situados em distritos da zona sul atendidos pela linha azul do Metrô, ao passo que os lugares frequentados por brancos têm maior concentração em bairros da zona oeste. Há significativa frequência de negros nos distritos que compõem o “centro velho” de São Paulo (Sé e República).

Há um desequilíbrio de gênero significativo, com mulheres se concentrando no próprio distrito e em outras áreas da zona leste, enquanto os homens se deslocam para locais mais distantes da cidade de São Paulo, frequentando mais regiões nobres. Tais tendências são coerentes com estudos que demonstram que o raio de circulação das mulheres é mais restrito que o dos homens (Flores 2006, p. ex.). Isso se reflete, inclusive nos serviços de atendimento à saúde, com homens buscando mais serviços médicos em regiões centrais e nobres, e mulheres restringindo-se mais às redondezas.

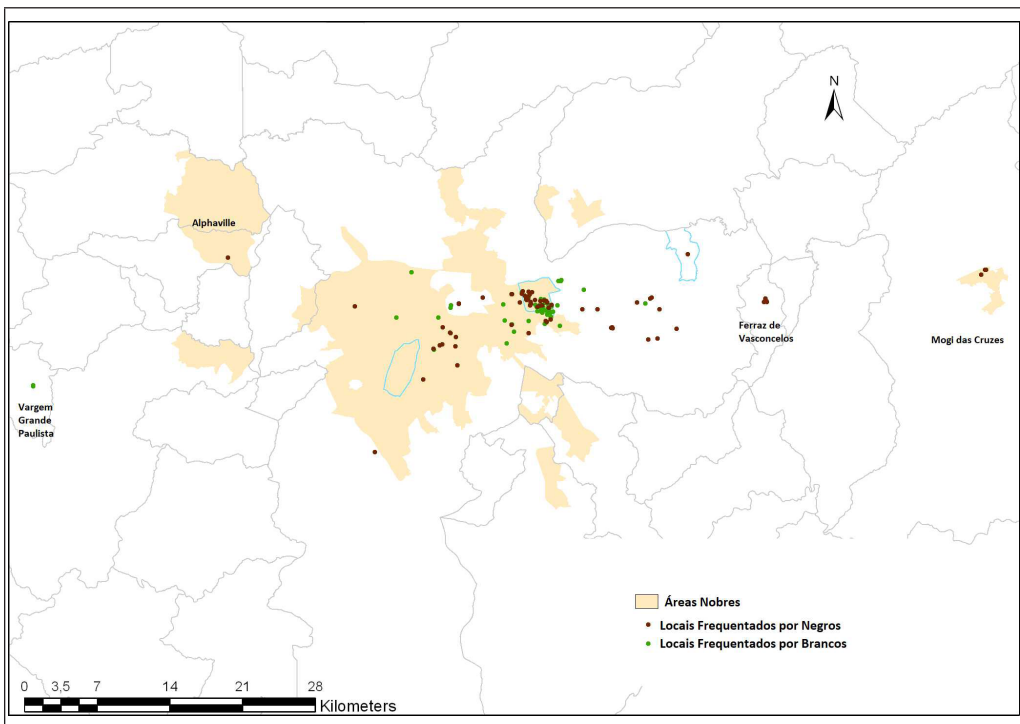
Mapa 12 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos de São Miguel Paulista



Com relação aos entrevistados do Tatuapé, o Mapa 13 aponta que predominam as menções a locais no próprio distrito, seguidas de alusões a locais em regiões nobres da proximidade, como Mooca ou Jardim Anália Franco. Os moradores do Tatuapé se deslocam muito menos que os de São Miguel Paulista, indo principalmente para regiões nobres.

Há grande concentração dos locais frequentados por negros no distrito e entorno, mas não tão forte quanto no caso dos brancos. Pouquíssimos locais frequentados pelos brancos não se localizam no distrito e em seu entorno. Os negros do Tatuapé frequentam mais locais situados na porção leste da metrópole.

Mapa 13 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos do Tatuapé

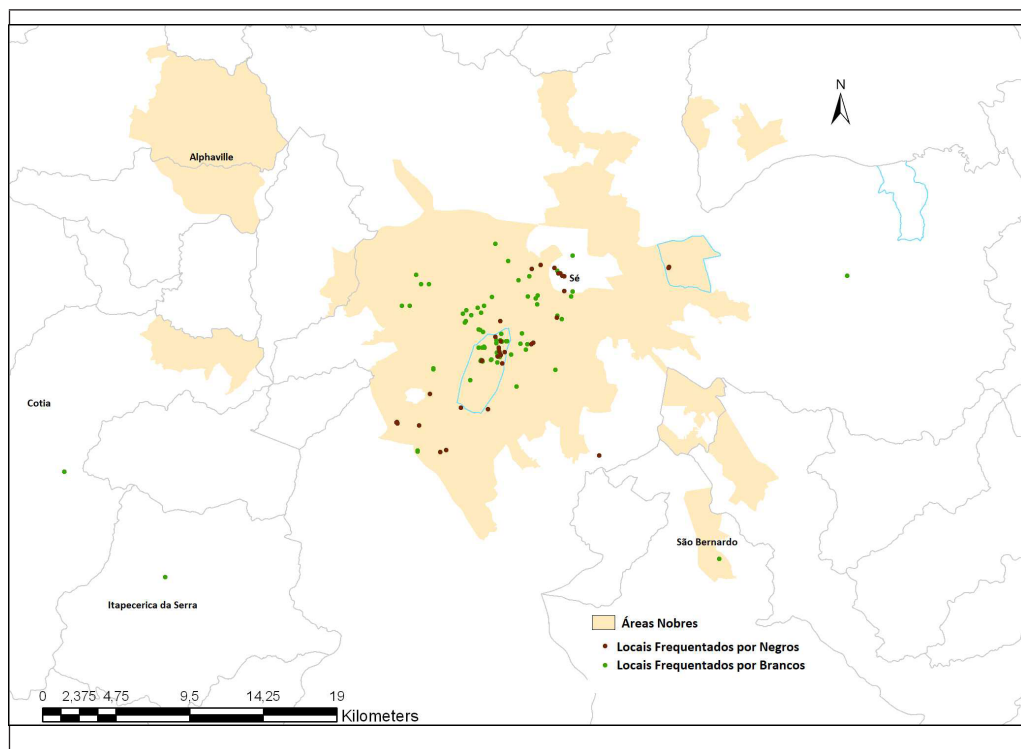


No Tatuapé, as mulheres negras foram as entrevistadas que se deslocam mais para ir trabalhar, enquanto os homens brancos são os que se deslocam menos. Trata-se de uma inversão da tendência de gênero observada em São Miguel. É provável que o fato das mulheres do Tatuapé circularem para lugares mais distantes que as de São Miguel esteja associado à presença do metrô, facilitando o acesso a outras partes da cidade.

Do modo semelhante ao Tatuapé, dos locais mencionados pelos entrevistados no Itaim Bibi (Mapa 14) são preponderantes aqueles situados no distrito ou em seu entorno. Quase 90% dos locais citados encontram-se num raio de 9km a partir do bairro. Poucos são os lugares que não se encontra em regiões nobres. Destes, a maioria se localiza no distrito da República, no “centro velho” de São Paulo, e é frequentado pelas entrevistadas negras. Quase todos os entrevistados do Itaim Bibi trabalham no distrito ou entorno.

De um modo geral, os trajetos e relações têm um padrão “meso”, ou seja, orbitam mais ou menos na escala do distrito, ou em torno de determinadas centralidades. Isso dá a entender que diferentes classes ou grupos sociais de uma mesma área tem a maior parte de suas relações e locais de frequência em determinadas “regiões” da metrópole. Isso aponta para a necessidade de pesquisas sobre a convivência de distintos grupos em determinados pedaços do espaço urbano, não na metrópole como um todo.

Mapa 14 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos do Itaim Bibi



* * *

As descrições desta seção e das anteriores revelaram as tendências mais gerais das redes de pessoas e locais. Constatou-se significativa proporção de parentes dentre os membros das redes, mais acentuada entre os negros, podendo indicar mais dificuldade destes constituírem laços fora do ambiente familiar. Além disso, a vizinhança não exibe grande relevância como esfera de sociabilidade, o que não anula a importância do espaço e das distâncias físicas, uma vez que a maior parte dos laços são constituídos com moradores do distrito de residência dos entrevistados e de seu entorno. Dentre os vínculos dos entrevistados do Itaim Bibi, predominam moradores de áreas nobres, oposto do que ocorre nas redes de São Miguel Paulista. Os componentes das redes do Tatuapé são metade de áreas nobres e metade não. Nos três locais pesquisados, brancos têm mais laços com moradores de áreas nobres do que negros.

Além disso, a análise da homofilia racial nas redes revelou que – coerentemente com a expectativa de um estudo de redes de indivíduos de classe média, predominantemente brancas – há maior homofilia dos brancos e maior mistura racial em redes de negros. No entanto, comparando-se brancos e negros dos mesmos locais, há sempre mais brancos em redes de brancos e mais negros em redes de negros.

Os locais frequentados repetem o padrão de concentração no distrito e entorno. Os entrevistados de São Miguel Paulista percorrem maiores distâncias, havendo, porém, diferenças de gênero mais marcadas: mulheres restringem-se mais ao entorno do distrito ao passo que homens frequentam mais áreas nobres. Para os entrevistados do Itaim Bibi os locais frequentados estão quase todos em áreas nobres. Os entrevistados do Tatuapé são aqueles menos se deslocam para seus locais de frequência, uma vez que estes concentram-se preponderantemente no distrito e entorno.

4.3.10. Tipologia de Redes de Pessoas e Locais

Nesta seção, analisaremos conjuntamente redes pessoais e locais frequentados, articulados com outros atributos dos entrevistados. Para tanto, apresentamos uma tipologia de redes de pessoas e locais constituída a partir de correspondências observadas no material colhido.

Dado que, conforme constatado nas seções anteriores, o local de moradia exerce significativa influência na composição das redes pessoais e nas possibilidades de deslocamento para determinados locais, foram propostos tipos de “redes de pessoas e locais” para cada área pesquisada. Ou seja, agregamos entrevistados em categorias de acordo com semelhanças em suas redes pessoais e em seus conjuntos de locais frequentados. Apresentaremos um total de oito tipos: quatro de São Miguel Paulista (I, II, III, IV), dois do Tatuapé (V, VI) e mais dois do Itaim Bibi (VII e VIII). Na Tabela 16, a seguir, exhibe uma descrição sumária dos oito tipos.

O Tipo I é composto por moradores de São Miguel Paulista que possuem relações com brancos de classe média, muitos vínculos em regiões nobres, e que trabalham e frequentam locais em regiões nobres. Isso não quer dizer que não tenham vínculos ou que não vão a locais de São Miguel ou da zona leste, mas o fato de terem vínculos e frequentarem regiões nobres é o principal traço que os distingue. Neste tipo, foram enquadrados os entrevistados Amadeu, Marcela, Armando. Todos são brancos. Vieram de famílias cujos pais foram profissionais ou proprietários, tendo diversos parentes que concluíram ensino superior (em geração anterior ou na mesma). Trata-se de uma classe média mais antiga de São Miguel Paulista. Todos demonstrando, inclusive, forte vínculo sentimental com a região. Nas trajetórias ocupacionais, é marcante o fato de terem trabalhado em diversos lugares da cidade de São Paulo, para além da zona leste. Sendo que, destes locais, alguns localizam-se em regiões nobres.

Tabela 18: Síntese da tipologia de redes de pessoas e locais.

São Miguel Paulista			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
I	Amadeu, Marcela, Armando (Branços)	Relações com brancos de classe média	Locais em regiões nobres
II	Lucas (negro), Regina, Luana e Glauco (brancos)	Relações e locais em São Miguel Paulista	
III	Jessé, Santiago, Lívia (negros)	Relações com negros de São Miguel Paulista e zona leste	Locais em São Miguel Paulista e zona leste
IV	Joaquim, Rebeca, Rita (negros)	Relações com pobres (família) e classe média da zona leste (não-família)	Locais na zona leste e regiões nobres
Tatuapé			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
V	Miriam, Fernanda, Alan e Diogo (brancos)	Relações com brancos de classe média na região do Tatuapé e áreas nobres	Locais na região do Tatuapé
VI	Milena, Sabrina, Nei e Orlando (negros)	Relações na região do Tatuapé e zona leste	Locais na região do Tatuapé e em outras partes de São Paulo (nobres ou não)
Itaim Bibi			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
VII	Olavo, Eliana e Elvira (brancos)	Relações com brancos de classe média no Itaim Bibi e regiões nobres	Locais no Itaim Bibi e regiões nobres
VIII	Valter (branco), Izilda, Ivana, Josué* (negros)	Relações com pobres da zona leste (família) e brancos de classe média de regiões nobres (não-família)	Locais do quadrante sudoeste (nobres ou não)

A principal característica do Tipo II é a forte vinculação destes indivíduos com a região de São Miguel Paulista, suas redes pessoais se concentram no distrito e nas imediações, assim como os locais frequentados. Em suas trajetórias ocupacionais, predominam empregos localizados na zona leste. Além disso, estes foram os entrevistados cujas descrições do bairro deram mais ênfase a aspectos positivos, demonstrando ser este um local onde se sentem muito confortáveis. Destacam o comércio de São Miguel e o fato do bairro proporcionar fácil acesso a diversas outras áreas da metrópole (através do trem, linhas de ônibus e vias expressas da região), sendo um importante ponto de referência da zona leste. Os entrevistados deste grupo, aliás, são os que mais se locomovem de transporte público.

Neste tipo, enquadram-se os entrevistados Lucas, Regina, Luana e Glauco. São duas mulheres brancas e dois homens, um negro e outro branco. Predominam laços com indivíduos mais pobres, negros e brancos. Há uma diferença importante entre as mulheres e homens deste grupo. Apesar de predominar a frequência a locais na região de São Miguel, os homens, quando vão para fora do distrito, costumam frequentar regiões nobres da cidade de São Paulo, como Vila Mariana e Jardins. Os locais frequentados pelas mulheres restringem-se à zona leste, a única área nobre frequentada por elas é o Tatuapé.

O Tipo III é composto por negros cujas redes de relações pessoais são constituídas predominantemente por outros negros (forte homofilia racial), residentes de São Miguel Paulista e de outras áreas periféricas da zona leste (ou municípios na parte leste da metrópole). Seus locais de frequência restringem-se, também, a estas áreas. Tratam-se dos entrevistados Jessé, Santiago, Lívia. São os únicos entrevistados cujas famílias de origem não possuíam imóveis em São Miguel. Na verdade, a aquisição de um imóvel no distrito é parte de um processo maior de estabilização socioeconômica e residencial destes indivíduos. Todos dizem que não gostariam de morar em São Miguel o resto da vida.

O Tipo IV, no qual se enquadram três entrevistados negros (Joaquim, Rebeca, Rita) se caracteriza por uma clivagem significativa nas características de familiares e não-familiares nas suas redes pessoais. Do conjunto de indivíduos citados como mais próximos, os parentes são de classe baixa, ao passo que os vínculos fora da família são indivíduos de classe média. Isto deve ser reflexo de uma trajetória de ascensão social. A maior parte dos componentes das redes (família ou não) reside na zona leste, mas os entrevistados também têm significativa frequência a locais em regiões nobres da cidade. Em suma, são negros que, apesar de virem de famílias pobres, têm grande sociabilidade entre pessoas de classe média, mas restringem-se à zona leste em suas relações. A maior parte de suas trajetórias ocupacionais deu-se em empregos localizados na zona leste de São Paulo. Se locomovem prioritariamente de automóvel. Ressaltam o comércio como aspecto positivo de São Miguel Paulista e, como pontos negativos, todos mencionaram a violência por parte “*da polícia e dos bandidos*”. Eles têm relações com vizinhos, mas, destacam que as discordâncias de opinião e posicionamentos políticos é um fator importante em suas diferenças com os moradores da vizinhança. Os entrevistados, manifestando opiniões políticas de esquerda, queixam-se da dificuldade de diálogo com os vizinhos.

O Tatuapé, localizado no limite das áreas nobres, e sendo o local pesquisado com maiores desigualdades raciais de renda (no geral e na classe média), apre-

senta, também, importante segmentação racial no que diz respeito às redes de pessoas e locais. Os brancos estão voltados para as áreas nobres mais centrais, enquanto os negros estão voltados para o leste mais periférico, isto se reflete nos dois tipos construídos.

O Tipo V é composto pelos entrevistados brancos do Tatuapé (Miriam, Fernanda, Alan e Diogo). Possuem relações com brancos de classe média, principalmente nas cercanias do Tatuapé e em áreas nobres de São Paulo. Os locais de trabalho e outros lugares frequentados situam-se no próprio distrito e em seu entorno. Dois dos entrevistados deste grupo foram criados no próprio Tatuapé e reclamam que o bairro atingiu seu limite de construções e crescimento. No entanto, todos demonstram gostar muito do local, não gostariam de mudar e, se o fizessem, iriam para áreas próximas como Mooca ou Jardim Anália Franco.

Enquadram-se no Tipo VI os entrevistados negros do Tatuapé (Milena, Sabrina, Nei e Orlando). Possuem relações próximas com pessoas do Tatuapé e de áreas mais periféricas da zona leste. Trabalham em locais mais distantes da cidade de São Paulo (como Socorro e Vila Mariana), utilizando sempre transporte coletivo para se deslocar ao trabalho. Com exceção do trabalho, os locais de frequência se concentram principalmente no Tatuapé e entorno, mas também há acesso a regiões nobres, principalmente por parte daqueles que se transitam por estas regiões por razões profissionais ou no caminho para o trabalho.

Três dos integrantes deste grupo (Milena, Sabrina e Nei) são originários de locais mais periféricos da zona leste ou de municípios a leste da metrópole (Ferraz de Vasconcelos, Vila Matilde, São Miguel Paulista). Mudaram-se para o Tatuapé, em parte, para facilitar o acesso ao trabalho. Cursaram ensino superior anos depois da faixa etária considerada “ideal”. Já Orlando é originário de uma família de classe média do próprio Tatuapé. Chama atenção, neste caso, o fato de que suas relações fora da família são com pessoas de classe social mais baixa moradoras de áreas mais à leste (Vila Matilde e Artur Alvim).

No Itaim Bibi, a ausência de dois homens negros entre os entrevistados prejudicou a constituição de tipos segmentados por diferenças raciais. A principal clivagem que distingue os dois tipos do Itaim Bibi é a origem. Os indivíduos do Tipo VII são originários de famílias bem estabelecidas na classe média, oriundos de bairros nobres, como Granja Viana, Pinheiros e do próprio Itaim. Os indivíduos do Tipo VIII são originários da zona leste de São Paulo, de famílias pobres ou de classe média recente.

O Tipo VII é composto pelos entrevistados Olavo, Eliana e Elvira. Todos brancos. Suas redes de relações e locais de frequência se localizam no próprio

Itaim Bibi e em áreas nobres do quadrante sudoeste. Relacionam-se com brancos de classe média residentes destas mesmas áreas. São originários de famílias de classe média bem estabelecidas e estudaram em escolas particulares.

O Tipo VIII também é marcado por uma segmentação entre parentes e não-parentes (como o Tipo IV). Possuem laços com familiares da zona leste de classe mais baixa e laços não-familiares com indivíduos brancos de classe média moradores de regiões nobres. Frequentam locais do quadrante sudoeste, nobres ou não. A principal diferença com relação ao Tipo IV é o fato de cultivarem relações próximas com moradores de áreas nobres.

Originários de famílias pobres ou de classe média recente, estudaram em escolas públicas e trabalharam nos mais diversos locais da cidade de São Paulo. Os imóveis onde residem foram adquiridos através de financiamento. Têm poucas relações com os vizinhos, que consideram “desconfiados” e “de nariz empinado”, mas apreciam viver num bairro considerado “de classe boa”. Fazem severas críticas aos seus locais de origem, na zona leste, principalmente quanto à distância das centralidades, ao “nível cultural” inferior das pessoas que lá residem e por se verem estigmatizados quando moravam lá.

Enquadram-se neste grupo os entrevistados Valter (branco), Izilda e Ivana (negras) do Itaim Bibi, mas também o entrevistado Josué, de São Miguel Paulista. Este último, na verdade, morou durante um bom tempo no distrito da Consolação e em outras regiões nobres, retornando a São Miguel Paulista porque os pais, muito velhos, necessitavam de cuidados especiais.

4.4. SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL, REDES PESSOAIS, EXPERIÊNCIAS URBANAS E RELAÇÕES RACIAIS: ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

Neste capítulo, propusemos estratégias alternativas para a descrição e análise sociológica do fenômeno da segregação no intento de ir além dos diferenciais de localização das moradias para nos aproximar ainda mais das dimensões de integração e acesso, das quais as localizações residenciais pretendiam exercer a função de *proxy*. Trata-se de uma perspectiva que pretende estudar a segregação residencial levando em consideração as mobilidades dos indivíduos pelo espaço urbano e a constituição de laços íntimos em espaços não restritos à vizinhança. Visando captar a dimensões de integração, coletamos redes pessoais, e visando

observar o acesso, levantados os locais frequentados pelos indivíduos. Como resultado, obtivemos “redes de pessoais e locais” de negros e brancos de classe média moradores de São Miguel Paulista, Tatuapé e Itaim Bibi.

Embora a discussão sociológica de questões de gênero não esteja entre os objetivos principais deste trabalho, alguns diferenciais de gênero se impuseram nas resultados apresentadas neste capítulo. Por exemplo, em comparação com os homens, as mulheres de São Miguel Paulista possuem trabalhos e frequentam locais muito mais próximos às suas residências. No Tatuapé, em contraste, as mulheres se deslocam mais, provavelmente devido à existência do metrô no local. Isto reforça a assertiva de que as políticas de transporte público são especialmente relevantes para a mobilidade de mulheres (Svab 2016). Apesar de não verificarmos a prevalência de uso de transporte coletivo entre elas, observamos que boa parte das nossas entrevistadas que possuem automóvel, mesmo assim se locomovem de transporte coletivo. Além disso, no que tange aos diferenciais de gênero, outro relevante aspecto foi o fato de que a maior parte dos relatos de “situações de desrespeito” e discriminação coletadas foram narrados por mulheres (principalmente pelas mulheres negras entrevistadas).

De um modo geral, as análises confirmam a hipótese da importância do local de residência, mas sem passar pela vizinhança. Ou seja, mantêm-se o pressuposto da escola de Chicago de que as distâncias físicas são importante fator para as relações sociais. Mas não se ratifica a ideia de que existiria grande relevância nas interações face-a-face entre vizinhos.

A análise das redes pessoais aponta o espaço como fator de homofilia. A maioria dos componentes das redes dos entrevistados reside no próprio distrito ou nas imediações do distrito do entrevistado, o que indica que a proximidade física dos locais de residência – mas não necessariamente a vizinhança – pode ter importante contribuição para delimitação do escopo das relações sociais dos indivíduos.

Como previsto por estudos clássicos de redes pessoais (Wellman 1979; Fischer 1995), poucos são os laços das redes pessoais que decorrem de relações de vizinhança. Mas também não podemos dizer, tal como Wellman (1979), que é na escala da metrópole onde se enquadra a maior parte dos laços pessoais. Nossos resultados, porém, apontam redes bem “regionalizadas” no interior da metrópole.

A maior parte dos locais frequentados pelos indivíduos entrevistados localiza-se nos arredores do distrito onde residem. Isso quer dizer que, não obstante possuírem automóvel e recursos materiais que favoreceriam a locomoção, seus

trajetos cotidianos têm localização relativamente próxima à residência. Não se restringem ao bairro, ao entorno imediato da moradia, mas sim a áreas mais amplas nas cercanias deste. Ou seja, em se tratando de acesso e frequência a diferentes lugares, a localização da residência tem significativa importância. Poderíamos, portanto, falar de uma “segregação em uma média escala”.

A avaliação da homofilia racial nas redes pessoais indicou uma tendência de segmentação racial nos relacionamentos dos indivíduos. Independentemente do local pesquisa redes de brancos têm mais brancos e redes de negros têm mais negros. Os tipos construídos na seção anterior ratificam esta tendência, evidenciando as diferenças raciais nas redes de pessoas e nos locais frequentados. As redes de brancos são majoritariamente constituídas por outros brancos de classe média. Ao passo que as redes dos negros são racialmente mais misturadas. Ou seja, os brancos de classe média possuem círculos de relações mais homogêneas brancas, exibindo uma característica de fechamento social. Além disso, considerando-se tanto as redes como os locais frequentados, notamos que os brancos estão mais voltados para as áreas nobres do que os negros.

Uma vez que segregação pode ser concebida como o oposto da integração e do acesso, os tipos mais segregados seriam aqueles cujas redes fossem constituídas por indivíduos muito semelhantes ao ego e os locais fossem restritos às cercanias da residência. São compatíveis com essa descrição os tipos III (relações com negros de São Miguel e zona leste, frequência a locais situados nestas regiões), V (relações com brancos de classe média do Tatuapé, frequência a locais deste distrito e áreas nobres) e VII (relações com brancos de classe média do Itaim Bibi, frequência a locais deste distrito e áreas nobres). Todavia, dizer que tais tipos são parecidos em termos de segregação esconde importantes diferenciações no que diz respeito a oportunidades: ter redes e locais restritos a São Miguel deve implicar maiores limitações e desvantagens do que no Tatuapé ou Itaim Bibi. Na verdade, o Tipo III, em contraposição com os Tipos V e VII representam polos opostos.

Os negros do Tipo III não apenas estão restritos a circuitos periféricos, distantes das localizações de maior valorização material e simbólica e das centralidades mais bem providas de políticas públicas, como também possuem as redes mais homogêneas de todos os entrevistados, o que pode acarretar em desvantagens no que tange a informações, oportunidades e perspectivas que tendem a circular mais através de laços sociais heterogêneos.

Os Tipos V e VII revelam aproximações entre os brancos do Tatuapé e do Itaim Bibi: ambos os grupos cultivam relações sociais predominantemente com

outros brancos de classe média, frequentando locais em seus próprios bairros e em outras áreas nobres da metrópole. Estes manifestam as maiores possibilidades de apropriação das localizações mais valiosas da metrópole, têm fácil deslocamento (com menor tempo) para as principais centralidades e convivem com pessoas que desfrutam destas mesmas condições de fruição do urbano, compartilhando práticas e estilos de vida.

Os outros tipos caracterizam-se por situações intermediárias e estes. Os brancos de São Miguel Paulista do Tipo II aproximam-se do polo inferior (Tipo III) mas com a vantagem de possuírem redes mais heterogêneas. Os do Tipo I aproximam-se do polo superior, mas com as desvantagens da localização e do deslocamento. Comparados aos Tipos V e VII, possuem relações sociais mais variadas e frequência a locais mais diversos.

Os Tipos IV (de São Miguel), VI (do Tatuapé) e VIII (do Itaim Bibi), compostos basicamente por negros, também são marcados pela variedade de relações. Estes tipos possuem as redes mais heterogêneas, frequência em áreas nobres, mas também fortes vínculos com localidades periféricas. Porém os tipos IV e VI não apresentam a presença de brancos de classe média moradores de áreas nobres em suas redes.

Apenas os negros do Tipo VIII apresentam significativa presença de brancos de classe média moradores de áreas nobres em suas redes. A comparação destes últimos com o Tipo I nos sugeriria que os brancos de São Miguel Paulista (representados no Tipo I) teriam tanta probabilidade de relacionamento com brancos de classe média das áreas nobres quanto negros residindo nestes mesmos espaços (Tipo VIII). Podemos insinuar, em outras palavras, que a proximidade fenotípica anularia a desvantagem da distância física e do deslocamento.

As evidências aqui apresentadas, não apenas demonstram a estrutura racial de grupos de status brancos-ricos e negros-pobres (Azevedo 1966 [1956]; Telles 2012[2004]), mas também nos permite vislumbrar mecanismos de sua reprodução.

Nossas análises das trajetórias dos entrevistados de São Miguel Paulista permitem-nos divisar uma tendência daqueles sujeitos permanecerem naquela região por gerações. Primeiro, o vínculo afetivo orienta uma preferência por locais de moradia próximos aos familiares. Além disso, a herança dos imóveis pertencentes aos pais representa singular oportunidade de acesso a bens. Ou seja, para estes indivíduos de São Miguel, o imóvel localizado na zona leste representa o único patrimônio que podem herdar.

É verdade, contudo, que as periferias passaram por muitas transformações e desenvolvimentos nas últimas décadas, ocasionando uma expectativa ou mesmo uma valorização de fato deste patrimônio. Porém, conforme vimos no capítulo 3, o valor das localizações sempre se dá relativamente a outras localizações. Nesse sentido, e em concordância com a argumentação de Camila Saraiva (2008), por mais que se transforme, a periferia se converte em “periferia consolidada”. Ou seja, o próprio peso da história urbana mantém a ordem das coisas.

Ademais, ao serem perguntados para onde mudariam, os moradores de São Miguel almejam bairros na própria zona leste, em especial, o Tatuapé, o primeiro bairro nobre para quem vem do lado leste. Foi no Tatuapé, área nobre relativamente recente, que observamos as maiores segmentações raciais.

Por fim, aqueles que logram adquirir imóvel em áreas elitizadas como o Itaim Bibi estão sob o risco de serem vistos como aqueles que “não se enquadram”, conforme a fala da entrevistada branca apresentada anteriormente, que tem passado toda sua vida neste bairro. A realização socioeconômica não implica uma integração, de fato, com a classe média branca.

Vimos, inclusive, que os sujeitos circulam e constroem relações nos seus próprios distritos e entorno. Ou seja, a suposta possibilidade de mobilidade e, por conseguinte, de acesso à cidade, dos indivíduos de classe média é limitada. Isso em virtude das más condições de locomoção, das desigualdades e deficiências da rede de transporte urbano e também das enormes dimensões urbanas da metrópole.

A estes fatores somam-se os diferenciais de localização das residências descritos no capítulo 2 (que fazem das áreas nobres eminentemente brancas) e as diferenças raciais observadas nas redes pessoais e nos locais frequentados. Os mapas apresentados neste capítulo revelaram que os negros possuem menor frequência e relações em áreas nobres do que os brancos, independentemente do local de residência. Identificamos, também, uma tendência à homofilia racial nas redes pessoais. A sobreposição destas dimensões aponta para uma reprodução das estruturas raciais fomentada por processos ocorridos no espaço urbano.

Apesar de nossa pesquisa não ter aprofundado elementos de identidade, estilo de vida e visão de mundo, podemos crer que tais estruturas de apropriação do espaço favoreçam a constituição, entre os brancos de classe média, de algo similar ao “habitus branco” proposto por Eduardo Bonilla-Silva (Bonilla-Silva 2006; Bonilla-Silva & Embrick 2007).

(...) poucos duvidam que, em geral, o isolamento social e espacial de um grupo leva à diferenciação deste para com outros grupos, assim como ao desenvolvimento de coesão grupal e identidade do grupo segregado. Se esta ideia se aplica a minorias raciais, ela se aplica aos brancos também (...) Afirmamos que a segregação e o isolamento dos brancos com relação às minorias cria um ‘habitus branco’, um processo ininterrupto de socialização racializada que cria e condiciona os brancos a gostos, percepções, sentimentos, emoções e visões sobre questões raciais. Uma das consequências centrais do habitus brancos é que ele promove um sentido de pertencimento grupal (uma cultura de solidariedade branca) e visões negativas acerca dos não-brancos. (Bonilla-Silva & Embrick 2007: 324-5).

Ou seja, o isolamento residencial e social fomentaria o compartilhamento de estilos de vida e traços culturais que poderiam ser lidos como verdadeiros referenciais identitários dos brancos de classe média moradores da região nobre da metrópole. Tratam-se de elementos que contribuem para cristalizar as hierarquias entre negros e brancos.

Ademais, nossos achados nos permitem dizer que tais hierarquias contêm fundamentos semelhantes àqueles teorizados por Norbert Elias em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (Elias & Scotson 2000). Não pretendemos sugerir aqui que a metrópole de São Paulo seja uma grande *Winston Parva*, dividida entre brancos “quatrocentões” estabelecidos e negros recém-chegados. Sabemos que as levadas migratórias de populações brancas e negras em São Paulo foram muitas e em distintas épocas. Contudo, queremos chamar atenção para a descrição que Elias & Scotson (2000) fazem dos alicerces da estrutura dos diferenciais de poder entre estabelecidos e outsiders, que guarda importantes semelhanças com dados apresentados em nossa pesquisa.

Nossos autores mostram que a antiguidade de estabelecimento da moradia num determinado local – as áreas nobres do “Quadrante Sudoeste” têm sido ocupadas pela elite branca há muitas décadas – funda uma forte coesão social. Esta, no nosso caso, é observada nas redes pessoais dos brancos de classe média, resultando numa estreita integração social que só pode ser reforçada pelo compartilhamento de referenciais identitários ligados à frequência a determinados locais. Os autores acrescentam, ainda, que:

A complementaridade entre o carisma grupal (do próprio grupo) e a desonra grupal (dos outros) é um dos aspectos mais significativos do tipo de relação estabelecidos-outsideers encontrada aqui. Ela merece um momento de consideração, pois fornece um indício da barreira emocional erguida nesse tipo de figuração pelos estabelecidos contra os outsiders. Mais do que qualquer outra coisa, talvez, essa barreira afetiva responde pela rigidez, amiúde extrema, da atitude dos grupos estabelecidos para com

os grupos outsiders — pela perpetuação do tabu contra o contato mais estreito com os outsiders, geração após geração, (...) (Elias & Scotson 2000: 25).

Quer os grupos a que se faz referência ao falar de ‘relações raciais’ ou ‘preconceito racial’ difiram ou não quanto a sua ascendência ‘racial’ e sua aparência, o aspecto saliente de sua relação é eles estarem ligados de um modo que confere a um recursos de poder muito maiores que os do outro e permite que esse grupo barre o acesso dos membros do outro ao centro dos recursos de poder e ao contato mais estreito com seus próprios membros, com isso relegando-os a urna posição de outsiders. (Elias & Scotson 2000: 32).

Foram tais barreiras, sejam elas emocionais ou de acesso aos centros de poder, que os esforços empíricos descritos neste capítulo visaram sondar através das narrativas das trajetórias dos entrevistados e do levantamento e mapeamento de suas redes pessoais e locais frequentados. Estas evidências, combinadas às análises quantitativas das distribuições residenciais, apresentam um quadro de reforçados indícios do isolamento – espacial, social, racial e de locais frequentados – por parte dos brancos de classe média de São Paulo. Demonstra-se, portanto, que os negros são, de fato, mantidos à distância, física e socialmente, mesmo quando pertencem a uma mesma classe social que a dos brancos.

